CYRO DOS ANJOS

A REPRESENTAÇÃO DA CRIAÇÃO LITERÁRIA, DO LEITOR E DA ESCRITA

GEUVANA VIEIRA DE OLIVEIRA MAIA

AMPLLA EDITORA

CYRO DOS ANJOS

A REPRESENTAÇÃO DA CRIAÇÃO LITERÁRIA, DO LEITOR E DA ESCRITA

GEUVANA VIEIRA DE OLIVEIRA MAIA

AMPLLA EDITORA

2026 - Amplla Editora
Copyright da Edição © Amplla Editora
Copyright do Texto © Os autores
Editor Chefe: Leonardo Tavares
Design da Capa: Amplla Editora
Diagramação: Higor Brito
Revisão: Os autores

Cyro dos Anjos: a representação da criação literária, do leitor e da escrita está licenciado sob CC BY-NC 4.0.

Essa licença permite que outros remixem, adaptem e desenvolvam seu trabalho para fins não comerciais e, embora os novos trabalhos devam ser creditados e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não precisam licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos. O conteúdo da obra e sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores e não representam a posição oficial da Amplla Editora. O download e o compartilhamento da obra são permitidos, desde que os autores sejam reconhecidos. Todos os direitos desta edição foram cedidos à Amplla Editora.

Catalogação na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

M217c

Maia, Geuvana Vieira de Oliveira

Cyro dos Anjos: a representação da criação literária, do leitor e da escrita / Geuvana Vieira de Oliveira Maia. – Campina Grande/PB: Amplla, 2026.

Livro em PDF

ISBN 978-65-5381-363-2
DOI 10.51859/amplla.car632.1126-0

1. Anjos, Cyro dos, 1906-1994 - Crítica e interpretação. I. Maia, Geuvana Vieira de Oliveira. II. Título.

CDD 869.09

Índice para catálogo sistemático

I. Anjos, Cyro dos, 1906-1994 - Crítica e interpretação

CONSELHO EDITORIAL

Adilson Tadeu Basquerote – Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Alexander Josef Sá Tobias da Costa – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Andréa Cátia Leal Badaró – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Andréia Monique Lermen – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Antoniele Silvana de Melo Souza – Universidade Estadual do Ceará
Aryane de Azevedo Pinheiro – Universidade Federal do Ceará
Bergson Rodrigo Siqueira de Melo – Universidade Estadual do Ceará
Bruna Beatriz da Rocha – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Bruno Ferreira – Universidade Federal da Bahia
Caio Augusto Martins Aires – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Caio César Costa Santos – Universidade Federal de Sergipe
Carina Alexandra Rondini – Universidade Estadual Paulista
Carla Caroline Alves Carvalho – Universidade Federal de Campina Grande
Carlos Augusto Trojaner – Prefeitura de Venâncio Aires
Carolina Carbonell Demori – Universidade Federal de Pelotas
Caroline Barbosa Vieira – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
Christiano Henrique Rezende – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Cícero Batista do Nascimento Filho – Universidade Federal do Ceará
Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Dandara Scarlet Sousa Gomes Bacelar – Universidade Federal do Piauí
Daniela de Freitas Lima – Universidade Federal de Campina Grande
Darlei Gutierrez Dantas Bernardo Oliveira – Universidade Estadual da Paraíba
Denilson Paulo Souza dos Santos – Universidade Estadual Paulista
Denise Barguil Nepomuceno – Universidade Federal de Minas Gerais
Dinara das Graças Carvalho Costa – Universidade Estadual da Paraíba
Diogo Lopes de Oliveira – Universidade Federal de Campina Grande
Dylan Ávila Alves – Instituto Federal Goiano
Edson Lourenço da Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí
Elane da Silva Barbosa – Universidade Estadual do Ceará
Érica Rios de Carvalho – Universidade Católica do Salvador
Fábio Ronaldo da Silva – Universidade do Estado da Bahia
Fernanda Beatriz Pereira Cavalcanti – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"
Fredson Pereira da Silva – Universidade Estadual do Ceará
Gabriel Gomes de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Gilberto de Melo Junior – Instituto Federal do Pará
Givanildo de Oliveira Santos – Instituto Brasileiro de Educação e Cultura
Glécia Morgana da Silva Marinho – Pontifícia Universidad Católica Argentina Santa Maria de Buenos Aires (UCA)
Higor Costa de Brito – Universidade Federal de Campina Grande
Hugo José Coelho Corrêa de Azevedo – Fundação Oswaldo Cruz
Igor Lima Soares – Universidade Federal do Ceará
Isabel Fontgalland – Universidade Federal de Campina Grande
Isane Vera Karsburg – Universidade do Estado de Mato Grosso
Israel Gondres Torné – Universidade do Estado do Amazonas
Ivo Batista Conde – Universidade Estadual do Ceará
Jaqueline Rocha Borges dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Jessica Wanderley Souza do Nascimento – Instituto de Especialização do Amazonas
João Henriques de Sousa Júnior – Universidade Federal de Santa Catarina
João Manoel Da Silva – Universidade Federal de Alagoas
João Vitor Andrade – Universidade de São Paulo
Joilson Silva de Sousa – Universidade Regional do Cariri
José Cândido Rodrigues Neto – Universidade Estadual da Paraíba
Jose Henrique de Lacerda Furtado – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Josenita Luiz da Silva – Faculdade Frassinetti do Recife

Josiney Farias de Araújo – Universidade Federal do Pará
Karina de Araújo Dias – SME/Prefeitura Municipal de Florianópolis
Katia Fernanda Alves Moreira – Universidade Federal de Rondônia
Laís Portugal Rios da Costa Pereira – Universidade Federal de São Carlos
Laíze Lantyer Luz – Universidade Católica do Salvador
Lara Luiza Oliveira Amaral – Universidade Estadual de Campinas
Lindon Johnson Pontes Portela – Universidade Federal do Oeste do Pará
Lisiane Silva das Neves – Universidade Federal do Rio Grande
Lucas Araújo Ferreira – Universidade Federal do Pará
Lucas Capita Quarto – Universidade Federal do Oeste do Pará
Lúcia Magnólia Albuquerque Soares de Camargo – Unifacisa Centro Universitário
Luciana de Jesus Botelho Sodré dos Santos – Universidade Estadual do Maranhão
Luís Miguel Silva Vieira – Universidade da Madeira
Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Luiza Catarina Sobreira de Souza – Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central
Manoel Mariano Neto da Silva – Universidade Federal de Campina Grande
Marcelo Alves Pereira Eufrasio – Centro Universitário Unifacisa
Marcelo Henrique Torres de Medeiros – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Marcelo Williams Oliveira de Souza – Universidade Federal do Pará
Marcos Pereira dos Santos – Faculdade Rachel de Queiroz
Marcus Vinicius Peralva Santos – Universidade Federal da Bahia
Maria Carolina da Silva Costa – Universidade Federal do Piauí
Maria José de Holanda Leite – Universidade Federal de Alagoas
Marina Magalhães de Morais – Universidade Federal do Amazonas
Mário Cézar de Oliveira – Universidade Federal de Uberlândia
Michele Antunes – Universidade Feevale
Michele Aparecida Cerqueira Rodrigues – Logos University International
Miguel Ysrrael Ramírez-Sánchez – Universidade Autônoma do Estado do México
Milena Roberta Freire da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Nadja Maria Mourão – Universidade do Estado de Minas Gerais
Natan Galves Santana – Universidade Paranaense
Nathalia Bezerra da Silva Ferreira – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
Neide Kazue Sakugawa Shinohara – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Neudson Johnson Martinho – Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso
Patrícia Appelt – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Paula Milena Melo Casais – Universidade Federal da Bahia
Paulo Henrique Matos de Jesus – Universidade Federal do Maranhão
Rafael Rodrigues Gomides – Faculdade de Quatro Marcos
Ramôn da Silva Santos – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Reângela Cíntia Rodrigues de Oliveira Lima – Universidade Federal do Ceará
Rebeca Freitas Ivanicska – Universidade Federal de Lavras
Regina Márcia Soares Cavalcante – Universidade Federal do Piauí
Renan Gustavo Pacheco Soares – Autarquia do Ensino Superior de Garanhuns
Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Ricardo Leoni Gonçalves Bastos – Universidade Federal do Ceará
Rodrigo da Rosa Pereira – Universidade Federal do Rio Grande
Rubia Katia Azevedo Montenegro – Universidade Estadual Vale do Acaraú
Sabrynna Brito Oliveira – Universidade Federal de Minas Gerais
Samuel Miranda Mattos – Universidade Estadual do Ceará
Selma Maria da Silva Andrade – Universidade Norte do Paraná
Shirley Santos Nascimento – Universidade Estadual Do Sudoeste Da Bahia
Silvana Carloto Andres – Universidade Federal de Santa Maria
Silvio de Almeida Junior – Universidade de Franca
Tatiana Paschoalette R. Bachur – Universidade Estadual do Ceará | Centro Universitário Christus
Telma Regina Stroparo – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Thayla Amorim Santino – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Thiago Sebastião Reis Contarato – Universidade Federal do Rio de Janeiro
Tiago Silveira Machado – Universidade de Pernambuco
Valvenarg Pereira da Silva – Universidade do Estado de Mato Grosso

Vinícius Queiroz Oliveira – Universidade Federal de Uberlândia
Virgínia Maia de Araújo Oliveira – Instituto Federal da Paraíba
Virginia Tomaz Machado – Faculdade Santa Maria de Cajazeiras
Walmir Fernandes Pereira – Miami University of Science and Technology
Wanessa Dunga de Assis – Universidade Federal de Campina Grande
Wellington Alves Silva – Universidade Estadual de Roraima
William Roslindo Paranhos – Universidade Federal de Santa Catarina
Yáscara Maia Araújo de Brito – Universidade Federal de Campina Grande
Yasmin da Silva Santos – Fundação Oswaldo Cruz
Yuciara Barbosa Costa Ferreira – Universidade Federal de Campina Grande

Dedico esta tese a três mulheres:
à minha mãe, Maria, que me conduziu a conhecer as Letras;
à minha irmã, Ilca, que sempre me incentivou na carreira acadêmica;
à minha filha, Gabriela, que é apaixonada por estórias e livros.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Luciano, aos familiares e amigos, pelo incentivo e apoio.

À Universidade Estadual de Montes Claros e à FAPEMIG, por ter me concedido uma bolsa de estudos pelo período de dois anos.

"[...] é do hábito de sentar-se todo o dia que nasce o trabalho. Evidentemente há momentos excepcionais, mas a arte nasce do trabalho artesanal, artístico."

(ANJOS, 1986, p. 136)

RESUMO

Esta pesquisa consiste em analisar concepções sobre a criação literária no ensaio A Criação Literária, de Cyro dos Anjos, bem como a representação das temáticas sobre a leitura e a criação literária presentes nos romances O amanuense Belmiro, Abdias, Montanha e no livro de memórias A menina do sobrado, do mesmo autor. A metodologia utilizada foi de cunho bibliográfico: primeiramente, foram realizadas a leitura e a análise de A Criação literária e, em seguida, a verificação dos temas criação literária, autor e leitor expostos nesse texto. A análise também consistiu em verificar como a figuração desses assuntos é apresentada nas narrativas, uma vez que os textos literários apresentam discussões teóricas diversas, principalmente acerca do leitor e da escrita literária. Para tanto, foram utilizados como referências os textos teóricos e críticos de Linda Hutcheon, Leyla Perrone-Moisés, Eduardo Frieiro, Antoine Compagnon, Mikhail Bakhtin, Philippe Lejeune, Wolfgang Iser, Umberto Eco e Ricardo Piglia, posto que discutem assuntos relacionados à leitura e à escrita, dentre outros estudos teóricos e críticos que abordam a escrita literária desse escritor mineiro. A leitura da prosa de Cyro dos Anjos permite constatar que assuntos tais como o ambiente literário, a publicação de livros, a escrita do texto literário e, por último, as leituras de obras brasileiras e universais, são referenciados nas narrativas desse autor. As figurações de leituras são apresentadas nas narrativas à medida em que são “encenadas” pelos personagens, sendo que essa atividade é representada de diversos modos, através dos quais ler constitui uma forma de entretenimento, realização de trabalho intelectual, posicionamento crítico de obras literárias e lugares de acervos literários, elementos esse que constroem um ambiente substancial em torno da leitura literária. Tanto nas obras ficcionais como na de memória, do dado autor, é possível perceber a encenação da escrita, as atividades de escrita e reescrita, indagações sobre o porquê da escrita literária, o caderno como objeto utilizado para a escrita de diário, a escrita das memórias e a escrita da leitura. Tais discussões revelam a produção literária de um sujeito culto, leitor, crítico, professor e intelectual, que evidenciava suas concepções teóricas literárias em suas narrativas. A voz autoral de Cyro dos Anjos está disseminada em sua escrita ficcional, através de personagens e narradores que falam no texto literário com voz idêntica à do dado autor, conforme pode ser percebido em suas entrevistas e correspondências.

Palavras-chave: Análise. Leitor. Criação literária. Cyro dos Anjos.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I. APRESENTAÇÃO 11

CAPÍTULO II. *A CRIAÇÃO LITERÁRIA*: ABORDAGENS DE CONCEITOS LITERÁRIOS 17
2.1. *A CRIAÇÃO LITERÁRIA*: LANÇAMENTOS E EDIÇÕES 17
2.2. A COMPOSIÇÃO INTERTEXTUAL DE *A CRIAÇÃO LITERÁRIA* E AS NARRATIVAS 22
2.3. A CRIAÇÃO LITERÁRIA E *A CRIAÇÃO LITERÁRIA* 25
2.4. O SUJEITO QUE CRIA 35
2.5. O LEITOR 39

CAPÍTULO III. LEITURA E LEITORES: FIGURAÇÕES NAS NARRATIVASDE CYRO DOS ANJOS 49
3.1. A LEITURA DOS BASTIDORES NO PROCESSO DE PUBLICAÇÃO 50
3.2. A ESTREIA COM O AMANUENSE BELMIRO 50
3.3. *ABDIAS*, A PUBLICAÇÃO DO SEGUNDO ROMANCE 53
3.4. *MONTANHA*, ESPECULAÇÕES DE LANÇAMENTO 56
3.5. *A MENINA DO SOBRADO*, AS MEMÓRIAS 61
3.6. CENAS DE LEITURA 66
3.7. LEITURAS COMO FORMA DE VIDA 68
3.8. LEITURAS CRÍTICAS 72
3.9. A LEITURA LITERÁRIA PARA REALIZAÇÃO DE TRABALHO INTELECTUAL 75
3.10. ACERVOS PARA LEITURAS 77
3.11. O MODERNISMO NO CONTEXTO DE LEITURAS 81
3.12. REPERTÓRIO DE LEITURAS 85

CAPÍTULO IV. A CRIAÇÃO LITERÁRIA DE CYRO DOS ANJOS: O ESCRITOR E SUA ESCRITA 89
4.1. A ENCENAÇÃO DA ESCRITA 90
4.2. ESCREVER, PARA QUÊ? 95
4.3. A DOR DE (RE)ESCREVER 101
4.4. O CADERNO: OBJETO USADO PARA A ESCRITA DE DIÁRIO 103
4.5. A ESCRITA DE MEMÓRIAS 107
4.6. A ESCRITA DA LEITURA 110
4.7. POESIA FRANCESA E OUTRAS INFLUÊNCIAS EUROPEIAS 117

CAPÍTULO V. CONSIDERAÇÕES FINAIS 122

REFERÊNCIAS 128
BIBLIOGRAFIA ESTUDADA 133
SOBRE A AUTORA 137

CAPÍTULO I

APRESENTAÇÃO

Cyro dos Anjos, cujo nome de batismo era Ciro Versiani dos Anjos, nasceu em Montes Claros, Minas Gerais, em 5 de outubro de 1906, e faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 4 de agosto de 1994. Foi o décimo-terceiro dos 14 filhos do casal Antônio dos Anjos e Carlota Versiani dos Anjos. Fez o curso primário em Montes Claros e começou seus estudos secundários, aos 13 anos, na Escola Normal da mesma cidade. Em fins de 1923, foi para Belo Horizonte com o propósito de estudar e cursou Direito na Universidade Federal de Minas Gerais, tendo colado grau em 1932. Durante os anos da faculdade, trabalhou como funcionário público e jornalista: no *Diário da Manhã* (1920); no *Diário da Tarde* (1927); no *Diário do Comércio* (1928); no *Diário de Minas* (1929-1931); foi professor na Faculdade de Letras da UFMG (1940-1946), na UnB (1962), na UFRJ (1976); professor visitante no México, na Universidade Autônoma do México (1952-1954) e, em Portugal, na Universidade de Lisboa (1954-1955). Atuou como jornalista, cronista, romancista, ensaísta e memorialista, em *A Tribuna* (1933) e no *Estado de Minas* (1934-1935). (ABL, 2009).[1]

Depois de graduado, retornou a Montes Claros e abriu um escritório de advocacia, mas não teve sucesso na carreira e retornou a Belo Horizonte. Voltou a trabalhar na imprensa e em repartições públicas. Em Minas, exerceu os seguintes cargos: oficial de gabinete do secretário das Finanças (1931-1935); oficial de gabinete do governador (1935-1938); diretor da Imprensa Oficial (1938-1940); membro do Conselho Administrativo do Estado (1940-1942) e presidente desse mesmo Conselho (1942-1945). Foi fundador e professor de Literatura Portuguesa na Faculdade de Filosofia de Minas Gerais (1940-1946). (ABL, 2009).[2]

Em 1933, como redator de *A Tribuna*, publicou uma série de crônicas que foram utilizadas em *O amanuense Belmiro* (1937). Em 1946, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde ocupou, durante o governo Dutra, as funções de assessor do ministro da Justiça, diretor do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado – IPASE (1946-1951) e de presidente do mesmo Instituto (1947). Colaborou, também, em diversos órgãos da imprensa carioca. (ABL, 2009).

[1] Informações consultadas no sítio da Academia Brasileira de Letras. http://www.academia.org.br/academicos/cyro-dos-anjos/biografia.
[2] http://www.academia.org.br/academicos/cyro-dos-anjos/biografia.

Em 1952, convidado pelo Itamaraty, foi para o México, a fim de reger a cadeira de Estudos Brasileiros junto à Universidade do México, tendo residido nesse país até 1954. De lá foi para Lisboa, também com a função de professor, na Universidade de Lisboa. No fim de 1955 regressou ao Brasil e, em 1957, foi nomeado subchefe do gabinete civil da Presidência da República. Com o governo Juscelino Kubitschek, transferiu-se para Brasília, onde exerceu, posteriormente, as funções de conselheiro do Tribunal de Contas e de professor da Universidade de Brasília. Participou da Comissão designada pelo Governo Federal, em 1960, para planejar a Universidade de Brasília. Foi coordenador do Instituto de Letras da UnB e lá trabalhou como professor titular extraordinário (1962), ministrando o curso "Oficina literária". Em 1976, aposentou-se do serviço público e retornou ao Rio de Janeiro. Continuou exercendo atividades de ensino e ministrando o curso "Oficina literária" na Universidade Federal do Rio de Janeiro. (ABL, 2009).

Foi agraciado, pela carreira literária, com os seguintes prêmios: da Academia Brasileira de Letras, pelo romance *Abdias* (1945); do PEN Clube do Brasil e da Câmara Brasileira do Livro, pelos livros *Explorações no tempo* (1963) e *A menina do sobrado* (1979). Foi eleito para ocupar vaga na Academia Brasileira de Letras, na Cadeira 24, em 1º de abril de 1969, na sucessão do escritor Manoel Bandeira, e foi recebido pelo acadêmico Aurélio Buarque de Holanda em 21 de outubro de 1969. (ABL, 2009).

Há estudos que analisam os romances de Cyro dos Anjos com um viés que se atém às teorias da narrativa e à autobiografia ficcional, evidente nos textos teóricos e críticos a respeito de sua obra. Entretanto, nenhum deles parece analisar a temática proposta por mim. Faço essa afirmação com respaldo no levantamento crítico, elaborado para minha dissertação de mestrado,[3] segundo o qual não foi encontrada nenhuma referência à análise de como as narrativas de Cyro dos Anjos discutem a leitura e o processo de criação literária. Para a realização deste estudo julguei conveniente analisar o texto *A Criação Literária*, de Cyro dos Anjos, texto ensaístico que uso em diálogo com o texto literário, a fim de realizar reflexões sobre o ato criativo que é apresentado como metaficção, no que diz respeito às narrativas discutirem o leitor e a escrita literária.

Cyro dos Anjos, em entrevista concedida a Giovanni Ricciardi, em 1986, afirmou: "Escrevi um pequeno livro chamado *A criação literária*, estudando o que leva a pessoa a escrever. Publiquei-o quando morava no México. Nele, eu conto coisa de dez ou doze anos,

[3] Minha dissertação de mestrado, intitulada *A representação feminina nos romances de Cyro dos Anjos*, foi defendida na UFMG (POSLIT), em 2011, sob orientação do Prof. Dr. Marcos Rogério Cordeiro Fernandes.

quando eu dirigia uma cadeira de Literatura na Faculdade de Filosofia de Minas Gerais." (RICCIARDI, 2008, p. 134).

Esse livro ensaístico é escrito em primeira pessoa e expõe uma série de reflexões à medida em que várias teorias são expostas, por meio de muitas citações de textos de autores oriundos de diversas áreas do conhecimento, com o intuito de responder à seguinte pergunta: "Por que escrever?". O autor se apoia em estudos de psicólogos, filósofos, estudiosos da medicina, da biologia e da estética literária, desde Platão e Aristóteles até autores da metade do século XX. Dialoga com a crítica francesa e com a brasileira, com destaque para Alceu Amoroso Lima, construindo, assim, um ensaio filosófico. Ele também cita leituras do texto bíblico e diversas obras literárias como, por exemplo, as de Goethe, Shakespeare, Dostoievski, Proust, entre outros escritores.

Considera-se relevante utilizar as pontuações de Cyro dos Anjos que constam nesse livro uma vez que se trata de um texto ensaístico e nele há muitas pontuações, de forma filosófica, sobre pensar a literatura como criação; o ato de criar; o artista como escritor e, finalmente, sobre o leitor literário. O livro aborda outros assuntos teóricos, mas não consideramos que seriam relevantes para composição deste trabalho, de modo que se selecionou aqueles que são temas recorrentes na ficção.

A hipótese deste trabalho de pesquisa se atém à seguinte indagação: como o ensaio *A Criação Literária* e as narrativas de Cyro dos Anjos discutem a leitura e a criação literária? Para responder essas questões propostas nesta investigação, serão analisados, a partir de estudo minucioso, o ensaio *A criação literária* e as abordagens teóricas de cunho filosófico discutidas nele e, ainda, serão utilizados autores de teoria da literatura sobre o assunto.

O objetivo foi examinar como o processo leitor e criação literária são discutidos na obra de Cyro dos Anjos. Para realizar essa investigação, selecionei o seguinte *corpus*: o ensaio *A criação literária* (1952), os romances *O amanuense Belmiro* (1937), *Abdias* (1945) e *Montanha* (1956). Além do livro de memórias *A menina do sobrado* (1979), desse autor. Em termos mais gerais, minha proposta consiste em investigar o que o texto ensaístico desse autor agrega a respeito dos temas: "criação literária", "autor" e "leitor"; e demonstrar como os leitores e o processo de criação literária se manifestam tanto na escrita de ficção quanto na de memórias do autor de Montes Claros.

Para a realização do presente estudo, além de leituras e pesquisas bibliográficas sobre a obra de Cyro dos Anjos, incluindo textos teóricos e críticos, dissertações de mestrado e teses de doutorado, considera-se de suma importância pesquisar em acervos, bibliotecas e na Academia Brasileira de Letras, com o intuito de verificar os textos originais do escritor e o modo como ele

os construiu. O manuseio de cartas, telegramas, cartões, fotos e documentos originais, além da organização do material para ministrar suas aulas, demonstra que esse escritor arquivava a própria vida com detalhes minuciosos.

A mesa de trabalho, os prêmios, as fotografias, a roupa da Academia Brasileira de Letras e os livros nas estantes mostram, por exemplo, que o escritor era um colecionador de livros, um leitor de obras clássicas em português e francês, tendo sido premiado por sua obra e, em última instância, um profissional profundamente comprometido com a carreira literária. O envio de livros entre os escritores, com autógrafos, os quais se encontram em acervos de outros escritores como, por exemplo, no de Manuel Bandeira, na Academia Brasileira de Letras, nos permite saber que a divulgação e o acesso às obras eram compartilhados pelo próprio autor, sendo que, mesmo quando morou no exterior, essa prática era constante. Tais documentos também permitem vislumbrar o homem amigo, o leitor e pesquisador engajado com as artes que Cyro dos Anjos foi em vida, sem mencionar o admirador ímpar que era da literatura.

As indagações que me incitaram se deram a partir da leitura da obra desse escritor, em cuja escrita fui percebendo a ocorrência de referências a obras de outros autores, através de protagonistas que escrevem, por exemplo, e a assuntos da literatura, lida ou escrita. A partir dessas informações nos textos ficcionais, percebi que *A criação literária* era um livro de ensaio que discutia esses temas especificamente, porém de um outro modo. A partir disso, considera-se pertinente elaborar e dividir o trabalho metodologicamente, de acordo com os temas de maior recorrência na constituição dos seus textos literários, tanto os ficcionais quanto os de memória.

Tal divisão só foi possível após estudos e análises dos textos literários do dado autor, nos quais se verifica certos assuntos que se repetem nas demais narrativas. Por causa disso, é relevante dedicar um capítulo aos assuntos teóricos, tomando as informações do ensaio *A criação literária* (sobre a criação literária, o escritor e a leitura) e analisei como essas temáticas são abordadas ou inseridas nas narrativas literárias, até porque, mesmo tendo sido escrito após dois romances, nota-se que a forma como os temas são discutidos no citado ensaio é diferente da maneira como eles são apresentados na ficção do dado autor.

Devido à recorrência dos assuntos de leitura e escrita na constituição estética da obra da obra de Cyro dos Anjos, a opção, então, foi criar dois capítulos com análises dos textos literários, dentre os quais um trata da representação da leitura em todas as narrativas, enquanto que o outro aborda o processo de criação literária, o escritor e a escrita nas narrativas

do autor mineiro. A tese de doutorado de Raquel Guimarães, defendida em 2010 na UFMG[4], faz uma abordagem muito relevante do gesto do leitor e da escrita em Pedro Nava e Graciliano Ramos, e, a partir dela, inteirei-me da concepção desses gestos, o que se tornou imprescindível para subsidiar meu estudo e a elaboração da minha escrita.

A correspondência do autor, através de cartas, com Carlos Drummond de Andrade, organizada por Wander Melo Miranda e Roberto Said, e entrevista concedida a Giovanni Ricciardi também foram muito importante para verificar como o homem autoral se comportava, discutia e analisava assuntos de leitura literária e da escrita de suas obras. Outro trabalho de grande valia para esta pesquisa foram os estudos de Ana Paula Franco Nobile Brandileone, que, por meio de documentos em jornais e outros textos sobre o escritor mineiro, apresenta um estudo crítico bastante relevante, com anexos de publicações sobre a obra de Cyro dos Anjos, o que também facilitou muito esta pesquisa. Além dos trabalhos citados, lemos e nos debruçamos sobre textos de muitos críticos e estudiosos que fizeram análises da obra do escritor montesclarense, desde 1937, época de seu primeiro romance, até a atualidade, por meio de dissertações, teses, ensaios e artigos críticos.

A divisão deste livro se dá, então, da seguinte maneira: no primeiro capítulo, foi realizado um estudo do livro *A criação literária*, iniciando com os lançamentos e edições para, em seguida, construir um estudo sobre a composição intertextual e mataficcional desse ensaio. Nos tópico, optou por abordar conceitos teóricos que esse texto ensaístico faz sobre a criação literária, o autor e o leitor. Apesar do grande número de estudiosos sobre os assuntos discutidos por Cyro dos Anjos no ensaio, principalmente filósofos, no que diz respeito a enumerar e indagar muitas questões teóricas da literatura, foi necessário utilizar outros teóricos e críticos de teoria da intertextualidade, criação literária, autor e leitor, como por exemplo: PAULINO, Graça Paulino e Maria Ivete Walty (1998), Linda Hutcheon (1991), Leyla Perrone-Moisés (2005-2016), Maurice Blanchot (2011), Antonio Candido (2008), Antoine Compagnon (1999), 2012), Roland Barthes (2004), Roger Samuel (1985), Erich Auerbach (2009), Wolfgang Iser (1986; 2002), Kate Hamburger (1986), Afrânio Coutinho (1987), Michel Foucault (s/d), Graça Paulino e Ivete Walty (s/d), Ricardo Piglia (2006) e outros, com o intuito de ampliar a discussão sobre cada um desses pontos.

No segundo capítulo, cujo título é "Leitura e leitores: figurações nas narrativas de Cyro dos Anjos", encontra-se um estudo sobre os lançamentos e compartilhamento das obras *O amanuense Belmiro*, *Abdias* e *Montanha*, atendo-se, principalmente, à maneira como o autor

[4] Cf. GUIMARÃES, Raquel. *Rastros da leitura, trilhas da escrita: o leitor em Pedro Nava e Graciliano Ramos*. São Paulo: R.G., 2012.

compartilha e discute com os amigos a escrita e os lançamentos dessas obras. Além disso, julgou-se importante discutir a constituição estética de memórias no livro de memórias *A menina do sobrado*. A seguir, consta, um estudo sobre as cenas de leitura; a leitura como atividade de lazer e entretenimento que passa a constituir como forma de vida; leituras críticas sobre obras literárias; a leitura que configura a realização de um trabalho intelectual; os acervos em que os livros se encontram e o modernismo brasileiro temas que são apresentados através de personagens e narradores nas obras: *O amanuense Belmiro*, *Abdias*, *Montanha*; e, em *A menina do sobrado*. A leitura de obras literárias compõem todas as narrativas de Cyro dos Anjos o que identifica marcas de identidade de personagens e narradores com do autor dos textos.

No terceiro capítulo "A criação literária de Cyro dos Anjos: o escritor e sua escrita", o estudo de atém a temas que demonstram que as narrativas visam os temas: a encenação da escrita; o porquê da escrita literária; a escrita e a reescrita como atividades árduas e dolorosas dos escritores ficcionais; o objeto caderno usado para a escrita dos romances; a escrita das memórias como memória do narrador que expõe fatos vivenciados; a escrita da leitura em obras lidas que são trazidas para a composição estética das narrativas. Esses assuntos são encontrados em todos os livros de prosa desse escritor em que a recorrência dos temas são apresentados por personagens e narradores que compartilham essa composição intertextual estilística em que especificamente a metaficção constitui a escrita ficcional de Cyro dos Anjos. Esse autor é antes de tudo um leitor e suas obras apresentam a memória de suas leituras como constituição estética de sua escrita.

Nas considerações finais, será discutido como a leitura e a escrita configuram a estética textual desse escritor mineiro nas quatro narrativas, em que a relação intertextual de leitura está presente na escrita como fio condutor das vozes narrativas em que os personagens ou narrador das memórias, nota-se que há sempre uma voz autoral opinando e discutindo sobre a leitura e a escrita. Os ambientes literários se fazem presentes e tanto as leituras quanto as escritas, possuem suas especificidades construídas no discurso ficcional formando uma teia textual que acompanha do primeiro ao último livro de narrativa de Cyro de Anjos.

CAPÍTULO II

A CRIAÇÃO LITERÁRIA: ABORDAGENS DE CONCEITOS LITERÁRIOS

> *O prazer literário, às vezes, vem quando você descobre a expressão de um sentimento, quando você consegue lançar no papel uma ideia exata das coisas que você quer dizer, quando você consegue captar a expressão de um sentimento: e isso dá uma felicidade, um certo prazer.*
>
> (ANJOS, 1986, p. 141)

2.1. *A CRIAÇÃO LITERÁRIA*: LANÇAMENTOS E EDIÇÕES

A criação literária é um livro de cento e quinze páginas, ao longo das quais os assuntos se encontram em tópicos com subtítulos, sem divisão de capítulos. Para tal feito, este estudo valeu-se da 4ª edição, de 1967, publicada pela editora Tecnoprint Gráfica S.A., no Rio de Janeiro. O texto é escrito em primeira pessoa e apresenta várias referências e citações de muitos estudiosos de áreas de conhecimento, como Biologia, Medicina, Psicologia, Filosofia e outras.

O primeiro lançamento do ensaio em forma de livro foi realizado no México, em espanhol, quando Cyro dos Anjos ainda morava lá, onde foi professor visitante de Literatura, ministrando o curso de Estudos Brasileiros. O título original foi, portanto, em espanhol: *La creación literaria o Derrotero de las perplejidades y descaminos de un curioso que intentó investigar sobre las remotas fuentes de la actividad estética*.[5] Foi publicado nos *Cuadernos Brasileños* de número 2, em janeiro de 1954, e traduzido por Carmen Íñigo Martín, cujo original, a que tivemos acesso, se encontra na Casa de Rui Barbosa. Constatei que pode ser encontrado um exemplar dele no arquivo de Cyro dos Anjos do Acervo de Escritores Mineiros da UFMG, porém ele não se encontra acessível para manuseio.

A primeira edição de *A criação literária* em português foi publicada em Portugal, pela Revista Filosófica de Coimbra, em 1954, quando seu autor exercia a função de professor visitante, conforme o fizera no México. No Brasil, só foi publicado em 1956, no Rio de Janeiro,

[5] A criação literária *ou Rota das perplexidades e descaminhos de um curioso que tentou investigar sobre as remotas fontes da atividade estética*. Tradução: Cláudia P. C. Campos.

pelo Ministério da Educação e Cultura - MEC, nos *Cadernos de Cultura*. A terceira edição foi publicada em 1959, em Salvador, pela Editora Livraria Progresso.[6] A quarta e última teve sua publicação em 1967, pela Tecnoprint Gráfica, no Rio de Janeiro. Desconheço a crítica de recebimento desse texto à época de seu lançamento, tampouco posteriormente a ele.

Em 1959, Cyro dos Anjos, nas páginas que antecedem o ensaio, na terceira edição, publicada pela Livraria Progresso Editora, em Salvador, afirma que, antes de ele ser lançado como livro, foi apresentado em "artigos escritos para jornal, entre 1948 e 1950" (ANJOS, 1959). Em visita à Fundação Casa de Rui Barbosa, em setembro de 2017, tivemos acesso aos documentos originais de "A Criação literária", com 87 páginas compostas da seguinte forma: duas páginas iniciais datilografadas, com anotações, acréscimos e numeração manuscrita realizada pelo autor, datadas de 1954, em Lisboa. A partir da página quatro, os originais são compostos por recortes de jornais, sem data, contendo inserção de folhas datilografadas (p. 16-18; p. 58; p. 62-66), seguidas de mais quinze páginas manuscritas com os dizeres: "Originais de 'A criação literária'", em caixa alta. As colagens dos fragmentos de jornais trazem os títulos que foram mantidos no livro, como por exemplo: "Poesia e enigma"; "O instinto artístico" e muitos outros que compõem o livro ao todo e são colocados em ordem nas páginas enumeradas, juntamente com os acréscimos e explicações manuscritas de Cyro dos Anjos, ora sob a forma de subtítulos, ora como correções e acréscimos de palavras, frases e parágrafos. O autor é leitor de seu texto que também cria, rabisca, risca parágrafos, coloca vírgulas, acrescenta modos verbais, e, por fim, destaca informações a lápis ou com caneta de tinta preta e dourada.

A Criação Literária se configura em forma de um ensaio acerca da temática de criação literária, com textos curtos que variam de uma a quatro laudas, acrescidos de títulos destacados em letras maiúsculas. Os temas se seguem em cada texto, após a pergunta de seu aluno – "Por que escrever?" –, seguida de discussões teóricas, o que pode ser considerado como respostas fornecidas por Cyro dos Anjos acerca da criação literária. Ao discutir sobre criar (produzir literatura), o livro se refere aos temas de arte, literatura, função do escritor e leitor, todos no sentido de abordar e referir-se à criação artística. Certamente, a maneira como os ensaios foram editados primeiramente, em jornais, por meio de textos curtos, fez com que eles tivessem uma forma sucinta de abordagem desses temas no seu ensaio. O texto traz reflexões valiosas, que requerem do leitor ponderações e leitura atenciosa dos assuntos dos quais trata.

O ensaio, enquanto gênero, de acordo com Massaud Moisés (1967), surgiu no século XVI, com Montaigne; nos séculos XVIII e XIX esse gênero foi amplamente utilizado. No Brasil, a carta

[6] Todas essas informações foram retiradas da "Advertência do autor", com assinatura de Cyro dos Anjos, da 4ª edição, de 1967, que utilizo neste trabalho.

de descobrimento é o primeiro texto ensaístico escrito em nosso país. Desde então, e até a atualidade, o ensaio possui muitas produções no país.

Cyro dos Anjos, em *A criação literária*, examina assuntos relacionados à escrita literária, baseando-se em reflexões e análises extraídas de seu convívio como escritor e leitor, assim como de leituras de outros ensaístas advindos de muitas áreas de conhecimento, para tecer suas assertivas. O texto elaborado pelo escritor mineiro é composto por ideias que ele busca em muitas fontes para subsidiar suas reflexões filosóficas e teóricas sobre a escrita literária. O dado autor afirma que escreveu e publicou artigos mas, devido à constituição reflexiva de seus escritos, consideramos esses como ensaios, posto que é a voz da reflexão e análise que prevalece neles.

A criação literária é composta por oitenta e sete textos curtos publicados em jornal, caracterizados por ensaios breves sobre assuntos relacionados à teoria da literatura. Esse escrito demonstra a maturidade intelectual de seu autor, uma vez que é com muita propriedade que ele aborda tais assuntos e dialoga com os autores que cita, de forma direta ou indireta. Tal recurso de citação proporciona respaldo às reflexões que o autor propõe em seu texto.

A estrutura dos textos que compõem este livro é predominantemente ensaística, sendo que eles foram escritos em prosa, com uma sequência lógica de ideias, sempre em diálogo com o leitor, que expõe os assuntos sobre teoria da literatura, por vezes tecendo indagações sobre a questão principal do livro, a saber, a criação literária.

O autor do ensaio assume sua identidade de professor na composição do texto e avisa ao leitor como surgiu a pesquisa sobre o assunto. Notamos que isso pode ser uma marca pessoal de sua escrita, numa tentativa de estabelecer um diálogo com seu possível leitor: “não se destinam a entendidos – é obvio – mas simplesmente àqueles que, desconhecendo o assunto, desejem informar-se a respeito, num primeiro contato.” (ANJOS, 1967, p. 10). As assertivas teóricas dispostas no dado ensaio filosófico propõem que as concepções sobre a teoria da literatura podem ser tidas como verdades questionáveis, suscetíveis a redefinições. Notamos as marcas de investigação sobre o assunto – a criação literária – feitas por um intelectual que conhecia bastante sobre o que se dispunha a refletir.

O saber temático proposto por Cyro dos Anjos está baseado em textos de autores de diversas áreas do conhecimento, com o intuito de convencer e persuadir seu leitor sobre o assunto, de maneira equilibrada, com o conhecimento de leitor assíduo e estudioso dedicado que demonstrava ter em cada texto que compõe o livro. A primeira chamada ao diálogo do professor com o aluno é apresentada logo na introdução do livro, em que o autor relata sua experiência ao longo dos dez anos que antecederam o lançamento do livro em questão. A

referência a esse episódio específico pode ser uma criação ficcional, em que o autor pode ter usado da ficção para adentrar a indagação e o assunto que discute em todo o texto, uma vez que os artigos foram publicados em jornais, antes de serem selecionados e compilados em forma de livro ensaístico. Tal escrita apela para os temas de teoria da literatura, mas sempre retorna ao assunto que centraliza o livro, ou seja, a criação do texto literário.

A criação literária se constitui com referência a textos lidos sobre diversos campos do conhecimento, através dos quais Cyro dos Anjos propõe responder o porquê do ato de criar do homem. Em tom de conversa, ele se dirige ao leitor com perguntas e dialoga com textos de Valéry, Bergson, Huizinga e muitos outros autores para discutir o tema proposto. Notamos certa modéstia nele, até porque, como escritor de dois romances e professor de literatura, à época em que escreve *A criação literária*, ele poderia expressar seus pontos de vista de modo mais assertivo; no entanto, a voz de Cyro dos Anjos aparece respaldada de considerações de outrem que ele selecionou para sua discussão ensaística. No diálogo entre o ensaísta e seu leitor imaginário, no último tópico do livro, percebemos explicitamente o tom com que ele fecha a discussão das cento e quinze páginas: através de uma elaboração mais ficcional, ele usa a linguagem literária e confessa sua árdua tarefa de estudos em busca das respostas para sua indagação inicial.

Esse livro explicita marcas de seu autor, o eu do "professor" que afirma ter estudado muito, até a exaustão, em livros de "doutores", como se comprova através da leitura do texto. Nesse momento, seu autor se isenta de uma demarcação mais pessoal de resposta e atribui à filosofia o retorno ao ponto de partida, encerrando a discussão nas seguintes palavras: "Jamais perguntem a um romancista porque escreve romances..." (ANJOS, 1967, p. 115). A demarcação da estrutura do livro de ensaio se atém a não responder diretamente e explicitamente sobre o ato de criar, mas, outrossim, a propor reflexões em torno do assunto que tal objeto discute. A maneira de elaborar, construir e publicar os ensaios soltos, anteriormente editados em jornais, prevê um leitorado mais amplo, informado sobre os muitos assuntos que circulam nesse veículo, sendo a literatura mais um assunto que nele se encontra. Cyro dos Anjos era requisitado para muitas entrevistas e, tanto os estudiosos de literatura quanto jornalistas, leitores e especuladores provavelmente o faziam no intuito de perguntar-lhe: "Por que você escreve?", questão essa que o dado autor se propunha a responder com a publicação de um livro em forma ensaística.

O nome *A criação literária* também é título de um livro de Massaud Moisés, lançado em 1965, com uma segunda edição em 1968. Ele é composto de ensaios, segundo seu autor, e prioriza alguns temas da literatura, em dez capítulos, iniciando com "Conceito de literatura",

seguido de: “Poesia e prosa”; “Gêneros literários”; “Espécies poéticas: o lírico e o épico”; “Formas poéticas”; “Formas em prosa”; “O conto”; “A novela”; “O romance” e, por último, “A crítica literária”. No prefácio da segunda edição, o crítico paulista alega que sua elaboração começou em 1952, época em que iniciou sua atividade como professor na Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo, acrescentando que seu objetivo foi “oferecer ao leitor não especializado (...) uma introdução ao exame de alguns problemas fundamentais de teoria e filosofia da literatura” (MOISÉS, 1968, p. 9). O livro faz uma análise sobre as temáticas relacionadas à literatura, com leituras filosóficas e teóricas realizadas por esse estudioso do assunto. Constitui-se de, aproximadamente, 320 páginas, contendo metodologia clara e objetiva no entendimento da literatura e suas relações, assim como de referências e análises de elementos de textos literários em verso e em prosa. É um manual com linguagem fluida e conceitos claros para acadêmicos do curso de Letras, professores, estudiosos da literatura e outros.

Leyla Perrone-Moisés escreveu um artigo publicado em *Flores da escrivaninha*, chamado “A criação literária” (PERRONE-MOISÉS, 1990)[7], que a autora apresentou como comunicação em 1984 e, em 1990, foi publicado no referido livro. O texto possui dez páginas, ao longo das quais são discutidos conceitos de “teoria” e “criação”; “invenção”; “produção”; “representação” e “texto”, seguidos da indagação “O que faz o escritor?”. No dado texto, a autora aborda a escrita como uma forma de compensar a falta e a insatisfação que o homem sente, uma vez que a imaginação que ela envolve suplanta e equipondera o mundo em que o escritor vive. A estudiosa recorre a exemplos da obra de Flaubert, Borges e Valéry para refletir sobre a matéria da literatura e, em acréscimo, sobre a importância da compreensão do real e sua reconstrução, ampliada através da representação por meio da linguagem. Em uma página e meia, Perrone-Moisés define a criação literária como “um processo que tem dois polos: o escritor e o leitor. A obra só existe, de fato e indefinidamente, enquanto recriada pela leitura” (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 108). É de maneira sucinta e clara que ela expõe o assunto que retomaremos, mais adiante, em nossas discussões.

Vale ressaltar que o livro *A criação literária*, de Cyro dos Anjos, foi escrito e publicado anteriormente aos textos de Massaud Moisés e de Perrone-Moisés, com estilo próprio e elaboração teórica e conceitual, sem ter tido acesso aos outros dois. Não é nossa pretensão comparar ou mesmo investigá-los, mas, sim, esclarecer que existem o livro e o ensaio com o mesmo nome desse nosso objeto de estudo.

[7] PERRONE-MOISÉS, Leyla. A criação do texto literário. In: *Flores da escrivaninha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 100-110.

2.2. A COMPOSIÇÃO INTERTEXTUAL DE *A CRIAÇÃO LITERÁRIA* E AS NARRATIVAS

A criação literária, de Cyro dos Anjos, é um texto que faz referência a livros e ensaios de críticos e teóricos através de citações e referências de assuntos como literatura, arte, escritor, função do escritor e outros, aos quais ele recorre para se posicionar perante o assunto que propõe discutir. Tal recurso, amplamente utilizado no livro, demonstra as leituras que esse escritor fez para abordar, analisar e refletir sobre a criação de literatura. O crítico francês Antoine Compagnon afirma que, dentre muitas definições para citação, uma delas é que "(...) a citação é um lugar de acomodação previamente situada no texto. Ela o integra em um conjunto ou em uma rede de textos, em uma tipologia das competências requeridas para a leitura (...)" (COMPAGNON, 2007, p.22). Ao citar textos e afirmações de autores sobre os temas que discute, o escritor de Montes Claros reconhece o texto de outrem, infere sobre eles e os utiliza em sua escrita para analisar sobre os assuntos propostos.

Esse estilo adotado revela o estudioso e pesquisador do assunto que Cyro dos Anjos foi, tendo muitas vezes se respaldado em teóricos sobre os assuntos referentes à criação literária. O modo de citação no ensaio segue uma norma diferente da atual, posto que não havia referências de acordo com as normas da ABNT atuais. Os nomes dos autores constam, na maioria das vezes, somente com o sobrenome; as obras consultadas nem sempre são nomeadas; o ano e a página não são informados e, ao final do ensaio, não há referências dos livros lidos.

A recorrência do uso de citações na escrita de Cyro dos Anjos não se dá somente em *A criação literária*: nos romances, tal recurso é utilizado também. Para Graça Paulino, Ivete Walty e Maria Zilda Cury, a citação "na literatura contemporânea, esse modo novo de citar sem uso de marcações explícitas é prática que já vem tornando comum." (PAULINO; WALTY; CURY, 1998, p. 28). Percebe-se fragmentos de textos literários, lidos por Cyro dos Anjos, serem trazidos para *O amanuense Belmiro* e *Montanha*, além do emprego de destaque em itálico, recurso esse que delimita os dois textos – o lido pelo autor, usado na escrita, e outro, que é o texto do escritor mineiro.

Outro estudioso do assunto, Laurent Jenny, em "A estratégia da forma", afirma que "Se qualquer texto remete implicitamente para os textos, é em primeiro lugar dum ponto de vista genético que a obra literária tem conluio com a intertextualidade." (JENNY, 1979, p. 06). O recurso intertextual utilizado pelo escritor mineiro marca seu estilo não somente no livro de ensaio, como também nos romances e nas memórias. Ele traz para a escrita a sua leitura: autores de literatura e de outras áreas de conhecimento que leu durante a vida; cria personagens ou narrador memorialista em primeira pessoa ao tratar de leituras realizadas, seja através de episódios, personagens, título de obras ou nomes de autores.

Laurent Jenny, no mesmo texto, alega que "a intertextualidade não só condiciona o uso do código, como também está explicitamente presente ao nível do conteúdo formal da obra." (JENNY, 1979, p. 06). A relação com outros textos se refere à citação de diversas formas, em que nota-se a relação de uma obra com outras através da citação, imitação, paródia, montagem, plágio e outras. Na escrita de Cyro dos Anjos há alguns desses recursos, que foram utilizados na composição estética de suas narrativas.

Linda Hutcheon, em *Poética do Pós-Modernismo: história, teoria, ficção* (1991), empreende um estudo sobre narrativas literárias da pós-modernidade em que define que "A paródia não é a destruição do passado; na verdade, parodiar é sacralizar o passado e questioná-lo ao mesmo tempo." (HUTCHEON, 1991, p. 165). Assim, toda vez que o escritor de literatura cita ou se refere a diferentes obras, sua construção se compõe como uma teia narrativa, construída dentro de uma relação interna ou global de textos que se configuram como construção estética. A autora afirma, mais adiante, que "A paródia intertextual dos clássicos canônicos americanos e europeus é uma das formas de se apropriar da cultura dominante branca, masculina, classe-média, heterossexual e eurocêntrica, e reformulá-la – com mudanças significativas." (HUTCHEON, 1991, p. 170). Cyro dos Anjos adota, como prática de sua escrita, o que vem a ser uma referência estética às obras de seu passado clássico. Ele elabora uma escrita em que homenageia, rasura, questiona e dialoga com esses cânones, lidos por personagens ou narradores que ele cria em sua obra. Além disso, esse escritor evoca personagens, episódios e obras lidos.

A predominância da paródia pode ser vista como uma forma encontrada pelo autor para reinterpretar e reescrever seu passado. Da mesma forma, pode-se, pensar nesse recurso enquanto significação das culturas europeia e brasileira; como uma maneira de valorização e/ou negação em sua obra, até mesmo porque "A paródia é uma forma irônica de intertextualidade que permite [tais] reavaliações do passado." (HUTCHEON, 1991, p. 283). Ler, questionar, avaliar, refletir e citar obras do passado em língua portuguesa é prática da escrita literária desde o século XVI, uma vez que muitos autores de literatura brasileira se referem a Luiz Vaz de Camões, que, por sua vez, traz para seu texto *A Odisséia*, o texto bíblico e outras referências. Autores diversos da literatura brasileira do século XIX também recorrem a tal prática, posto que se referem a autores clássicos da literatura francesa, inglesa e outras em suas obras.

As obras de arte não só escrevem sobre outras obras, como ainda discutem sobre a escrita literária e a elaboração ficcional, incluindo personagens de outros autores em suas obras. Esse recurso, segundo Leyla Perrone-Moisés, é denominado de metaliteratura, vindo a

equiparar-se ao conceito de metaficção de Linda Hutcheon, definido da seguinte maneira: "ficção a respeito da ficção, isto é, ficção que inclui nela mesma um comentário sobre a própria narrativa e/ou sobre sua identidade linguística." (HUTCHEON apud PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 114). Escrever sobre a escrita literária é uma prática da composição estética de Cyro dos Anjos que, desde seu primeiro romance, em 1937, inaugura essa temática. Seu estilo, ademais, persiste em suas obras posteriores, *Abdias*, *Montanha* e *A menina do sobrado*.

Perrone-Moisés, sobre o mesmo assunto, ressalta, ainda, que: "Mais recentemente, os termos *metaliteratura* e *metaliterário* tiveram seu emprego alargado, sobretudo no discurso jornalístico, sendo aplicados a todas as obras contemporâneas que aludem a autores e obras do passado." (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 114). Essa prática é discutida por certos críticos literários no final do século XX. De acordo com essa estudiosa, entretanto, sabemos que Cyro dos Anjos, em 1937, já abraçava como construção estética esse recurso textual. A estudiosa ainda acrescenta que "Boa parte da ficção e da poesia atuais está encharcada de referências à ficção e à poesia anteriores, na forma de citação, alusão, pastiche ou paródia." (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 117). O escritor mineiro contemplado neste trabalho usa desses recursos na elaboração de sua ficção, sendo que seus modos de preferência na utilização serão discutidos quando tratarmos das obras literárias nos próximos capítulos.

As estudiosas Graça Paulino, Ivete Walty e Maria Zilda Cury, em discussão sobre a citação, afirmam essa possui vários tipos, sendo que um deles é a alusão, vindo a ser entendida como "um tipo de intertextualidade fraca, uma vez que nota apenas uma leve menção a outro texto ou a um componente seu." (PAULINO; WALTY; CURY, 1998, p. 29). Tal recurso é também adotado por Cyro dos Anjos, ao referir-se a personagens de obras lidas e, através deles, estabelecer comparações com seus personagens, seja por meio de atos de heroísmo ou devaneios, como, por exemplo, o personagem D. Quixote, que algumas vezes é trazido para a escrita dos romances. As três autoras previamente citadas apresentam, além disso, uma definição interessante para o fenômeno da paráfrase, a saber: "Quando a recuperação de um texto por outro se faz de maneira dócil, isto é, retomando seu processo de construção de seus efeitos de sentido, dá-se a paráfrase." (PAULINO; WALTY; CURY, 1998, p. 30). O diálogo que Cyro dos Anjos estabelece com as obras lidas clareia e explicita a obra referida, pois sempre há "uma certa recuperação", um resgate, seja de personagens, ou de obras e, até mesmo, de autores.

Outra relação intertextual é a paródia, que, para as mesmas autoras, "está sempre funcionando na literatura e na sociedade como um canto que desafina o tom elogioso, bem-comportado, conservador das práticas discursivas hegemônicas." (PAULINO; WALTY; CURY,

1998, p. 40). Entende-se que há sempre um tom de ruptura dos autores lidos, mesmo que o texto apresente elogios. Além desses, julgamos necessário ressaltar, igualmente, o conceito de pastiche: "Com elementos da paródia e, ao mesmo tempo, afastando-se dela, está o pastiche. Esse termo pode ser usado no sentido pejorativo de pasteurização e degradação do modelo." (PAULINO; WALTY; CURY, 1998, p. 408). As autoras fazem, em acréscimo, uma comparação desses dois últimos termos da seguinte forma: "A paródia tem uma relação de negatividade com o texto-base, enquanto a pastiche é positivo ao assumir, de fato, as características do gênero." (PAULINO; WALTY; CURY, 1998, p. 41). A escrita de Cyro dos Anjos faz uso de elementos da paródia através dos textos utilizados por ele para a escrita de seus textos literários, uma vez que a relação estabelecida é de ruptura com as obras lidas. No entanto, há recorrência de pastiche, a ponto de alguns críticos de *O amanuense Belmiro*, à época de seu lançamento, terem afirmado haver relações de imitações de sua escrita em relação a alguns autores, como, por exemplo, Machado de Assis, Marcel Proust e outros escritores. Este trabalho, entretanto, não busca se ater a esse viés: essas formas de intertextualidade servirão, outrossim, para a realização de análise do texto literário desse escritor mineiro no terceiro capítulo desta tese.

2.3. A CRIAÇÃO LITERÁRIA E *A CRIAÇÃO LITERÁRIA*

A primeira indagação de Cyro dos Anjos, de *A criação literária*, que trazemos para a nossa reflexão é: "Por que o espírito humano é capaz de criar?" A partir dessa questão, o estudioso mineiro explora a ideia de que o homem se atém a curiosidades humanas e a indagações que o incomodam.

O ensaio em estudo explicita alguns conceitos sobre a escrita, como por exemplo: "Tomando a poesia na acepção da palavra grega *poiêsis*, isto é, obra literária em geral, GOETHE define: Poesia é libertação. E IBSEN: Escrever é libertar os demônios que habitam as câmaras secretas do espírito. E DOSTOIÉVSKI: Escrever é eliminar nossos fantasmas" (ANJOS, 1967, p. 31). Cyro dos Anjos utiliza as afirmações dos autores, cujos sobrenomes aparecem grafados em caixa alta, o que nos leva a concluir que ele concebia a escrita literária como uma forma de o artista se esvaziar dos incômodos; de trazer à tona frustações e assuntos que incomodam.

A criação literária prossegue com indagações sobre a atividade criadora, apontando que o conhecimento poético "só se objetiva na obra, no objeto feito" (ANJOS, 1967, p. 41). E acresce que a poesia funciona como teologia, conquanto que "nasce das misteriosas fontes do ser e as revela, de algum modo, por seu próprio movimento" (ANJOS, 1967, p. 41). A visão sobre o assunto no parágrafo anterior, a de libertar os espíritos que incomodam, prossegue, no mesmo sentido, nos dois últimos fragmentos selecionados. Pode-se perceber que, com isso, o autor

reafirma o viés da espiritualidade, segundo o qual o ato de criar está relacionado com o íntimo emocional e racional do homem.

No tópico "Estética e Metafísica", a partir da leitura de *La pensée et le mouvant*, de Henri Bergson, Cyro dos Anjos cita um trecho dessa obra, no qual entende-se que o artista é em especial pessoas que permite outros homens ver aquilo que não conseguem perceber naturalmente (ANJOS, 1967, p. 51-52). O autor mineiro continua a discussão ressaltando que o poeta é um idealista, dado que "se preocupa, menos que o comum dos homens, com o lado positivo e material da vida" (ANJOS, 1967, p. 52). O ensaísta se baseia em estudos de Bergson, que afirmava que, uma vez que o artista se desliga da realidade, consegue ver mais coisas nela. Além disso, o estudioso acreditava que o conhecimento da ação faz com que o homem comum encurte e esvazie a visão do real, uma vez que quem se preocupa em viver, se inclina menos a contemplar (ANJOS, 1967). A partir dos fragmentos expostos, é nítido que o artista se difere dos demais homens por possuir sensibilidade para perceber os acontecimentos e as pessoas no mundo, vindo a registrá-los em forma de arte. Essa atitude diverge da praticidade da vida, posto que a elaboração e a percepção dos fatos são transformadas em arte, atividade essa que se desvia do que é prático, lucrativo e atende a fins pragmáticos.

Outro apontamento que Cyro dos Anjos faz é que "poder-se-ia definir o artista como o homem que sente diante dos objetos naturais o tipo de emoção que o 'não-artista' só experimentará diante das obras de arte" (ANJOS, 1967, p. 67-68). E alega, adiante, que o artista não é "propriamente, um criador, e sim um 'parteiro' da beleza que se acha latente nas coisas" (ANJOS, 1967, p. 68). A partir das duas assertivas nota-se que os objetos ou sensações são percebidos pelo artista, que os transforma em obra de arte. O sujeito que cria possui a habilidade necessária para tal propósito. Cumpre ressaltar que o termo "parteiro" é recorrente para Cyro dos Anjos. No livro *O amanuense Belmiro*, o narrador afirma que está grávido e que dará à luz um livro. Percebe-se que o autor discute, no livro literário, essa temática antes de tratá-la como informação ensaística, através das passagens a respeito da gravidez e de dar vida à arte. O escritor já havia antecipado tais discussões na ficção, por meio do personagem Belmiro. E, posteriormente, em forma de ensaio, ele aborda o assunto especificamente, de maneira teórica.

A criação literária possui um tópico específico sobre o escritor, chamado "O escritor Moderno" (ANJOS, 1967, p. 101), formulado a partir de assertivas de Jean-Paul Sartre. Cyro discute que as obras fundamentadas em preocupações não causam prazer, mas, sim, tormentos e dúvidas; não se impõem como divertimento, mas enquanto obsessão, além de mostrarem que pretendem mudar o mundo (ANJOS, 1967, p. 102). É possível notar que a diversidade das obras

e a temática que elas apresentam têm o poder de causar determinadas emoções nos homens. Exemplos disso são as obras mais engajadas, como as naturalistas, as quais proporcionam ao leitor sensível repulsa ou indignação, uma vez que a linguagem de denúncia difere da do belo e do prazer. Em *O amanuense Belmiro*, quando Redelvim é preso, o romance traz à reflexão a liberdade de expressão e a leitura. Em *Abdias*, à medida em que Gabriela questiona o namorado carioca sobre o regime de trabalho dos empregados da fábrica, nota-se que o narrador põe em discussão assuntos polêmicos, que incomodam e fazem o leitor analisar as situações e os modelos das imposições sociais. Assim, a angústia humana, apresentada na literatura, não mais pertence somente ao artista, mas, também, ao receptor da obra que, por sua vez, é atormentado pela arte.

O ensaísta postula que a criação artística é diferente de qualquer outra atividade criadora, pois, para ele, é o artista que "elabora a sua obra mediante processos intuitivos" (ANJOS, 1967, p. 20). E conclui esse pensamento com a seguinte assertiva: "O que o verdadeiro artista exprime em sua obra representa uma concepção inteiramente pessoal da realidade e de suas manifestações sensíveis." (ANJOS, 1967, p. 20-21). Cyro dos Anjos declara que os materiais de estudo indispensáveis são "as indicações dos artistas sobre as próprias criações." (ANJOS, 1967, p. 21). O processo intuitivo desse escritor evidencia suas particularidades, que inclusive são concepções sociais e muitas vezes impostas ao coletivo, o que pode ser notado nos romances dele, como por exemplo, no fato de o personagem Abdias considerar ridículo seu amor pela aluna Gabriela.

Em *Montanha*, as referências encontradas sobre o artista acompanham a discussão política do romance. Tal recurso é bastante frequente no estilo de escrita de Cyro dos Anjos. Vejamos a citação que trata do assunto, a seguir: "Memória imprestável que só retém das coisas a síntese poética! Boa decerto para artistas, que vivem no fictício. Ao político, homem que tem de se avir com o concreto, é simplesmente calamitosa" (ANJOS, 1994b, p. 13). Notamos que a ficção de Cyro dos Anjos registra, paralelamente ao assunto do romance, a política e a relação do personagem com a literatura. Fragmentos como esse se diluem no romance do escritor mineiro. Em seguida, sobre a mesma discussão, o personagem afirma: "O Machadinho divergiria dessa opinião. Sustentaria que os poetas é que desfrutam de verdadeira intimidade com o real." (ANJOS, 1994b, p. 13). É nítido que esse último fragmento, logo após o anteriormente citado, apresenta outra concepção do que é literatura, vendo-a como o resultado da absorção do real captado pelo artista.

A visão de realidade para o escritor mineiro se atém aos temas do cotidiano, motivos de sua escrita literária. Em entrevista, ele faz a seguinte afirmativa: "A *Montanha* foi um livro

polêmico: trata de um tema político porque eu aproveitei a minha experiência política." (RICCIARDI, 2008, p.140). Qualquer leitor desse romance sabe que a quantidade de informações e de detalhes na estrutura do texto só poderia ter sido elaborada por alguém muito versado nos assuntos e contextos abordados, ou seja, por um verdadeiro intelectual.

Cyro dos Anjos, em "O processo criador", baseia-se nos estudos de Dilthey para afirmar que: "A criação poética nasce quando um acontecimento interior quer traduzir-se em palavras e, por conseguinte, no tempo." (ANJOS, 1967, p. 61). Diz, do mesmo modo, que "o criador da obra literária em verso ou em prosa – afigura-se a Dilthey como um fenômeno que promana da vida de todos os dias" (ANJOS, 1967, p. 61). Pode-se verificar que, segundo o autor, a clareza da informação da matéria para se fazer literatura transborda no artista e se transforma ou transfigura em produto artístico.

O autor do ensaio diz que o artista é aquele que percebe "a realidade profunda que há detrás das coisas" (ANJOS, 1967, p. 68). E, em acréscimo, que o artista consegue abstrair dos objetos "a forma pura" (id., p. 68), contemplando-os como "combinação de formas significativas, sem qualquer ideia de utilidade" (ibid., p. 68). Assim sendo, a contemplação surgiria como uma ferramenta para perscrutar e descortinar combinações singulares de cores e formas. Cyro dos Anjos, enquanto artista, foi capaz de exercer essa sensibilidade e de debruçar-se sobre instrumentos, assuntos e dilemas diversos, a fim de transformá-los em arte e causar reflexão e angústia no homem. Exemplo disso são: as cenas, em *O amanuense Belmiro*, sobre o assédio que Jandira sofre do patrão, narradas pelo protagonista; a morte de Carlota, em *Abdias*; ou, ainda, a doença e a internação de Ana Maria, em *Montanha*. Essas são apenas algumas situações que oferecem um meio único de "preservar e transmitir a experiência do outro." (COMPAGNON, 2012, p. 60).

Retomando as pontuações que Cyro dos Anjos faz sobre o artista, no ensaio, vemos que ele busca, dentre os estudos realizados por Clive Bell, mais conceitos a esse respeito, concluindo que "seria o artista um intérprete do mundo oculto de beleza e de verdade, a que o comum dos homens permanece desatento" (ANJOS, 1967, p. 70). Os olhos dos escritores parecem postular, para o autor, verdades a partir de insignificâncias. Essa prática pode ser vista na maneira com que o ensaísta mineiro se atém a minúcias, nas descrições por ele feitas para demonstrar determinados assuntos.

O ensaio adentra a discussão proposta, definindo o homem como um ser que, em sua constituição biológica e psíquica, é dotado de pulsões criativas. Ao percorrer os estudos de Adolphe Portmann, de 1948, Cyro dos Anjos tece o seguinte comentário: "[...] não só a arte, mas toda a produção normal do homem excede sempre as necessidades elementares, os fins

puramente fisiológicos que se lhe possam atribuir." (ANJOS, 1967, p. 77-78). O escritor mineiro conclui o assunto ao postular que "não será pelo prisma da superficialidade que a arte difere das demais atividades do homem" (ANJOS, 1967, p. 78). A partir disso, nota-se que a arte provoca e incomoda o ser humano, despertando nele vários tipos de afetos. Esse autor se viu às voltas com o incômodo de criar muito precocemente: desde a adolescência, já estava escrevendo e publicando textos, em jornais, na cidade de Montes Claros.

Em *A criação literária*, o artista é assim exposto:

> Há de concluir-se que o artista cria, o romancista escreve, o poeta faz versos porque são capazes de estabelecer, entre os diferentes elementos de sua experiência, correlações e conexões que os outros homens não captam. A questão nisto se circunscreve: o artista é capaz de exprimir a beleza. Vive no mesmo mundo que o homem comum; respira o mesmo ar; contempla o mesmo espetáculo: todavia – e aí está a diferença entre ele e o homem comum – é apto a transformar em obra de arte as suas sensações (I.A. Richards).[8] (ANJOS, 1967, p. 111-112)

Mais uma vez nota-se que o que difere o artista dos demais homens é, mais precisamente, sua sensibilidade em perceber o mundo e representá-lo em forma de arte. Cyro dos Anjos reconhece, em seu livro de memórias, sua vontade de dedicar-se à literatura, independentemente de essa vir a ser, ou não, uma atividade lucrativa. O escritor mineiro baseia-se nos estudos de Pierre Reverdy para sustentar que

> o papel do poeta não consiste absolutamente em explorar os sentimentos que todo mundo experimenta ao vivo, mas antes em trazer e em suscitar outros novos – e enriquecer assim o campo da sensibilidade e da consciência humanas, em uma constante renovação dos aspectos da realidade. (ANJOS, 1967, p. 113)

Dessa forma, o acesso à literatura permite que o leitor sinta emoções alheias, nunca antes experimentadas. Ao ler, no texto, cenas que o tocam, ele se depara com o incômodo das emoções e participa ativamente das dores e angústias vivenciadas pelos personagens. Acreditamos que não é somente o leitor que experimenta as novas sensações, mas, também, o próprio escritor, na gênese textual criativa.

É necessário recorrer a Antoine Compagnon, em *O demônio da teoria* (1999), obra na qual crítico francês trata da figura do autor, com base nos estudos propostos por Roland Barthes, no que diz respeito à morte e à intenção do autor, como teses ultrapassadas, conforme ele argumenta a seguir:

> O autor cede, pois, o lugar principal à escritura, ao texto, ou ainda, ao "escriptor", que não é jamais senão um "sujeito" no sentido gramatical ou linguístico, um ser de papel, não uma "pessoa" no sentido psicológico, mas o

[8] Cyro dos Anjos faz menção a Ivor Armstrong Richards, influente crítico literário e retórico inglês.

> sujeito da enunciação que não preexiste à sua enunciação mas se produz com ela, aqui e agora. (COMPAGNON, 1999, p. 50-51. Grifos do autor)

A discussão ocorre após a escrita do ensaio, em 1968, época em que o Estruturalismo se transforma em Pós-Estruturalismo. O autor se constitui, de acordo com Compagnon, através de seu discurso; de maneira semelhante, e através da sua escrita, Cyro dos Anjos mostra suas diversas facetas, advindas de um sujeito preocupado com a política do país, com certas atitudes machistas, com as transformações dos papeis sociais das mulheres e das famílias, além de outras questões que as narrativas trazem à tona.

Ainda sobre a temática da morte do autor, inaugurada por Barthes, verificamos que Antoine Compagnon afirma o seguinte: "antes de executar o autor, foi necessário, no entanto, identificá-lo ao indivíduo burguês, à pessoa psicológica, e assim reduzir a questão do autor à da explicação do texto pela vida e pela biografia" (COMPAGNON, 1999, p. 51). A crítica literária dos séculos XIX e XX, no Brasil, ainda se debruçava sobre a obra analisando dados do autor no texto. Em 1937, grande parte da crítica da crítica a que tivemos acesso, sobre o romance de estreia de Cyro dos Anjos, estava à procura de vestígios biográficos na narrativa, principalmente quanto à construção dos personagens.

Em outro fragmento de Antoine Compagnon, a afirmação é de que "a única intenção que conta em um autor é a de fazer literatura (no sentido em que a arte é intencional), e o próprio poema é suficiente para decidir se o autor alcançou essa intenção" (COMPAGNON, 1999, p. 81). O controle do texto foge do autor e o leitor subverte intenções autorais. Os elementos que constituem o texto e, da mesma maneira, o conhecimento de mundo do leitor, constroem sentido ao dito textual pelos elementos narrativos.

Sobre essa problemática, há uma importante reflexão de Antonio Candido que consideramos relevante trazer para este estudo:

> O escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o *indivíduo* capaz de exprimir a sua originalidade (que o delimita e especifica entre todos), mas alguém desempenhando um *papel social*, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores ou auditores. (CANDIDO, 2008, p. 83-84. Grifos do autor)

O sujeito da escrita atua, ademais, como ser social que opina, denuncia e se revolta diante das lutas de classes, das guerras, bem como das diferenças econômicas e sociais, intencionalmente ou não. Ao adentrar determinadas esferas sociais, ele sente e vivencia sensações que registra em sua literatura. Tal representação pode ser notada nos romances de Cyro dos Anjos, em que seus narradores abordam assuntos polêmicos da política, situações

sociais femininas, além do modo de viver da classe baixa, que operam como formas de denúncia específicas desse escritor.

O ensaio ainda menciona que o escritor cria figuras que passam a ter vida e atuar dentro do texto. Para tanto, Cyro dos Anjos cita uma posição de Pirandello, no sentido de que o artista tem a propensão para acolher germes de vida, sabendo que esses foram construídos em sua fantasia para se converter em personagens ficcionais. (ANJOS, 1967, p. 114-115). A imaginação do artista é dotada de personagens que se formam na psique do escritor. Anteriormente, Cyro dos Anjos afirmara que quem cria é parteiro, traz ao mundo; todavia, ao acrescentar tal assertiva no ensaio, ele demonstra acreditar que o artista é o criador, ou seja, aquele que dá vida às figuras literárias.

Em *A criação literária*, seu autor afirma que, após Adolphe Portmann ter sido preso em campos de concentração, persistia nele o desejo de exprimir seus sentimentos. Apesar de sua mais profunda dor, a necessidade de expressão era aguçada (ANJOS, 1967, p. 85). Portanto, independentemente de onde o homem esteja, a pulsão da escrita o acompanha. Há, na literatura brasileira, exemplos de autores, como Tomás Antônio Gonzaga, Graciliano Ramos, Ferreira Gullar, Darcy Ribeiro e outros, que, durante estadas na prisão ou no exílio, escreveram obras literárias. Se o artista é aquele que cria e tem propensão a criar, a ociosidade faz com que ele produza e, em um dado contexto de reclusão, creditamos que esse passatempo, a escrita, torna-se quase que uma "redenção" para a alma dos prisioneiros. Cyro dos Anjos evidencia essa capacidade que o homem tem de criar a sua obra de arte: "Os artistas veem coisas que os demais não veem" (ANJOS, 1967, p. 51). Acreditamos que a sensibilidade emotiva provoca o desejo de expor o que se sente. O artista, por assim dizer, é alguém insatisfeito com o que vê e vive – esse observa, analisa e manifesta essas inconformidades através da arte. Carlos Drummond de Andrade, em carta de 05 de junho de 1953, atesta a Cyro dos Anjos que: "[...] os ares mexicanos abriram em você o apetite de escrever" (MIRANDA; SAID, 2012, p. 157). O "exílio" do escritor mineiro contribuiu para que ele desempenhasse a atividade de professor, na Universidade do México. De fato, longe da terra natal, dos amigos e da língua materna, de acordo com a carta, esse autor mostrou-se bastante produtivo.

Ainda sobre o gesto de criar, Cyro dos Anjos alega ter a mesma crença que Elie Faure e afirma ser a atividade estética, "depois da fome e do amor, o instinto que mais se afirma na espécie humana" (ANJOS, 1967, p. 71). A criação pode ser entendida como uma maneira inconsciente de o homem permanecer, através do ato de criar, em constante atuação, mesmo após a sua morte. E o autor do ensaio reitera que esse desejo é "sempre presente e atuante, quer sob forma verbal ou figurada, quer sob forma arquitetural ou sonora" (ANJOS, 1967, p. 71). A

opção pela condução estética é fortuita, mas o desejo humano de estar envolvido com a criação parece ser constante.

O ensaio menciona o termo "estética" para abordar as meditações filosóficas da arte poética. Na acepção moderna, o termo esclarece os princípios reguladores da arte, em que a estética significaria uma manifestação emocional situada entre o inteligível e o sensível. Cyro dos Anjos alega que, de Hegel a Bergson, Croce ou Dilthey, é importante a missão que os filósofos atribuem à atividade estética. Antes disso, seu único papel era o de proporcionar diversão. O autor de *A criação literária* propõe, além disso, que a estética "tem modo inteiramente diverso de se apropriar dos objetos. Deixa-os intactos, não tirando à sensação imediata da forma, da cor ou do som, o seu valor inicial. E modela suas imagens e verdades com o auxílio dos elementos sensoriais." (ANJOS, 1967, p. 79). Assim sendo, os elementos estéticos transformariam os objetos em elementos representados.

Pode-se pensar que a escrita literária ganha vida à medida em que retrata temas e acontecimentos de uma dada sociedade. O teórico francês postula que a literatura constitui "um exercício de pensamento" (COMPAGNON, 2012, p. 66). Sendo assim, escrever é imaginar e retratar inúmeros temas que sempre têm uma relação com a realidade; para Compagnon, a escrita é um meio de "preservar e transmitir experiência dos outros" (COMPAGNON, 2012, p. 60), uma vez que ela "oferece conhecimento" (COMPAGNON, 2012, p. 65). Esse teórico discute, de um lado, a relevância da literatura como entretenimento e conhecimento. Por outro lado, ele aponta que "a literatura desconcerta, incomoda, desorienta, desnorteia mais que os discursos filosófico, sociológico ou psicológico porque ela faz apelo às emoções e à empatia" (COMPAGNON, 2012, p. 64). Cumpre notar a forma clara, direta e objetiva com que esse teórico expõe suas assertivas, permitindo refletir e discutir a respeito dos conceitos de literatura como algo mais tangível.

A representação do real na escrita literária é um tema recorrente nas discussões teóricas sobre o fazer literário. Nesse aspecto, é importante citar a assertiva de Roland Barthes (2004):

> A resistência do "real" (sob a forma escrita, bem entendido) à estrutura é limitadíssima na narrativa de ficção, construída, por definição sobre um modelo que, nas grandes linhas, outras injunções não têm senão as do inteligível; mas esse mesmo "real" passa a ser referência essencial da narrativa histórica, que se supõe que relate "aquilo que se passou realmente": que importa então a infuncionalidade de um por menor, desde que denote "aquilo que se deu"; o "real concreto" torna-se a justificativa suficiente do dizer. (BARTHES, 2004, p. 187-188)

Barthes (2004) discute o real através da análise da descrição em *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, cuja estética apresentada inaugura o Realismo enquanto estilo literário de

uma época. O que se nota é que esse romance representa a realidade da sociedade francesa do século XIX. A escrita transpõe a realidade através das imagens e, no caso da literatura, sabemos que a linguagem é o que permite a retratação de ambientes, pessoas e acontecimentos – tantos sociais quanto históricos.

Para contribuir nessa reflexão, uma parte dos estudos de Wolfgang Iser afirma que "há no texto ficcional muita realidade que não só deve ser identificável como realidade social, mas que também pode ser de ordem sentimental e emocional" (ISER, 2002a, p. 958). Verificamos que Cyro dos Anjos abordou a literatura na mesma perspectiva do crítico alemão. O escritor mineiro nos faz perceber sua relação afinada com as teorias do texto literário, com a representação de atitudes históricas e sociais e, além disso, com as emoções.

Em *A criação literária*, o autor completa que a função estética "[v]ive, sobretudo, da sensibilidade que se manifesta no ato primeiro. Constitui, assim, um [meio] [...] poderoso de persuasão e de conhecimento" (ANJOS, 1967, p. 80). Verificamos que a literatura não teria como função primordial convencer o leitor acerca de determinadas posturas, mas, sim, provocar sensações que levam o homem a questionar e inteirar-se de assuntos e vivências que merecem reflexões. O ensaísta identicamente considera que "a função estética surge como uma das atividades primordiais do homem. Imperiosamente provocada por forças desconhecidas que nos movem, ela se exerce, em grau diverso, em cada um de nós. Tanta importância tem essa atividade, quanto a outra de feição teórica" (ANJOS, 1967, p. 80), concluindo, em seguida, que a crise do espírito se deu na atualidade (século XX), devido à atrofia da vida estética (ANJOS, 1967). A partir disso, notamos que a função estética constitui uma força-motriz para o artista e o homem Cyro dos Anjos. As atividades burocratas dele são alternadas pela arte e pela literatura como fontes de vida. Seu livro *Poemas Coronários* foi escrito após o autor ter se internado para cuidar de complicações cardíacas. A temática que prevalece nesses poemas é sobre hospital, enfermeiras e outros elementos componentes do cenário médico. A relação entre a vida e a escrita desse escritor faz-se evidente nesse exemplo.

O ensaísta, a partir dos pressupostos de Adolphe Portmann, afirma que a função estética proporciona os instrumentos da criação artística e, em acréscimo, que criar é um dom. Apesar disso, na prática, é pertinente dizer que Cyro dos Anjos não acreditava que criar vinha a ser um dom, até mesmo porque ele declarou, através de cartas e entrevistas, que produzir literatura é um trabalho de elaboração árdua, haja vista que o ofício literário demanda dedicação, revisão e reescrita daqueles que criam textos. Muitos reconhecem o artista como um homem excepcional ou um gênio criador. Nesse sentido, a partir da convivência, o homem deseja ou é incentivado a produzir arte, uma vez que ele, na maioria das vezes, tem algum acesso a ela. À indagação de

Eduardo Spranger sobre "qual a atividade do impulso que leva o homem à atividade estética" (ANJOS, 1967, p. 106), Cyro dos Anjos responde que só o homem é capaz do ato estético, uma vez que, dentre os seres vivos, apenas o humanos parecem ser atingidos pela inteligência e pela afetividade. Dessa maneira, a racionalidade e a emotividade proporcionam ao homem criar, conforme o autor afirma a seguir:

> É da essência do ato estético: a) a atitude contemplativa e desinteressada da consciência; b) a referência ao sensível-concreto, isto é, ao "imaginal" do objeto; c) a endopatia, baseada na coincidência de impressão e expressão de um conteúdo psiquicamente significativo no objeto. (ANJOS, 1967, p. 108. Grifo do autor)

O fragmento explicita que criar está relacionado ao ser individual, assim como ao escritor do ensaio, que, enquanto artista, pratica a elaboração estética. Como ensaísta, o escritor mineiro procura entender tais ruminações teóricas, que propõe responder com cada texto do ensaio. Cyro dos Anjos ainda acrescenta, sobre o assunto em discussão: "O objeto há de conter uma aparência singular, real ou criada pela fantasia, com a qual possamos fundir-nos psiquicamente, de modo que, em nós, sua impressão se converta em nossa expressão. Cumpre que haja uma fusão imaginativa do 'eu' e do objeto." (ANJOS, 1967, p. 108). Afere-se que o escritor mineiro acredita que o texto literário é a junção de sua percepção e que o produto artístico resulta de sua convicção enquanto sujeito e, por último, de seu olhar sobre o mundo e as pessoas. Assim, ao rememorar os personagens, ambientes e impressões desse escritor mineiro, pode-se notar que suas criações demonstram o homem e o artista que ele foi em vida.

A literatura, apesar de não assumir um compromisso em desvelar a realidade empírica, pode vir a ser um modo de demonstrar mazelas humanas que afetam o homem que lê. O autor do ensaio diz que a literatura faz o homem conhecer a vida de outrem, a mais íntima vida: feita de gestos, atitudes e, principalmente, de pensamentos. Exemplos disso surgem quando, ao ler sua obra, conhece-se o personagem Abdias, da obra homônima, deseja a morte de sua mulher para poder se casar com a aluna Gabriela. Sabe-se como Jandira vive no meio da sociedade da época, impondo-se como mulher nos ambientes públicos. O leitor pode torcer para que Belmiro tenha sucesso com a escrita do livro e, na vida amorosa, com uma moça que condiga com seu perfil. Ainda pode sentir vontade de conversar com Ana Maria e dizer-lhe que aceite Everardo como namorado. Essas são apenas poucas das inúmeras sensações e vontades que o leitor tem ao compartilhar da leitura dos romances de Cyro dos Anjos.

2.4. O SUJEITO QUE CRIA

Cyro dos Anjos, em *A criação literária*, afirma que a distinção entre o artista e o homem comum é a sua habilidade de criar, levando-se em consideração que "o espírito criador é a própria vida, em ação, através do artista" (ANJOS, 1967, p. 36). O autor do ensaio avança a discussão e diz que "o espírito criador é um dom", segundo Ribot.[9] Essa temática é estudada por Cyro dos Anjos com base nos estudos de Platão, em seus *Diálogos*, que, por intermédio de Sócrates, denomina o criar de "força divina". Essas afirmações são válidas em relação ao professor O. N. Derisi, que o escritor mineiro utiliza em sua discussão, o qual também afirma que o poder de criar é um dom de Deus (ANJOS, 1967, p. 37). Apesar de o autor do ensaio utilizar essas assertivas na elaboração de seu texto, sabemos que, na prática, ele considera a atividade de escrita como um trabalho duro e árduo.

Cyro dos Anjos recorre, ademais, às discussões de Paul Valéry, reconhecendo que o autor francês se afasta dessas declarações sobre um suposto "dom de escrever", afirmando que criar envolve inspiração e privilégio divinos (ANJOS, 1967, p. 37). Percebemos que esse último sentido utilizado não difere tanto do parágrafo anterior que vínhamos discutindo. Até porque tanto "dom" quanto "inspiração" se assemelham no sentido de expressar vantagem, facilidade ou privilégio, que alguns homens teriam em se tratando de literatura, manifestado através da escrita.

O escritor mineiro, em entrevistas e cartas, demonstra que não concorda com essa assertiva, uma vez que, para a elaboração de sua escrita literária, escrevia e reescrevia; usava técnica de elaboração de composição do romance, além de cultivar a paciência para reformular seus escritos. Após leituras, conselhos e apontamentos dos amigos, fazia revisões e retomadas do mesmo texto, diversas vezes, antes de enviá-lo para publicação.

A criação literária aborda discussões sobre o artista, sendo que seu autor considera, a partir dos estudos de Bergson, que a função fabuladora do escritor está no ato de criar personagens e histórias, elementos esses indispensáveis à existência humana e social (ANJOS, 1967). Ele ressalta que a primeira função do artista literário é a criação textual, em que a enunciação se encarrega do processo da linguagem que organiza o mundo fabulado que se pretende representar esteticamente. Ademais, prossegue na discussão e afirma que foi a partir do ato de criar fábulas, tidas como as primeiras faculdades de textos ficcionais, que surgiu a religião. Assim, entende-se que a religião se apropriou da arte para instigar atitudes sociais que mostrassem aos homens maneiras éticas de comportamento, com o intuito de que,

[9] Théodule-Armand Ribot, psicólogo francês que viveu do século XIX para o XX.

consequentemente, através de figuras ficcionais, a sociedade agisse com atitudes corretas e éticas.

No ensaio há um diálogo com os estudos de Paul Bourget, no sentido de discutir os motivos que levaram Taine a escrever romance. Cyro dos Anjos disse que Taine "sentia necessidade de se abrir e se expandir" (ANJOS, 1967, p. 73). De acordo com essa formulação, o homem produz porque está pleno de informações e inquietações em seu íntimo. O fazer artístico é uma maneira de exteriorizar seus pensamentos, sentimentos e angústias, além de possibilitar que vidas e modos de viver se tornem conhecidos.

Cyro dos Anjos afirma que "um dos motivos precípuos da criação estética será, justamente, a necessidade, que sente o artista, de se tornar *essencial* em relação ao mundo." (ANJOS, 1967, p. 93). Notamos que, para o escritor mineiro, o artista tem consciência de que é indispensável e necessário para os demais homens ou para a sociedade. No capítulo ""Escolha" profunda e imediata", o ensaísta, baseando-se em concepções de Sartre, afirma o seguinte: "Cada escritor – diz ele – dará suas razões, se lhe perguntarmos porque escreve. Para uns, arte é fuga; para outros, instrumento de conquista." (ANJOS, 1967, p. 92). A partir dos dois fragmentos, é lícito compactuar com a ideia de que o artista, no caso específico da literatura, o escritor, se realiza de alguma maneira através da obra. Nas cartas de Cyro dos Anjos para Drummond verificamos a ânsia daquele em publicar seu primeiro livro e torná-lo conhecido através da divulgação.

A partir de acepções de Ribot sobre o instinto criador, o ensaísta acrescenta que "toda invenção nasceu de uma necessidade particular da natureza humana, que atuou em sua esfera, para seu próprio fim" (ANJOS, 1967, p. 27). O autor aponta que não há explicação para a opção pela arte que cada homem produz. Logo, não há elucidação sobre o que leva cada homem a criar uma determinada arte. Acredita-se que o homem conhece e quer praticar a arte que escolhe por identificação. Ainda nessa mesma perspectiva, Cyro dos Anjos afirma que a arte representa "uma reconstrução da vida vivida." (ANJOS, 1967, p. 30). A arte é algo extraído da própria vida dos artistas, seja de emoções, relações, indagações ou contemplações. É a partir de suas vivências, anseios, desejos e indignações que ele extrai ou absorve matéria para a sua arte.

De acordo com essa concepção do gesto de criar, Cyro dos Anjos acrescenta que a invenção surge a partir da agitação do corpo humano, posto que "[o] pensamento não inventa; o corpo, ou melhor, a ação é que inventa." (ANJOS, 1967, p. 33). Sendo assim, a arte que esse escritor mineiro cria resulta de inquietações representadas por personagens, situações e contextos – sejam vivenciados, sabidos ou experimentados – que compõem sua obra. E o desejo

de criar, nesse escritor, despertou-se desde sua adolescência. Nota-se no caso de Cyro dos Anjos, que a vivência dele com a arte o conduz à escrita literária.

No subtítulo "*Engagement* de Sartre", em que Cyro dos Anjos se refere, mais uma vez, aos estudos de Jean-Paul Sartre para expor um conceito com base no *engagement*, sem esclarecer, todavia, de que maneira o escritor deve "engajar-se" (ANJOS, 1967, p. 88). Sabe-se que o texto literário pode se referir a emoções e vivências diversas e que, ao tratar dos problemas sociais, as dramatizações desses elementos, que aparecem ficcionalizados, bem como as visões de mundo independentes, estão relacionadas em um processo de estreitamento. A partir dessas exposições, os elementos próprios da personalidade humana mostram-se como constituídos da sociedade a que correspondem.

Em *A criação literária*, com "A forma significativa", o ensaísta afirma que "o artista vê, nas coisas, uma realidade profunda que, na vida comum, não logramos alcançar" (ANJOS, 1967, p. 66). O crítico afirma, em seguida, que: "todos os temas da experiência estética partem, forçosamente, da experiência pessoal de uma emoção peculiar" (ANJOS, 1967, p. 67). Cyro dos Anjos aceita a concepção de que a arte é fruto da subjetividade humana. No mesmo tópico do ensaio, na sequência de seus estudos e ruminações, o autor acrescenta que "a arte como meio de descobrir a realidade oculta nas coisas: é ideia antiga, de raízes platônicas" (ANJOS, 1967, p. 66).

No ensaio "Literatura, ação", seu autor indaga acerca daquilo que deve, então, formar o escritor de hoje, visto que lhe compete escrever para sua época e para seus contemporâneos. Cyro dos Anjos não responde à dada indagação ou sequer esclarece explicitamente seu posicionamento, mas, por meio de sua ficção, notamos que ele se distancia da hipótese de que a literatura seja alheia ao contexto de sua produção, uma vez que trata de muitos assuntos, tanto da emoção quanto do contexto social. Aliás, ele discute até mesmo política no romance *Montanha*. Sua literatura chama à reflexão política, econômica e social do país da época e, dessa maneira, seus livros figuram uma realidade, por meio de figuras líricas. O escritor evidencia a insatisfação e os questionamentos diante da vida e dos fatos sociais, políticos e econômicos que observa, vivencia e cria.

Dado que essa é uma questão que diversos teóricos e críticos tentam responder, recorremos a alguns deles para discutirmos um pouco mais o assunto. Antonio Candido pondera que a "literatura é também um produto social" (CANDIDO, 2008, p. 29). Sendo assim, os diversos temas que ela discute surgem da relação do autor com o lugar em que vive, que conhece e recria, imaginariamente, a partir de algum viés. René Wellek e Austin Warren, baseados em diversas concepções, afirmam que a literatura é "unidade na variedade";

"contemplação desinteressada"; "distância estética"; "enquadramento"; "invenção"; "imaginação" e "criação". Cada um desses termos se refere a um aspecto da obra literária, um traço característico das suas direções semânticas. Nenhum é satisfatório em si (WELLEK; WARREN, s.d., p. 30). Averigua que Cyro dos Anjos tinha visão convergente com as de Antonio Candido, René Wellek e Austin Warren, uma vez que ele se refere à criação artística de maneira semelhante, concebendo a literatura em relação dialógica com seu contexto de produção.

O ensaísta ajusta sua visão com o texto de Sartre ao se referir à função do escritor, que deve "mostrar o universo, como é em si mesmo, na sua massa profunda. O mundo assim desnudo, com a ambiguidade, a sua imprevisibilidade, o seu brutal frescor, deve despertar a indignação do público" (ANJOS, 1967, p. 97). Nota-se a defesa de que a função social do artista é mostrar mazelas, dores, desencantos, mentiras, perseguições, e muitas outras atitudes humanas que denunciam formas de agir em prol da individualidade, seja no âmbito privado ou no público.

Cyro dos Anjos, no tópico "Recuperação do mundo", aborda a questão da função do escritor com a seguinte posição:

> A função do escritor é fazer com que ninguém ignore o mundo, ninguém se possa dizer inocente, no que concerne a seus males. Desde que coopera para que se crie e mantenha um mundo injusto, o leitor torna-se responsável por ele. A arte do escritor consiste, pois, em obrigar o leitor a criar o que ele "desvela", e em comprometê-lo nessa criação. (ANJOS, 1967, p. 96)

De acordo com a passagem, cabe ao escritor divulgar, denunciar, tornar conhecidos os acontecimentos, as mazelas e as injustiças. E é através da cooperação do leitor que as informações se concretizam, ou seja, os assuntos tratados são atualizados na leitura. O leitor coopera para que as escritas se tornem divulgadas e lidas, pois sem ele a obra não se concretiza completamente no seu processo enunciativo. Pode-se indagar sobre o que Cyro dos Anjos denuncia através de sua escrita. Uma resposta razoável seria porque a leitura de sua obra nos faz ter conhecimento de que os dilemas existenciais de Belmiro, Abdias e Ana Maria, por exemplo, fazem parte do sofrimento do homem. Outros como Redelvim, Gabriela e Everardo não aceitam a exploração, as fraudes, a desigualdade socioeconômica, a política como forma de enriquecimento, entre outras questões que angustiam os homens. Não é raro observar, nos romances de denúncias de Cyro dos Anjos, diversas situações de denúncia da dor humana, seja ela privada ou compartilhada.

Sobre esse assunto, Michel Foucault, em *O que é um autor?*, aponta para a discussão que propomos, conforme pode ser observado na seguinte passagem:

> [A] função autor está ligada ao sistema jurídico e institucional que encerra, determina, articula o universo dos discursos; não se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos, em todas as épocas e em todas as formas de civilização; não se define pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas através de uma série de operações específicas e complexas; não reenvia pura e simplesmente para um indivíduo real, podendo dar lugar a vários "eus" em, simultâneo, a várias posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem ocupar. (FOUCAULT, s.d., p. 56-56. Grifo do autor)

Essa citação enumera muitas funções do autor, sendo que, primeiramente, o estudioso defende que o lugar do qual o autor fala marca diversos discursos evidenciados na escrita. O autor abarca uma cultura, ou coletividade, relacionada à sua relação individual e coletiva. Pode-se dizer que os personagens representados nos textos ficcionais são criações em forma de mosaico, uma vez que abarcam diferentes referências de pessoas e atitudes configuradas em uma única criação específica. Dessa forma, os "eus" que Cyro dos Anjos apresenta em seus romances são composições de uma coletividade que ele conheceu, com a qual conviveu, ouviu falar e se constituem em matéria para personagens específicos dentro do romance.

A função de autor que Cyro dos Anjos defende é a do sujeito engajado que denuncia e faz com que seus leitores conheçam o mal da sociedade, das pessoas e das instituições. O ensaísta reitera a importância de tornar os males sociais conhecidos. Como leitores, notamos que, em seus romances, o escritor mineiro cria diversos narradores, sejam personagens protagonistas ou narradores em primeira pessoa, dotados de muitas facetas e vozes que tomam forma na obra. Cada eu narrativo se posiciona a respeito de assuntos que trazem reflexões como, por exemplo, Jandira e sua indignação com as atitudes sociais machistas (*O amanuense Belmiro*); Cláudia e sua comodidade em aceitar as traições do marido (*Montanha*); Ana Maria e sua paixão por Pedro Gabriel, acometido pela tuberculose e sua tristeza existencial, que o impede de conceder uma nova chance para o amor (*Montanha*), sem mencionar outros assuntos em relação aos quais o autor se posiciona, por meio dessas vozes que constituem seus romances e memórias.

2.5. O LEITOR

A primeira afirmativa que Cyro dos Anjos faz sobre o leitor, em *A criação literária*, é que, no futuro, baseando-se nos estudos de Jean G. Lossier, o homem se achará "preparado para viver uma vida bem mais impregnada de arte do que a nossa" (ANJOS, 1967, p. 84). E vaticina, ainda, que o público há de aumentar, além de que "seria injúria ao homem supor que, no seio desse novo e imenso público, não se encontrasse fração bastante numerosa que exigisse do

artista as mais altas obras" (ANJOS, 1967, p. 84).[10] O contexto referido, à época da escrita do ensaio, é a década de 50 do século XX. O que o ensaísta chama de aumento de público pode referir-se à melhoria e à ampliação dos meios tecnológicos e de informação no Brasil, uma evolução prestes a começar na época em que viveu Cyro dos Anjos. Pode-se supor haver, em acréscimo, uma indicação de maior acesso ao conhecimento, que pode acontecer por meio do aumento de cursos superiores e de escolas de educação básica, além do crescimento do número de editoras, publicações e produtos editoriais, sem contar a melhoria econômica e social, o que, em seu conjunto, provoca a expansão da leitura.

Ademais, público é diferente de leitor, principalmente o leitor de literatura. O acesso aos livros nos dias atuais aumentou significativamente, apesar de as estatísticas apontarem para o fato que os brasileiros raramente leem obras literárias. No entanto, cumpre ressaltar que a sociedade brasileira é, até os dias atuais, marcada pelas desigualdades sociais e econômicas, sendo que muitas pessoas ainda não têm acesso ao saber ou sequer condições mínimas de adquirir livros para alcançar leituras mais diversificadas.

Por mais que as indústrias tenham se expandido, o que possibilitou a abertura de muitos tipos de comércio de livros, constata-se que muitos estudantes ainda não têm acesso a livros, sendo que a divulgação, a distribuição e o comércio dessas publicações não se dão de maneira uniforme nas regiões brasileiras. O escritor mineiro discute, no tópico "Solidão do profeta", que entre escritores e leitores não há relações reais. Há leitores, não público (ANJOS, 1967). Cyro dos Anjos reconhece que as fronteiras entre escritor e leitor são possibilidades, até porque, algumas vezes, as obras se destinam a públicos que não as leem, o que não as impede, entretanto, de alcançar um público além do que fora previsto.

Em *A criação literária* seu autor afirma que, para a criação ser um dom livre, tal liberdade não se aplicaria apenas ao escritor, do mesmo modo se estenderia ao leitor, o qual muda "tudo" no ato da leitura (ANJOS, 1967). Cyro dos Anjos não se considera livre no momento da escrita, uma vez que está vinculado a delimitações estéticas e historiográficas, impostas desde os textos clássicos, como no seu tempo. No Brasil, um exemplo disso se dá no fim do século XIX, mais precisamente em 1882, quando Sílvio Romero lança *A História da Literatura Brasileira*, contendo seleções de autores e obras em diversos momentos culturais e históricos. Sem contar que a crítica de rodapé ainda era bastante praticada à época do lançamento de *O amanuense Belmiro*, em 1937.

[10] O texto foi escrito em 1954 e, em relação a essa época, o "futuro" poderia fazer alusão à atualidade em que vivemos, no início do século XXI.

Graça Paulino e Ivete Walty propõem um entendimento mais amplo das inúmeras possibilidades de leitura da obra literária, sendo que uma delas diz respeito à consciência das inúmeras encenações e facetas do "eu" que narra as obras ficcionais, conforme segue: "a leitura literária exibe [...] o próprio jogo da linguagem – um eu que se supõe em cena diante do outro – ao mesmo tempo em que exibe os bastidores dessa encenação." (WALTY; PAULINO, 2005). Averigua que é na linguagem que o jogo entre emissor e destinatário é realizado, sendo que ele pode ou não ser previsto pelo autor, posto que é a enunciação que irá propiciar sua concretização. Ressalvando, entretanto, que a leitura efetiva irá depender do conhecimento prévio do leitor. O escritor mineiro encena, em *A criação literária*, o papel de um professor que irá explicar o porquê da escrita literária, após a pergunta de um aluno. A encenação criada por esse escritor convence muitos leitores, até mesmo aqueles que demoram a perceber que os ensaios já haviam sido publicados, antes mesmo de darem forma ao livro publicado.

Cyro dos Anjos persiste em suas reflexões sobre a estética literária, ao afirmar, mais adiante, que "só a leitura da obra esclarecerá aos interessados essa alternação de situações, entre criador e criatura, com relação à 'essencialidade'" (ANJOS, 1967, p. 94. Grifo do autor). Acredita-se que a relação do texto com o leitor se estabelece no ato da leitura, momento durante o qual suas impressões, perspectivas e experiências irão proporcionar - ou não - o então designado "pacto de leitura". Cumpre lembrar, entretanto, que também pode haver subversão desse pacto, através de uma leitura não prevista.

Outro estudioso do assunto que corrobora para a dada discussão é Wolfgang Iser. Ele profere que "o texto é composto por um mundo que ainda há de ser identificado e que é esboçado de modo a incitar o leitor a imaginá-lo e, por fim, a interpretá-lo" (ISER, 2002, p. 107). Nessa perspectiva, o teórico alemão vai tratar do jogo do texto, uma vez que a interpretação é o modo como o leitor precisa "jogar", através do ato da leitura, para criar sentido e imaginar o não dito do texto literário. Além do mais, o leitor fornece ao texto, no momento em que o lê, informações que ele não contém, mas que são necessárias para a construção de novos sentidos.

Wolfgang Iser, em seus estudos, ainda aborda os pontos de indeterminação e os vazios que permitem ao leitor novas interpretações para o texto. Tal prática se dá no ato de ler, tomando o leitor como um pesquisador que analisa e subjetivamente absorve novos dados: a partir de outro olhar sobre a obra, o leitor pesquisador desvela alguns dados ou pontos de vista ainda não percebidos ou discutidos por outros leitores. Esse mesmo teórico ainda define três modos de o leitor jogar com a leitura, que são: o significado do texto (a semântica); a experiência e, por último, o prazer (ISER, 2002, p. 116-117). Acredita-se que Cyro dos Anjos não teve conhecimento das teorias da recepção de Wolfgang Iser até o momento da escrita de nossa

pesquisa. Ainda assim, verifica-se que aquele, como leitor, se apropria dos textos lidos para sua constituição de sujeito e homem social.

Ao amadurecer, como escritor, Cyro dos Anjos apresenta suas leituras sob as perspectivas de um leitor crítico, engajado, referindo-se às mesmas leituras como prática transformativa e pessoal. Como leitor, o escritor mineiro realiza o jogo textual ao trazer para suas vivências as obras lidas e interage com os assuntos abordados no texto, por meio do discurso enunciativo. A sensação de prazer é confessada pelo leitor, em *A menina do sobrado*, através do narrador leitor que insiste em afirmar que certos impulsos e outras sensações humanas são despertados através de leituras.

Sobre o leitor, considera-se importante aferir, nos estudos de Umberto Eco, algumas assertivas sobre o tema. Ele chama de "leitor-modelo" aquele leitor previsto para "atualização textual como ele, autor, pensava, e [para] movimentar-se interpretativamente conforme ele se movimentou geratividade." (ECO, 2002, p. 39). Em outros termos, trata-se de um leitor construído conforme a estratégia textual, que consegue fazer a leitura a partir de seu conhecimento e léxico, contribuindo, por assim dizer, para a produção e atualização do enunciado. Uma vez que o texto não pertence mais ao seu autor, o receptor também o subverte, propondo interpretações não previstas. Umberto Eco ressalta que há um leitor virtual e um leitor real. Para ele, a obra é aberta, mas tem suas limitações de interpretações e sentidos.

Em concomitância com essa proposta, Antoine Compagnon, com base em Wolfgang Iser, discute e tece, em seu texto, algumas considerações sobre o leitor: "A liberdade concedida ao leitor está na verdade restrita aos pontos de indeterminação do texto, entre os lugares plenos que o autor determinou." (COMPAGNON, 1999, p. 155). A partir dessa ideia, verificamos que o autor escreve o texto e é "dono" do jogo, uma vez que ele determina a interpretação através do dito. Essa interpretação, porém, pode ser subvertida pelo leitor, a ponto de o autor perder o controle total do texto, principalmente do texto literário. Nesse jogo de leitor, Cyro dos Anjos pondera, em *A criação literária*, que o livro de Huizinga sobre o jogo em *Homo Ludens* "deixa-nos, entretanto, insatisfeitos. Dir-se-ia que, ampliando o conceito tradicional de jogo, descaracterizou a atividade lúdica." (ANJOS, 1967, p. 15). Tem-se, no fragmento citado, a confissão do escritor mineiro que procura respostas satisfatórias para o conceito de jogo, além da noção transposta por Huizinga, no sentido de ser o jogo aquilo que se opõe ao entretenimento, recriação e lazer, decepcionando, dessa maneira, o leitor que lê para obter respostas, escrever e fazer reflexões sobre a aproximação entre jogo e arte.

No tópico "O leitor também cria", a partir dos estudos de Sartre sobre o tema, Cyro dos Anjos afirma que "o escritor não escreve para si mesmo, e [que] o ato criador não é senão um

momento incompleto e abstrato da produção duma obra" (ANJOS, 1967, p. 94). O autor do ensaio tinha consciência da necessidade do leitor de sua obra para criticar, gostar, apreciar e elogiar. Uma vez que trabalhava em um jornal, à época do lançamento de seu primeiro romance, Cyro dos Anjos convivia com as críticas de jornais, o que possibilita pensar que o autor tenha acompanhado os textos que os amigos, conhecidos e admiradores de literatura fizeram sobre seu primeiro livro. O escritor mineiro distribuiu seus livros e enviou-os para a editora José Olympio que, por sua vez, distribuiu seu primeiro romance, publicado em 1937. O convívio desse autor com o ambiente literário deixou-o consciente de que a obra não foi escrita para ficar parada no tempo: o sentido de uma obra se encontra no ato de sua leitura. O sentido de uma obra se constrói à medida em que ela fornece acesso a outras leituras, fenômeno esse que pode ser encontrado na literatura de maneira geral.

Cyro dos Anjos se esforçou para que *O amanuense Belmiro* fosse lido, divulgado e citado pelos leitores que dele faziam leituras críticas, no momento de sua publicação, em 1937. Assim, ele acreditava que era a leitura que divulgava as obras. Lembrando que esse escritor residia na capital mineira e enviava livros para os amigos que residiam na capital do país, à época o Rio de Janeiro. Seu intuito era divulgar e tornar sua obra conhecida e lida. Uma vez que os meios de comunicação eram mais restritos do que os atuais, ele costumava enviar exemplares de seus livros, através dos correios, para conhecidos em diferentes lugares do Brasil.

Sobre esse tópico, na página noventa e quatro de seu ensaio, o escritor afirma que, sem o leitor, a obra nunca "veria a luz do dia" (ANJOS, 1967, p. 94), posto que "a operação de escrever implica a de ler, como seu correlativo dialético. Estes dois atos conexos exigem agentes distintos, pois nunca o escritor lerá os seus escritos como o leitor os lê." (ANJOS, 1967, p. 94). Cyro dos Anjos já tinha experiência de compartilhar seus dois primeiros romances com amigos, que os leram e deram pareceres sobre sua escrita, antes de publicar as duas obras. Nas cartas trocadas entre ele e Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, há comprovação do ponto de vista desse sobre os livros daquele. Da mesma forma, nos documentos consultados na Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, tivemos acesso a uma longa carta em que Cyro dos Anjos responde a Castelo Branco acerca das muitas pontuações enumeradas sobre a construção temática e estética de *Montanha*.

Uma possível comprovação dessa preocupação de Cyro dos Anjos pode ser encontrada em uma de suas cartas a Carlos Drummond de Andrade,[11] em que o autor de Montes Claros desabafa: "O que me castiga, no momento, é apenas o compromisso assumido. Vários

[11] Essas correspondências foram publicadas por Wander Melo Miranda e Roberto Said, em 2012; selecionados do período de 1930 a 1986, os textos originais encontram-se no Arquivo dos Escritores Mineiros da UFMG, em Belo Horizonte, e na Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro.

indivíduos, que nunca lerão o livro, vivem a perguntar por ele, só para me cacetear. Sabem que seguiu para o Rio e indagam se foi ou não aceito. Você sabe como é isso." (MIRANDA; SAID, 2012, p. 97). Antes de esse escritor mineiro lançar seu primeiro livro, já havia certa movimentação por parte de seus possíveis leitores. Há uma angústia do escritor em responder às especulações sobre seu romance. Essas, muito provavelmente, foram feitas pelos amigos dele, que liam, discutiam literatura e acompanhavam as crônicas que o autor de *O amanuense Belmiro* escrevia para o jornal *A Tribuna*, de Belo Horizonte.

Além do fragmento citado, Cyro dos Anjos aponta, no ensaio, que "[d]os esforços conjugados, de autor e leitor[,] é que surgirá esse objeto concreto e imaginário: a obra do espírito. Não existe arte senão *para* outrem, e *por* outrem" (ANJOS, 1967, p. 94. Grifos do autor). Como leitor assíduo de literatura que esse escritor era, ele tinha convicção sobre para quem escrevia, a respeito de qual público almejava para suas obras. Mesmo que não tivesse controle de seus livros e de seus leitores, suas confissões, entrevistas e escritos demostram sua apreciação pela literatura, conforme se pode deduzir a partir das informações registradas em seus livros.

Em *A criação literária*, Cyro dos Anjos trata mais adiante do mesmo tema, quando faz a seguinte afirmação: "visto como a criação literária só se pode completar com a leitura, pois forçoso é que confie o escritor a outrem a tarefa de acabar aquilo que começou, toda obra literária envolve apelo" (ANJOS, 1967, p. 94). Para Cyro dos Anjos, a obra literária é inacabada e se completa através do leitor, que, através da leitura, atualiza e dá vida à obra, na perspectiva pessoal e diversa daquela imaginada por seu criador.

O ensaísta é ciente de que o sujeito que lê reporta, no momento da leitura, suas vivências, emoções, preferências pessoais e empatia. Em outro fragmento do ensaio, na mesma perspectiva, o escritor conclui o seguinte: "o leitor não pode ser passivo; é elemento ativo na criação da obra, e dela assume também a *responsabilidade.*" (ANJOS, 1967, p. 95. Grifo do autor). O escritor mineiro sabe que o leitor faz parte do pacto textual, em parte por experiência própria, até porque ele conheceu o valor e as preferências das obras literárias através de discussões críticas, debates literários e participação em rodas de leitura em Belo Horizonte. Esse mesmo autor, na época, não conhecia as teorias da recepção; no entanto, era favorável a uma estética literária que pressupõe um "interlocutor" leitor, o qual compartilha das informações do texto e, a partir delas, estabelece uma interação entre texto e leitor e, consequentemente, entre autor e leitor.

Cyro dos Anjos aborda, em *A criação literária*, a liberdade de criar e ler, no sentido de que "a obra tem a sua fonte na liberdade humana; liberdade de autor, liberdade de leitor. O

escritor não escreve sob o domínio de paixões. E a leitura é um pacto de generosidade entre autor e leitor" (ANJOS, 1967, p. 95). É pertinente o ensaísta reconhecer que a escrita do texto literário é uma elaboração da linguagem e que, uma vez nessa condição, essa estaria relacionada com a técnica e a razão. Sua vivência como escritor consistia em reformular seus escritos para chegar a uma elaboração mais próxima de seu desejo enquanto artista. Sabe-se que o escritor, em sua liberdade – limitada pelo discurso através do ato enunciativo – controla a escrita através da linguagem, dos sentidos e das palavras. Lembrando que a experiência desse escritor mineiro era compactuada na escrita dos romances, a exemplo do que se dá quando o personagem Belmiro diz que projeta a escrita de um estilo e, no final, sai um outro. A liberdade do leitor acontece concomitantemente com as emoções pessoais que transpõe para o texto no momento de leitura, como a empatia com a linguagem e com o dito de outrem.

Sobre a leitura, mais uma vez, recorremos a Graça Paulino e Ivete Walty, com a premissa de que "vale reiterar que o texto sempre pressupõe um contrato de leitura, um pacto subjacente à forma de ler, que atua sobre a biblioteca interna, o repertório do leitor, como um 'saber' partilhado." (WALTY; PAULINO, 2005. Grifo das autoras). Apesar de ser livre, o leitor ainda necessita ler o texto conforme o ato linguístico. Entretanto, sabemos que é o repertório do leitor que faz com que o pacto enunciativo possibilite as inferências e a construção de sentidos do discurso.

Antoine Compagnon, em seus estudos sobre o leitor, sustenta que "a leitura tem a ver com a empatia, projeção, identificação. [...] o leitor aplica o que ele lê à sua própria situação, por exemplo, a seus amores" (COMPAGNON, 1999, p. 143-144). Ao deparar com o texto de Cyro dos Anjos, sabe-se que esse escritor demonstra suas leituras em sua escrita, até mesmo porque, a todo momento, em seus romances, ele faz observações ou remete às obras lidas. Existe certa intimidade entre os autores que leu e a espontaneidade com que demonstra isso na sua escrita. Isso será analisado com mais detalhes, no segundo capítulo, quando forem discutidas as leituras das narrativas.

Em *A criação literária*, mais especificamente em "Recuperação do mundo", o escritor reitera que "através de qualquer objeto que produza, o que o ato criador tem em mira é uma reconquista total do mundo. Cada quadro, cada livro é uma recuperação da totalidade do ser" (ANJOS, 1967, p. 95). Dessa forma, é por meio da leitura que essa "recuperação se consagra" (ANJOS, 1967, p. 95). O texto esclarece que, sem leitura, não há recuperação da obra e dos assuntos, por exemplo. Algo muito semelhante se dá em *O amanuense Belmiro*: quando Redelvim é preso, nota-se a censura da leitura, pois ele estava comprando livros com ideologias comunistas e a escrita de seu caderno é levada pela polícia, com o intuito de incriminar o

personagem. No terceiro romance, *Montanha*, a repressão ocorre por meio de resquícios do coronelismo, praticado por políticos, no interior do estado de Minas Gerais. Essas imagens exemplificam retratações de silenciamento e de poder, praticados nos contextos representados nos dois romances.

A partir das afirmativas, verifica-se que a obra, por si, não sobrevive: ela se ampara no leitor, que, a cada leitura, dá vida ao texto, e, ao mesmo tempo, no autor, porque seu reconhecimento culmina com esse ato de leitura. Ao discutir a respeito dessa temática, Antoine Compagnon reitera que "o leitor vai para o texto com suas próprias normas e valores" (COMPAGNON, 1999, p. 148). Dessa forma, Cyro dos Anjos não se desvincula nem se esquece do que ele é no ato de leitura, já que o conhecimento adquirido é acessado inconscientemente. Tomando outra afirmativa de Antoine Compagnon, tem-se que "as normas e valores do leitor são modificados pela experiência da leitura" (COMPAGNON, 1999, p. 148). O ato de ler se completa no momento em que o leitor contribui com o que sabe, à medida em que se modifica e amplia sua experiência e seu conhecimento a partir dessa prática.

A respeito da liberdade que o escritor sinaliza para o leitor vivenciar, Cyro dos Anjos afirma que "essa liberdade concreta nem existe, propriamente: conquista-se, numa situação histórica" (ANJOS, 1967, p. 98). O ensaísta propõe que o escritor fale para seus contemporâneos, uma vez que "escritor e leitor se acham jungidos à história e têm de conquistar sua liberdade é no meio em que atuam" (ANJOS, 1967, p. 98). Essa discussão chama a atenção para as convenções sociais e históricas que direcionam a leitura, pois os leitores estão inseridos em determinados contextos, juntamente com seus valores, e, a partir deles, julgam, apreciam ou condenam determinadas conjunturas e certos processos enunciativos.

Nessa mesma perspectiva, Cyro dos Anjos declara que, na época em que viveu (mais precisamente no ano de 1954), o escritor e o leitor se separavam por diversas barreiras, como a diferença de classes, o que prejudicava a oportunidade de se alcançar um grande público, e que, consequentemente, a escrita acabava por ficar restrita a um grupo de privilegiados (ANJOS, 1967). Novamente, o ensaísta remete à questão da obra com o público. Consciente, o autor do ensaio entende que o leitor se torna apartado da leitura devido a questões culturais, sociais e econômicas. Tal separação entre leitor e escritor ainda se dá, diga-se de passagem, porque a escrita pode estar muito distante do momento da leitura, uma vez que cada época determina relações únicas, que não podem ser reconstruídas em outros momentos.

No ato de leitura, o que se cria é a recriação do momento, contexto e temática; entretanto, o homem que lê se distancia do tempo atual e passa a conhecer e ver a situação através do artista. Além disso, é preciso considerar que há o leitor inadequado, aquele que não detém

conhecimentos e informações suficientes para a leitura. O lugar que o leitor ocupa ademais é muito importante, pois, se ele é um sujeito que possui pouca informação prévia, sua leitura não poderá ser igualada à de outros mais próximos do assunto, ou com mais escolaridade e/ou intelectualidade.

Para Antoine Compagnon, o leitor precisa aprender a ler, dado que "o problema principal está com o leitor, a quem é preciso ensinar a ler mais cuidadosamente, a superar suas limitações individuais e culturais" (COMPAGNON, 1999, p. 142). A dificuldade de análise, posicionamento crítico e reflexão sobre o texto, principalmente com o literário, ocorre porque o leitor necessita conhecer a teoria da literatura para analisar a obra, além do que precisa ter capacidade de inferir, ler as entrelinhas e o implícito do texto. Sem contar o conhecimento de elementos linguísticos, tais como de sentenças, frases, sentidos e outros, além do conhecimento cultural e intelectual suficiente para interagir com o discurso.

A leitura, para Ricardo Piglia, é pensada como forma de vida, ao afirmar que "O leitor viciado, o que não consegue deixar de ler, e o leitor insone, o que está desperto, são representações extremas do que significa ler um texto, personificações narrativas da complexa presença do leitor na literatura" (PIGLIA, 2006, p. 21). O ato de ler, para Cyro dos Anjos, é referido desde o seu primeiro romance, publicado em 1937. Em seu último livro de memórias, esse escritor faz confissões mais detalhadas, através de suas memórias, para esclarecer sua relação com a leitura. Seja com personagens – Belmiro, Abdias, Ana Maria - ou com o narrador de primeira pessoa, em toda sua obra literária pode ser observada a presença da leitura ao lado da escrita.

Sobre esse mesmo tema, Ricardo Piglia acresce que o leitor de literatura é "um leitor extremo, sempre apaixonado e compulsivo" (PIGLIA, 2006, p. 21). A esse modelo de leitor podemos atribuir o exemplo do escritor de Montes Claros, aqui em estudo, que é leitor das teorias de muitos filósofos e teóricos que compõem seu ensaio; e, a partir de sua leitura diversificada, ele indaga, questiona e revela tanto o que leu quanto sua concepção própria, exposta enquanto autor do ensaio. O modelo de leitor que foi se percebe ao se ler seu texto, em que é possível comprovar as referências que faz às obras lidas.

É importante ressaltar que, nas narrativas ficcionais de Cyro dos Anjos, há vários personagens que, além dessa atuação, assumem a função de leitores. Eles discutem e opinam sobre o lido. Seus personagens são figuras ficcionais que leem, pedem livros emprestados e se reúnem para discutir sobre o que leem. A esse respeito, citamos outro fragmento de Ricardo Piglia:

> Ao fixar as cenas de leitura, a literatura individualiza e designa aquele que lê, faz com que ele seja visto num contexto preciso, nomeia-o. E o nome próprio é um acontecimento, porque o leitor tende a ser anônimo e invisível. De repente o nome associado à leitura remete à citação, à tradução, à cópia, às diferentes maneiras de escrever uma leitura, de tornar visível que se leu. (PIGLIA, 2006, p. 24)

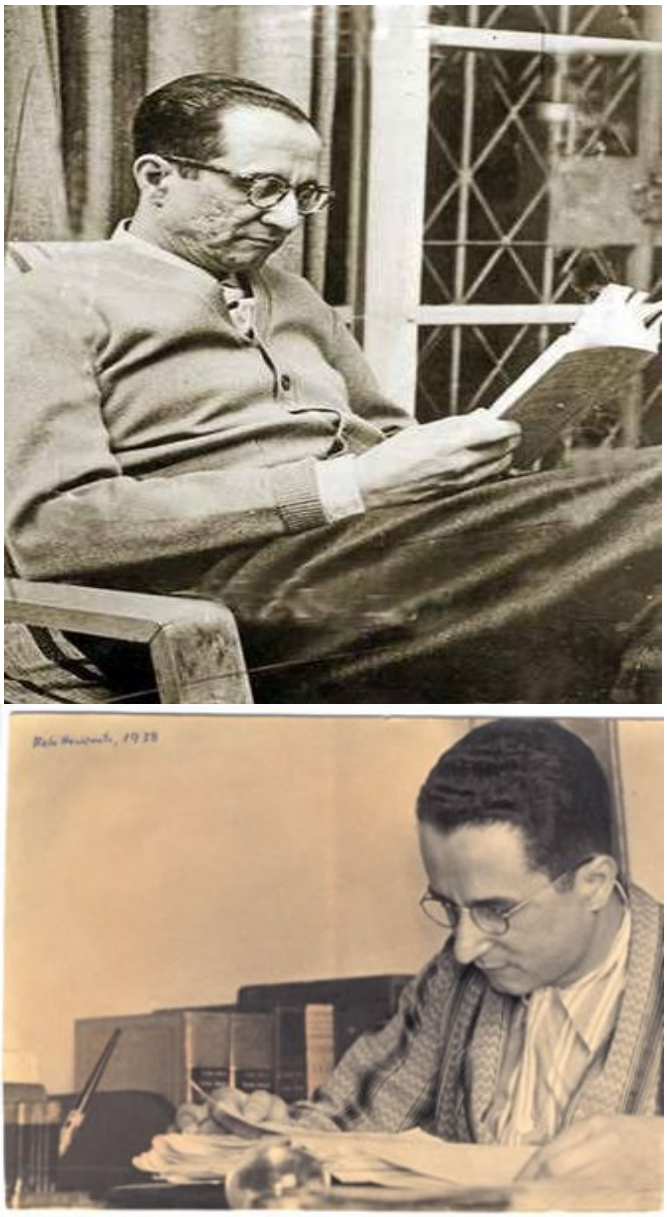
Cyro dos Anjos fixa cenas de leitura e nomeia seus leitores, posto que ficcionaliza personagens (Belmiro, Abdias, Ana Maria, Pedro Gabriel e Cláudia) lendo sua obra, emprestando e trazendo leituras como recurso de escrita. Tal prática, para Ricardo Piglia, concerne "as representações imaginárias na arte de ler na ficção" (PIGLIA, 2006, p. 24). A literatura brasileira traz essa modalidade de ler outras obras desde os romances de José de Alencar e Machado de Assis, que mostram personagens lendo obras literárias, além de perceber nesses livros leituras de vozes enviesadas dos autores. Essa forma de ficcionalizar a leitura é uma maneira de contar a estória do leitor, porque "torna-o visível num contexto preciso, faz com que passe a ser parte integrante de uma narração específica" (PIGLIA, 2006, p. 25). Os leitores figurativos desse escritor atuam como personagens e podem ser vistos como elementos composicionais da estrutura narrativa, o que se aplica tanto aos romances quanto às memórias.

Logo, pode-se pensar que o escritor mineiro representa as leituras de seus personagens, mas que, por trás dessas figuras, há a voz dele, autor, que leu as obras e dialoga com as leituras realizadas dentro de suas narrativas, trazendo-as para o contexto de escrita. Conforme Ricardo Piglia, "não existe nada simultaneamente mais real e mais ilusório do que o ato de ler" (PIGLIA, 2006, p. 29). A ficção torna-se verdade através da leitura; sem ela, o texto perde sua veracidade, já que fica no papel. A configuração, a atualização e a visitação da obra acontecem na leitura. Sem esses atos, o texto torna-se um objeto sem valor, uma vez que a leitura lhe concede vida, sobretudo no que se refere ao texto ficcional.

CAPÍTULO III

LEITURA E LEITORES: FIGURAÇÕES NAS NARRATIVASDE CYRO DOS ANJOS

Hoje sou apenas um leitor.
(ANJOS, 1986, p. 139)



Figuras 1 e 2: Cyro dos Anjos
Fonte: Google Imagens, 2018.

3.1. A LEITURA DOS BASTIDORES NO PROCESSO DE PUBLICAÇÃO

Cyro dos Anjos era um escritor que cultivava bons relacionamentos nos ambientes de discussões literárias, o que lhe rendia muitas informações sobre a escrita jornalística, a crítica literária, lançamentos de obras, escritores e outros assuntos relacionados. Esses contatos são de grande relevância para sua vida acadêmica pois, em meio ao processo de escrita, publicação e lançamento de suas narrativas, Cyro dos Anjos designava leitores minuciosos para seus escritos. O intuito não visa realizar uma revisão crítica de sua obra, mas, sim, pontuar algumas breves e sucintas abordagens de leitura dos amigos e conhecidos sobre seus livros, conduzidas anteriormente aos lançamentos. Serão utilizadas as correspondências pessoais do autor para tratar o modo como esse escritor se porta ao solicitar e aguardar a leitura com relação a cada livro. O estudo iniciará com *O amanuense Belmiro* e terá prosseguimento com *Abdias*, *Montanha* e *A menina do Sobrado*.

3.2. A ESTREIA COM O AMANUENSE BELMIRO

O livro *O amanuense Belmiro* foi publicado em 14 de outubro de 1937, pela Sociedade Editora Amigos do Livro, com tiragem de 1.500 exemplares, tendo sido distribuídos pelo próprio autor. A segunda edição foi publicada em 1938, desta vez, pela José Olympio. De acordo com pesquisas,[12] foi verificado que esse primeiro romance teve dezoito edições até 2006, ano de comemoração do centenário de nascimento de Cyro dos Anjos, sendo que essa obra foi traduzida para diversas línguas, como o espanhol, o italiano, o francês, o inglês e o português de Portugal (adaptação).

No ano de seu lançamento, a crítica foi bastante numerosa sobre *O amanuense Belmiro*, tendo circulado tanto em jornais de Belo Horizonte quanto para além do espaço mineiro: Rio de Janeiro, São Paulo, Joinville, Vitória e Recife. Os amigos e críticos do autor acenaram positivamente, sendo que os artigos em jornais de 1937 são numerosos e tecem muitos elogios ao autor e à sua construção estética. Esse primeiro romance foi considerado um dos melhores lançamentos do ano. (NOBILE, 2005). No entanto, cabe ressaltar que muitos críticos não deixaram de mencionar a presença de identificações de sua composição estética com as de escritores clássicos da literatura universal e brasileira.

Como já foi dito neste trabalho, Cyro dos Anjos iniciou sua vida literária ao escrever crônicas nos jornais *A Tribuna* e *Estado de Minas*, em Belo Horizonte, além de ter participado

[12] Essas pesquisas foram realizadas com visitas e manuseio de obras literárias nos acervos como: Acervo de Cyro dos Anjos em Acervos dos Escritores Mineiros na UFMG; na Fundação Casa de Rui Barbosa (R.J.) e Academia Brasileira de Letras (R.J) no mês de setembro do ano de 2017.

de movimentos literários com leitores e escritores mineiros, que se reuniam a fim de discutir sobre a literatura e as novidades do modernismo brasileiro.

No momento da escrita de *O amanuense Belmiro*, seu autor trabalhava no jornal *O Diário*, em Belo Horizonte, onde conheceu Carlos Drummond de Andrade e, a partir desse encontro, tornaram-se amigos e confidentes até o fim de suas vidas. À época do lançamento desse primeiro romance, Cyro dos Anjos residia em Belo Horizonte, ao passo que Drummond já estava morando no Rio de Janeiro. O escritor itabirano foi um dos primeiros leitores de *O amanuense Belmiro*, conforme se pode constatar em uma carta a Cyro dos Anjos, na qual Drummond tece o seguinte comentário:

> Ainda não pedi notícias de seu romance, que me interessa muito. É da maior necessidade que você o conclua e publique, contribuindo para que se retifique o conceito de romance entre nós. [...] é preciso ir marcando as diferenças e ir trabalhando numa direção nova, de que aparentemente não há igual no quadro literário brasileiro do momento. Tenho muita esperança no amanuense e o exorto, civicamente, a pô-lo na rua. (MIRANDA; SAID, 2012, p. 10)

O projeto desse livro agradava ao amigo do autor, até mesmo porque, na época de sua publicação, os romances eram sobretudo regionalistas, sendo que o poeta de Itabira não era simpatizante desse gênero literário. Cyro dos Anjos estruturou um projeto estético para seu livro de tal forma que ele viesse a marcar a escrita literária da época. Drummond leu a versão que ainda não era a definitiva, posicionou-se como conselheiro do estreante e o orientou sobre qual viés tomar para finalizar o romance. Quando o escritor de Montes Claros concluiu o livro, escreveu para Carlos Drummond de Andrade uma carta, datada de 22 de março de 1937, em que afirmava o seguinte:

> Envio-lhe solenemente o *Amanuense*. Como lhe disse pelo telefone, não o faço sem nenhum receio. Em cada capítulo, sempre procurei imaginar – ao escrever – o que o poeta Carlos poderia pensar disso ou daquilo. Enfim, foi tudo o que Marta pôde fiar... Talvez o livro lhe pareça literário. Se isso acontecer, dir-lhe-ei que, nesse caso, eu é que sou literário então é livro. Pode crer que ele foi escrito com sangue, como pediam Zaratustra e o velho Aurélio Pires... Houve muita transposição etc., mas o livro é sentido e real. (MIRANDA; SAID, 2012, p. 92)

A carta comprova a maneira como Cyro dos Anjos se sente inseguro, ansioso e temeroso em relação à recepção da obra que escrevera. Ele confessa ter feito um trabalho árduo com as palavras e com a linguagem, a fim de dar forma a um texto como sendo literário. Apesar de se tratar de uma correspondência pessoal, o escritor mineiro expõe que, esteticamente falando, *O amanuense Belmiro* é um romance retirado da realidade de seu contexto de convívio. A seguir, na mesma correspondência, o emitente registra: "Peço-lhe que o leia com severidade e me mande sua opinião." (MIRANDA; SAID, 2012, p. 93). Por se tratar de um texto confidencial,

notamos que Cyro dos Anjos expõe nele a confiança no julgamento do amigo, com o provável intuito de finalizar e concluir a escrita da obra.

Em outra carta, datada de 10 de abril do mesmo ano, apura o que afirma o escritor antes do dado lançamento:

> Sei bem que estou muito ridículo com esta preocupação excessiva com o livro. Ele não vale tantas aflições. Mas já não é vaidade de autor que está em conta. Nem as intenções de namorado. O caso está encerrado, literária e sentimentalmente. O que me castiga, no momento, é apenas o compromisso assumido. Vários indivíduos, que nunca lerão o livro, vivem a perguntar por ele, só para me cacetear. Sabem que seguiu para o Rio e indagam se foi aceito ou não. Você sabe como é isso. (MIRANDA; SAID, 2012, p. 97)

Esse fragmento também comprova que o autor escreve para ser aceito, lido e reconhecido. Há um certo sentimento de apreensão do escritor novato em relação às expectativas de seus leitores, haja vista a angústia pela espera de seu texto ser aceito pela editora para publicação. A correspondência comprova a relação de Cyro dos Anjos com os literatos da capital mineira na dada época. É possível supor que estão em jogo à expectativa dos leitores, a imagem e o ego do escritor de crônicas de jornal, atrelados à promessa de lançar um livro. Tais especulações ocorrem porque o escritor informou a intenção de editar o romance.

Em carta de 13 de abril de 1937, Cyro dos Anjos confessa ao amigo sobre a publicação de *O amanuense Belmiro*, nas seguintes palavras: "Resolvi editar o livro aqui, à minha custa, na coleção 'Amigos do Livro', já expressei a você os motivos: o José Olympio queria subornar-me com a edição do *Amanuense*..." (MIRANDA; SAID, 2012, p. 98). Esse escritor expõe a falta de acordo com a editora José Olympio, empresa essa bastante requisitada e renomada no país de então (1937), para publicar *O amanuense Belmiro*. Apesar de ele afirmar que ela distribuíra os livros da primeira edição. No entanto, a editora lançou, no ano seguinte, a segunda edição. A José Olympio, por sinal, lançou outras edições desse romance e outros livros desse autor.

O escritor montesclarense, na carta aqui referida, julga haver findado sua carreira somente com essa obra: "É uma tolice cara, esta de publicar um livro, mas meti-me nisso, e, agora, só me resta concluir a asneira. Depois, considerarei definitivamente encerradas, para bem do público, minhas atividades literárias" (MIRANDA; SAID, 2012, p. 98). Assim que a primeira edição saiu, Cyro dos Anjos enviou para o amigo de Itabira um exemplar do romance, em 13 de outubro de 1937.

Em uma carta anterior, Cyro dos Anjos escreve para Drummond o seguinte: "Depois conversaremos acerca dos personagens. Talvez você não identifique alguns deles, pois são um verdadeiro mosaico" (MIRANDA; SAID, 2012, p. 92). Em *A criação literária*, Cyro dos Anjos afirma que a literatura representa o contexto sociocultural do autor. Afirmara isso com

propriedade, posto que esse escritor já havia construído seus personagens e estórias a partir de suas vivências. Foi discutido neste estudo que os personagens são formados a partir de intercruzamentos com a realidade, ressalvando, no entanto, que trata-se de uma recriação, uma vez que deixa de ser real ao tornar-se uma representação fictícia.

O amanuense Belmiro foi um livro bem recebido pela crítica brasileira de 1937, assim como posteriormente a esse período, até a atualidade. Isso ocorreu, primeiramente, através de ensaios e artigos publicados em jornais e livros, vindo a ser, mais tarde, objeto de diversas análises acadêmicas de alunos de graduação, programas de mestrado e doutorado e demais críticos e estudiosos de literatura.

Nas primeiras páginas desse livro o personagem-protagonista Belmiro, narrador em primeira pessoa, ao referir-se sobre seu envolvimento com a literatura, faz a seguinte consideração: "Abandonei, porém, as letras agrícolas e entreguei-me a outra sorte de letras, nada rendosas. Pus-me a andar na companhia de literatos e a sofrer imaginárias inquietações. Tive amores infelizes, fiz sonetos. E a mesada do velho se consumia em livros." (ANJOS, 2006, p. 22). A citação evidencia a relação do personagem de Cyro dos Anjos, que conta ao leitor a respeito de seu envolvimento com a literatura. Curiosamente, sabe-se que Belmiro utiliza o mesmo tom do narrador, em *A menina do sobrado*, para afirmar, em suas memórias, que a atividade de escritor e a escrita em jornais não propiciam lucros e, ademais, que a literatura não lhe possibilita um retorno econômico suficiente para seu sustento. Os trechos ilustram, através da escrita ficcional e memorialística, a experiência de um escritor literário, suas frustrações, dedicações e anseios.

Este trabalho não teve o intuito de realizar um estudo crítico da recepção de *O amanuense Belmiro*, uma vez que fizemos um estudo com mais detalhes em 2011, em nossa dissertação de mestrado. Em 2005, a pesquisadora Ana Paula Franco Nobile lançou dois livros[13] contendo análises minuciosas da recepção crítica desse romance à época de lançamento (1937), bem como posteriormente a esse momento.

3.3. *ABDIAS*, A PUBLICAÇÃO DO SEGUNDO ROMANCE

O segundo romance de Cyro dos Anjos, *Abdias*, foi lançado em 1945, pela Editora José Olympio. A segunda edição data de 1956, pela Editora Saraiva; a terceira edição, por sua vez, foi publicada juntamente com *O amanuense Belmiro*, em um único volume, com o título de *Dois*

[13] NOBILE, Ana Paula Franco. *A percepção crítica de O Amanuense Belmiro, de Cyro dos Anjos (1937).* São Paulo: Annablume, 2005; BRANDILEONE, Ana Paula F. Nobile. *As leituras de O amanuense Belmiro: da crítica jornalística à crítica universitária*. São Paulo: Annablume, 2010. p. 209-213.

romances. Em 1957, o autor publicou a 4ª edição, pela Coleção Catavento, em Porto Alegre, Editora Globo; em 1979, a Editora Globo lançou a quinta edição; seu último lançamento é datado de 1994, pela Garnier, cuja edição utilizo neste trabalho.

Há publicada uma carta anterior ao lançamento de *Abdias*, direcionada a Carlos Drummond de Andrade, datada de 04 de novembro de 1944, na qual se lê o seguinte: "Creio que dentro de uns dois meses vou enviar-lhe o *Abdias*, que talvez resgate alguns pecados do *Amanuense*" (MIRANDA; SAID, 2012, p. 115). O autor, aqui, parecer estar claramente antecipando uma informação sobre as características do seu segundo romance, no que diz respeito a coincidências que sabemos tratar de estética e figuração de personagens intimistas, em ambos os livros.

Poucos meses depois, mais precisamente em 11 de abril de 1945, Cyro dos Anjos escreve outra carta ao mesmo destinatário, na qual registra conforme segue: "Espero estar no Rio dentro de um mês, para liberar o *Abdias*. Nessa ocasião, irei levar-lhe pessoalmente o livro" (MIRANDA; SAID, 2012, p. 116). A promessa de que a carreira artística se findaria com apenas um livro não procedeu visto que, através do tom animado e confiante da carta, esse escritor anuncia ao amigo a publicação de seu segundo romance. A primeira impressão crítica que o autor recebeu sobre esse texto foi emitida novamente por Carlos Drummond de Andrade, como se vê no comentário:

> Mas obrigado principalmente pelo *Abdias*, que eu já agradecera num telegrama breve, apenas para registrar uma primeira impressão de leitura. Apesar de considerar o *Amanuense* uma coisa literariamente perfeita, achei que neste novo romance você conseguiu mais da arte de escrever. Uma discrição maior, dentro da mesma segurança técnica. Os dois livros se aproximam muito, como você será o primeiro a reconhecer, porém não há repetição, e sim variações novas do mesmo tipo humano. De resto, o que mais me interessou em *Abdias* foi a escrita em si, pois ando preocupado com esse problema, e despreocupado de quaisquer "mensagens" ou sentidos que a obra possa trazer. E repito que fui sensível aos achados, tão pouco ostensivos mas tão autênticos, de seu novo trabalho. (MIRANDA; SAID, 2012, p. 118)

A escrita de Cyro dos Anjos agrada ao escritor de Itabira porque demonstra consideração pela forma de elaboração literária perfeita. O amigo – e interlocutor crítico exigente – revela estar diante de um trabalho original, destacando aspectos do texto que são importantes, a saber, a sua composição estética minuciosa, com técnica relevante. Drummond simpatiza com a constatação que Cyro dos Anjos "cogitou especialmente de homens, quando não de paisagens sentimentais" (MIRANDA; SAID, 2012, p. 115). A qualidade do texto literário escrito pelo autor do livro é particular: seu modo de figurar as personagens está relacionado à inclinação sensível do escritor, além de ser o resultado de seu vasto repertório de leituras, como de teoria literária,

sem contar do manuseio hábil da linguagem e da técnica de escrita literária. A escrita desse mineiro é uma elaboração muito compromissada com a arte literária e com a condução da linguagem. O texto é parte da correspondência de um amigo que já havia lido os originais antes mesmo da publicação, sendo que a afinidade entre os dois escritores era bastante intensa, a ponto de percebermos uma certa preferência estética literária de Cyro dos Anjos conforme aconselhada pelo amigo de Itabira, desde seu primeiro romance.

Em 1986, Cyro dos Anjos, na entrevista a Giovanni Ricciardi, foi indagado com a seguinte pergunta: "De onde nascem os estímulos para escrever?" Em resposta, o escritor mineiro tece uma importante consideração sobre *Abdias*:

> Às vezes, um livro de um pequeno episódio. O meu livro *Abdias* nasceu de uma palavra. Um colega meu, amigo e parente, convidou-me a dar aulas num colégio secundário de freiras. Você precisa ver o que é *la rentrée*, quando as mocinhas voltam das férias nos primeiros dias de aula, como um bando de juventude. E naquelas mocinhas, 15, 16, 18 anos, *na rentrée*, daquela mocidade, eu me inspirei e escrevi *Abdias*, o meu segundo romance. (RICCIARDI, 2008, p.136-137)

O escritor mineiro confessa que a obra literária nasce da realidade de suas vivências. Em *A criação literária*, o autor afirma de maneira ensaística, na página sessenta e dois, que a literatura cria tipos que ultrapassam a realidade aparente. Comprova-se que a realidade – conforme ela é vivida – serve como matéria para Cyro dos Anjos escrever seus romances. Os estudos utilizados neste trabalho de Rogel Samuel, Afrânio Coutinho, Erich Auerbach, entre outros teóricos, reafirmam nossa concepção de que a literatura representa e surge da realidade vivida pelo escritor.

Os registros de críticas sobre *Abdias*, em 1945, são de autoria de Antonio Candido, que fez a seguinte afirmativa:

> Simplicidade e beleza, aliás, se encontram frequentemente em *Abdias*. A severidade do meu ponto de vista de rancoroso belmiriano não deve encobrir a verdade, que, seja como for, este livro foi feito por um grande escritor e, tomado na escala comum de valores, sem compará-lo com o irmão mais velho, permanece uma considerável realização literária. Do ponto de vista do amadurecimento estético, talvez signifique um progresso. (CANDIDO, s.d., s.p. *apud* FÁVERO, 1991, p. 52)[14]

Mais uma vez, há a reafirmação da construção minuciosa e bem desenvolvida de Cyro dos Anjos, advinda da dedicação técnica e intelectual desse autor na confecção de sua escrita literária. Tanto Drummond quanto Antonio Candido são favoráveis à estética como composição

[14] O fragmento foi retirado da dissertação de mestrado de Afonso Henrique Fávero, publicada na *Folha da Manhã*, em São Paulo, sem data apurada, conforme o autor. (CANDIDO, 1991).

que se sobressai no livro; o crítico paulista chama-o de "grande escritor", e, quanto ao romance, diz ser uma "considerável realização literária". No entanto, o crítico paulista e o mineiro revelam coincidências entre os dois livros de Cyro dos Anjos, sem tomarem distância do perfil dos protagonistas. É sabido que Antonio Candido era bem informado a respeito de lançamentos e publicações de obras que surgiram no dado contexto artístico e fazia muitos apontamentos sobre as novidades da literatura naquele momento.

Adonias Filho, no jornal *Leitura*, de São Paulo, datado de 1958, faz a seguinte afirmação sobre a edição na qual os dois primeiros romances foram publicados conjuntamente: "Nesses dois romances que voltam – *O amanuense Belmiro* e *Abdias* –" (ADONIAS FILHO, 1958, p. 230) estaria presente "[...] um dos inspiradores da novelística brasileira contemporânea [...]" (ADONIAS FILHO, 1958, p. 230). Verificamos que a referência a *Abdias* é sempre comparada ao primeiro livro do autor. Também podemos constatar que a decisão de publicar os dois livros em um volume único tornou o segundo romance conhecido e divulgou-o com um único acesso. O crítico considera o estilo de Cyro dos Anjos digno de ser seguido. Assim, é pertinente considerar que o lançamento do segundo romance não foi acompanhado das mesmas dificuldades enfrentadas ao se lançar o primeiro livro, até mesmo porque não encontramos cartas que abordassem angústias e inquietações de seu autor sobre seu lançamento. Isso ocorreu muito provavelmente porque, com *O amanuense Belmiro*, seu autor já havia conquistado a crítica e o público do Brasil.

3.4. *MONTANHA*, ESPECULAÇÕES DE LANÇAMENTO

Montanha é um romance político e, por assim sê-lo, diferencia-se dos outros dois primeiros. O livro é narrado por personagens em terceira pessoa, exibindo conversas em discurso direto, entre aspas – sendo que alguns deles têm vida política, ao passo que outros convivem com pessoas de maior destaque – e não mais por um único personagem, como nos romances anteriores. As figuras que compõem o texto se diversificam: algumas apresentam espaço do início ao fim da narrativa, enquanto outras aparecem com poucas referências. Ambos os tipos de ilustração, no entanto, representam acontecimentos interessantes e de relevância na composição temática do romance.

Sobre a escrita de *Montanha*, Cyro dos Anjos afirma, em uma entrevista realizada em 1986, o seguinte: "[...] foi um livro um pouco polêmico: trata de um tema político, porque eu aproveitei a minha experiência política. Esse livro causou um grande ruído, do qual não gostei porque a grande repercussão política prejudicou a literária" (RICCIARDI, 2008, p. 140). Trinta anos após o lançamento do livro, esse escritor considera que a matéria de sua escrita é retirada da realidade que ele vivenciara. No entanto, cumpre ressaltar que esse autor não escreve

apenas sobre a realidade. Tendo como base as assertivas de Costa Lima, pode-se assegurar que esse romance parte de fatos reais porém é fictício, construído com o olhar subjetivo do escritor.

A preocupação em identificar os personagens ficcionais com pessoas da realidade é explícita nos leitores de *Montanha*, pode ter sido uma intenção da editora, até mesmo porque, nos pré-textos da edição de 2006, pela editora Garnier, utilizada para esta análise, encontra-se a "Biografia do livro". A edição de 2006 consta com uma carta de Cyro dos Anjos a João Condé, na qual o autor explica que o tema surgiu após a queda do Estado Novo, em 1945, e que seu término se deu quando o escritor mineiro estava no México, de 1952 a 1953. A seguir, no entanto, vê-se "As "Chaves de *Montanha*", escritas por João Condé, exibindo os nomes da maioria dos personagens, em uma coluna, e seu respectivo elenco real, acrescidos da seguinte afirmação: "Cyro dos Anjos tem se recusado terminantemente a confirmar as hipóteses levantadas. Mas os "Arquivos implacáveis" consultaram especialistas na política mineira. E conseguiu (sic)formar o elenco completo." (ANJOS, 2006, p. 10). Mais adiante, tem-se outra relação dos nomes, elaborada por Murilo Melo Filho, chamada de "Elenco (completo)". Nesses dois pré-textos, examina a preocupação em identificar pessoas reais que representariam os políticos que figuram no livro. Cabe ressalvar, todavia, que tais especulações são irrelevantes para uma leitura deslocada e consagração canônica da obra em questão.

O guia de leitura sobre os personagens não interfere na leitura interpretativa do romance pois, apesar de se tratar de um livro político, que se refere ao golpe de 1945, é a ficção que é representada no texto. A leitura com o intuito de verificar assuntos exclusivamente políticos – ou a parcela de realidade que ela pode representar – parece vir na contramão do objetivo da obra literária. A figuração da política no Brasil, durante a dada época, pode ser trazida ao contexto atual, fazendo com que algumas características atuais pareçam tão evidentes quanto aquelas outrora representadas. É possível constatar que nossos representantes políticos, no século XXI, estão convencionados a mentiras, desonestidade, jogos de interesses, tanto quanto os personagens de *Montanha*.

Antes de enviar esse livro à editora, seu autor o remeteu para os amigos, conforme a carta enviada a João Condé: "Em agosto de 1954, mandei os originais ao Rio, para Carlos Drummond de Andrade. Mais tarde, outra cópia foi remetida a Carlos Castelo Branco, Otto Lara Rezende, Arthur Veloso e Valdemar Versiani." (ANJOS, 1994, p. 10). Cyro dos Anjos declara quais leitores tiveram acesso ao seu texto antes do acabamento final, sendo que Carlos Castelo Branco respondeu ao escritor com uma leitura minuciosa, acompanhada de considerações pormenorizadas. O escritor queixou-se de não ter tido uma resposta da leitura de Otto. Os

outros dois destinatários, seu primo e seu irmão, também não se pronunciaram acerca do romance, até onde se tem conhecimento.

A respeito dos originais enviados a Drummond, segundo correspondência de junho de 1954, Cyro dos Anjos afirma: "[...] enviarei ao caro poeta os originais do romance, para que me faça a esmola de os ler, quando tiver tempo." (MIRANDA; SAID, 2012, p. 206). Ao fazer seu pedido o escritor conta com uma orientação para finalizar sua escrita, conforme lê-se na mesma carta: "[...] como o livro fugiu muito à linha dos anteriores, senti mais inseguro do que nunca e necessitado do conselho literário do compadre." (MIRANDA; SAID, 2012, p. 210). Cyro dos Anjos necessitava do aval do amigo para finalizar e publicar o romance. Na sequência, explica: "Fundi alguns tipos, cuja combinação psicológica me parecia não só possível, mas necessária, e fiz intervirem na ação outros inteiramente imaginários. O trabalho foi de mouro. Até encontrar uma técnica adequada ao gênero da narrativa, foi o diabo." (MIRANDA; SAID, 2012, p. 211). O autor confidencia o processo composicional do texto e explica sobre seus personagens, retirados de uma realidade conhecida e vivida. Parece haver certa lógica na preocupação dos editores com a lista dos nomes ficcionais e reais, uma vez que o autor afirma ao amigo, na carta, e reitera, em entrevista, que os tipos são retirados de políticos de seu país.

A resposta a essa carta foi enviada pelo destinatário, em 22 de setembro de 1954; no entanto, o escritor de Montes Claros não recebeu a dada correspondência, que fora extraviada uma vez que estava em Lisboa e escrevia de lá para o amigo. Na carta de 05 de outubro do mesmo ano, Drummond faz algumas retomadas sobre *Montanha* e diz: "A única ponderação mais relevante que me ocorreu fazer foi a relativa ao aparecimento muito visível do finado Getúlio e a Alzirinha." (MIRANDA; SAID, 2012, p. 213). O conselho dado foi que o escritor precisava distanciar mais os dois personagens de sua realidade, tornando-os mais invisíveis através de uma construção mais ficcional, escondendo, assim, a identidade social.

Carlos Drummond de Andrade também faz elogios ao livro, conforme segue:

> O livro me soube muito agradavelmente ao paladar, como obra literária e como retrato psicológico dos nossos políticos, apanhados excelentemente em palavras e gestos característicos, constituindo total novidade em nossas letras. (...) Já entreguei os originais ao Antonico, que ficou de remetê-los ao Valdemar; este último estava impaciente por tomar conhecimento dos amores e andanças políticas de Pedro Gabriel – e com razão, pois só a grande figura de Ana Maria bastava para sustentar o livro. (MIRANDA; SAID, 2012, p. 213)

O amigo, mais uma vez, elogia a escrita de Cyro dos Anjos no que diz respeito à elaboração de seus personagens e prevê uma recepção agradável da obra pelos leitores exigentes. Assim, tivemos acesso à relação de leituras e arguições sobre esses três romances,

resultantes da preocupação de um escritor que não publicava suas obras sem antes passar pela aprovação de Carlos Drummond de Andrade.

Na Fundação Casa de Rui Barbosa, há correspondências de Cyro dos Anjos a Carlos Castelo Branco, mais especificamente uma carta datada de 20 de setembro de 1954, enviada de Lisboa, na qual o escritor mineiro responde a um estudo minucioso do amigo piauiense sobre *Montanha*. As explicações de seu autor são enumeradas de A a G, podendo ser descritas, de modo sucinto, da seguinte forma: Cyro dos Anjos explica o porquê do título, o estilo estético e os personagens secundários que não procurou disfarçar muito; afirma, em seguida, que Ana Maria não segue o modelo de Balzac; responde, ademais, que o estilo de figuras do interior não são "reprodução prosódia do popular". O autor termina a correspondência com a seguinte pergunta: "se eu me sentir sem ânimo de mexer de novo, no livro, para retoques acha que posso publicá-lo assim mesmo, ou é preferível esperar algum tempo?"[15] Não tivemos acesso, entretanto, à resposta de Carlos Castelo Branco, podendo essa estar na casa Rui Barbosa ou no acervo de Cyro dos Anjos da UFMG.

Passados dois meses, em carta de 20 de dezembro do mesmo ano, Cyro dos Anjos declara: "Resolvi levá-lo de novo à oficina, e desmontá-lo, para rever peças."[16] O processo de escrita desse terceiro romance também resulta da reelaboração de seu autor, que acata alguns conselhos de Carlos Castelo Branco e rumina sobre as considerações que ele tecera. O escritor mineiro explica: "Quanto a outras observações, em carta anterior expus os motivos por que não concordo com elas, enquanto me pareçam muito pertinentes, sob certo aspecto."[17] Verificamos que o escritor se recusa a alterar as pontuações do leitor, contra-argumentando em defesa de sua elaboração, dentro da perspectiva de um escritor maduro e consciente.

As especulações sobre *Montanha* surgiram antes de o livro vir a ser publicado; uma delas foi uma crônica que Rubem Braga publicou em jornal, informando sobre o personagem ficcional Pedro Gabriel enquanto caricatura de um certo político. A partir dessa afirmativa, Cyro dos Anjos escreveu a Rubem Braga uma carta, em 19 de novembro de 1954, pedindo que esse retificasse as informações dadas sobre o livro que ele ainda não lançara, conforme segue:

> Caro Braga, peço desfazer a lenda, que está a se formar de que um dos personagens se identifica com influente personalidade política de Minas. Inflija você mesmo ler os originais, e verá que não há isso. Se o autor se ambiciou reproduzir, em mural, a fisionomia da época, a verdade é, porém, que dos

[15] CARTA de Cyro dos Anjos a Carlos Castelo Branco, enviada de Lisboa em 21 de novembro de 1954. Acesso ao original pela pesquisadora em 20 de setembro de 2017.
[16] CARTA de Cyro dos Anjos a Carlos Castelo Branco, enviada de Lisboa em 20 de dezembro de 1954. Acesso ao original pela pesquisadora em 20 de setembro de 2017.
[17] CARTA de Cyro dos Anjos a Carlos Castelo Branco, enviada de Lisboa em 20 de dezembro de 1954. Acesso ao original pela pesquisadora em 20 de setembro de 2017.

> episódios se captam apenas as essências. E, quanto aos personagens (pelo menos os principais), trata-se de criações inteiramente arbitrárias. Em segundo plano e de relance, aparecem figuras de existência histórica, a marcar o tempo e a caracterizar o ambiente. Mas, os contatos do romance com a História se restringem às puras conveniências da ficção. A própria geografia de *Montanha* é toda imaginária, a partir da estaçãozinha de Chapéu d'Uvas, onde os guarda-chuvas da Central a libertam da realidade. (MIRANDA; SAID, 2012, p. 228)

O fragmento evidencia uma verdadeira preocupação do escritor com a obra que escreve. Uma possível correspondência com o romance histórico – cujas características são representar a fisionomia de uma época, além de figurar elementos históricos, sociais e políticos de um povo e um tempo – angustia Cyro dos Anjos, que não deseja ter atritos futuros com pessoas reais por causa de sua literatura. Sabe-se que esse era um funcionário público com alto cargo no governo e precisava de seu sustento para sobrevivência, agravado pelo fato de que, como professor visitante em Lisboa, era mantido pelo governo brasileiro.

Em carta de 20 de novembro de 1954, para Drummond, Cyro dos Anjos faz a seguinte declaração: "Nosso dileto Rubem Braga, sem ter lido os originais do meu livro, solta essa incovenientíssima informação, num final de crônica: o Benedito é o personagem principal, e o livro vai causar barulho, porque mexe com muita gente." (MIRANDA; SAID, 2012, p. 225). De um lado, Rubem Braga aguçava e especulava sobre *Montanha*, por causa de possíveis personagens históricos, cogitando que o romance traria informações desconhecidas, íntimas e familiares de homens e mulheres que a sociedade da época ansiava por conhecer. Do outro lado, Cyro dos Anjos se encontrava muito preocupado com a recepção negativa de seu leitorado e com possíveis divergências sociais e, até mesmo, intelectuais.

Em 1986, em entrevista a Giovanni Ricciardi, sobre *Montanha*, Cyro dos Anjos afirma: "A política é apenas um tema um pouco árido, mas nesse livro eu criei um elemento lírico que dá sustentação ao livro como romance: é uma personagem feminina." (RICCIARDI, 2008, p.140). Percebe-se como a declaração do entrevistado está baseada na afirmação do compadre datada de 1954, a respeito da relevância que a mulher da década de 1950 ganha na narrativa. Além das falas do narrador, há a inserção do diário de Ana Maria, que aparece em itálico ou entre aspas para demarcar sua voz.

A escrita de *Montanha*, assim como nos dois romances anteriores, passa por pareceres e opiniões de Carlos Drummond de Andrade e Carlos Castelo Branco. Após a publicação, surgiram outros textos críticos sobre esse romance, mas selecionou-se uma pequena amostra para fazer uma breve demonstração do modo como Cyro dos Anjos se comportava como escritor, no que diz respeito a ouvir leitores de sua confiança antes da publicação de seus romances.

3.5. *A MENINA DO SOBRADO*, AS MEMÓRIAS

A menina do sobrado, o último livro de Cyro dos Anjos, foi publicado no formato de memórias, conforme é comercializado atualmente. É composto de duas partes, sendo que a primeira, intitulada "Santana do Rio Verde", fora publicada em 1952 como *Explorações no tempo*, tendo vindo a compor *A menina do sobrado* em 1979. Além dessa, há uma segunda parte, intitulada "Mocidades, amores".

Sobre essa primeira parte, anteriormente ao seu lançamento, em carta datada de 09 de março de 1953, Carlos Drummond de Andrade afirmou: "quanto a V., lá está aquela carta sobre as *Explorações no tempo* (por sinal que frequentemente ouço referências entusiásticas ao seu 'caderno", todo mundo espantado pelo fato de haver ainda quem escreva bem)" (MIRANDA; SAID, 2012, p. 141). Verifica-se a leitura desse livro pelo amigo de Itabira, que, mais uma vez, elogia e exorta o trabalho do escritor de Montes Claros. Nesse mesmo ano, em outra carta, escrita em 07 de maio, Carlos Drummond de Andrade declara o seguinte: "Estou remetendo hoje para V., via Itamaraty, 25 exemplares das *Explorações no tempo*, destinados ao seu curso. (...) pois achamos que era o mais adequado: tema brasileiro e português de boa água" (MIRANDA; SAID, 2012, p. 149). Dessa maneira, vem a conhecimento que *A menina do sobrado* fora selecionado e enviado ao México por Carlos Drummond de Andrade, a fim de que seu autor pudesse usar o livro para ministrar suas aulas de literatura enquanto trabalhava como professor naquele país.

Cyro dos Anjos escreve a Carlos Drummond de Andrade, de Brasília, em 23 de maio de 1960, avisando-lhe que "Por fim, o *Explorações no tempo* está sendo revisto em definitivo, para entrega, em dezembro o nosso José Olympio" (MIRANDA; SAID, 2012, p. 247). Em resposta a essa correspondência, o amigo itabirano afirma o seguinte, em 14 de junho de 1960: "Fico esperando a próxima publicação de *Explorações no tempo*, com muitas páginas novas que contém, mas penso falar também em nome da comunidade de seus leitores reclamando desde já outra ficção." (MIRANDA; SAID, 2012, p. 248). Acredita-se que Drummond estivesse se referindo ao lançamento da segunda edição, em 1963, pela editora José Olympio, posto que a primeira edição, datada de 1952, foi publicada por *Os Cadernos de Cultura* (Ministério de Educação e Saúde). Cyro dos Anjos pode ter tido a pretensão de escrever mais outro romance, conforme ele afirma em entrevista: "E vou armazenando disposição para me atracar com um romance, planejado depois da doença." (MIRANDA; SAID, 2012, p. 255). No entanto, isso não aconteceu: optou-se pela ampliação desse livro com a segunda parte da narrativa das memórias passadas em Belo Horizonte, uma vez que Cyro dos Anjos estava prestes a encerrar sua carreira de escrita literária.

O lançamento seguinte desse escritor foi o livro de poesia, *Poemas Coronários*, escritos após o enfarte do autor, cuja primeira edição foi publicada com tiragem de cem exemplares, pelo Instituto Central de Arte da Universidade de Brasília, organizada para publicação pelos amigos dessa Universidade, à revelia de seu autor, diga-se de passagem. Para Cyro dos Anjos, "Estes exercícios de poesia não conhecerão os suplementos e muito menos páginas de livro." (MIRANDA; SAID, 2012, p. 253). O dado volume pode ser encontrado na Fundação Casa de Rui Barbosa e no Acervo dos Escritores Mineiros, tratando-se de uma edição simples, com recursos gráficos modestos. Esse livro só veio a ser publicado por uma editora em 2009, pelo selo Biblioteca Azul, e, em 2015, pela editora Globo. O público atual pode ter acesso aos *Poemas Coronários* em livrarias e bibliotecas do país.

Em correspondência de Cyro dos Anjos a Carlos Drummond de Andrade, de Brasília, escrita em 21 de maio de 1970, aquele diz que: "Aqui continuo malhando no segundo volume das memórias, (...) sou dado ao vício solitário (prazer não é) do Aureliano Buendia: fazer e desfazer peixinhos. O diabo que o meu não são peixinhos. Enfim, é preciso tapear a vida. E, revolvendo os guardados, quando menos aspiro, 'esse cheiro de coisas prescritas que é, ao mesmo tempo, melancolia e serenidade.'" (MIRANDA; SAID, 2012, p. 281). Esse fragmento descreve o processo de escrita da segunda parte de *A menina do sobrado*, para a qual o escritor busca, através dos objetos, captar a essência de acontecimentos para então narrá-los. Porém, a lentidão e a falta de fluidez que acometeram sua escrita pode estar, também, relacionada a fazer e refazer o texto. Nota-se que, na correspondência do escritor de Montes Claros, há comparações com personagens que leu, conforme ele se refere a *Cem anos de solidão* de Gabriel García Marques, por exemplo.

A menina do Sobrado finaliza a carreira de escritor, cuja composição estética permite discutir a diferença entre memórias e autobiografia. Para isso, foi necessário recorrer aos estudos de Wander Melo Miranda, que aborda o assunto da seguinte forma:

> A distinção entre memorialismo e autobiografia pode ser buscada no fato de que o tema tratado pelos textos memorialistas não é o da vida individual, da história de uma personalidade, características essenciais de uma autobiografia. Nas memórias, a narrativa da vida do autor é contaminada pela dos acontecimentos testemunhados que passam a ser privilegiados. Mesmo se se consideram as memórias como a narrativa do que foi visto ou escutado, feito ou dito, e a autobiografia como o relato do que o indivíduo foi, a distinção entre ambas não se mantém nítida. O mais comum é a interpenetração dessas esferas. (MIRANDA, 1992, p. 36)

O gênero dessa narrativa constitui-se de memórias, e seu escritor, nas primeiras páginas do livro, explicita a concepção teórica do gênero memória, à medida em que o narrador compartilha ao leitor o estilo literário que irá compor através da própria escrita:

> A memória é manhosa, tenho de negacear. Primeiro, reproduzo o painel, assim como vem à mente; depois, investigo pormenores, procuro restituir a pintura primitiva, removendo as finas pinceladas com que, sobre ela, o Tempo compôs outros quadros. Cenas fugazes, que antes haviam cintilado apenas – brinquedos no Largo de Cima, Ataualpa contando histórias, soneca na marquesa da sala de jantar – desdobravam-se, então, em perspectivas mais amplas, e mundos, que pareciam para sempre perdidos, vão, aos poucos, emergindo à superfície da lembrança. (ANJOS, 1994c, p. 19)

O fragmento evidencia a forma do projeto literário do escritor, que vem à tona a partir do exercício de lembrar. Nota-se a explicação como escreve a lembrança dos fatos vividos ao comparar a escrita com a pintura, pois, de uma maneira análoga, sua memória não mostra as cenas com evidência. É acrescentado, ainda, que muitas informações se perderam e que ele busca e se empenha, com muito afinco, para lembrar e contar o que viveu. O leitor tem conhecimento do processo de compor as memórias através do esforço de recordar e rememorar, que são reconstruídos pelo narrador e transpostos para sua escrita.

Em entrevista, o escritor mineiro confessa sobre o assunto da seguinte maneira: "São memórias com um toque ligeiramente ficcional, mas mudando nome de pessoas e, às vezes, de localidades, para evitar a identificação dos personagens; mas o que está lá é tudo exato, com esse pequeno toque ficcional." (RICCIARDI, 2008, p. 127). Observa-se que a escrita trapaceia, por assim dizer, algumas informações, assim como notamos que o autor não quer expor as pessoas e cria personagens fictícias no texto de memórias. Assim, nem tudo é "exato": a escrita sofre modificações, ao longo de seu deslocamento no tempo, através das alterações de informações e impressões do passado que foram vividas há muito tempo. Para Philippe Lejeune, a escrita em forma de memória se compõe pelo movimento em que "Existem duas atitudes diametralmente opostas em relação à memória. Sabe-se que ela é uma construção imaginária, ainda que seja pelas escolhas que faz, sem falar de tudo que inventa." (LEJEUNE, 2008, p. 105). É pertinente pensar que Cyro dos Anjos demonstrou ter uma concepção teórica bastante convergente com a atual, no que diz respeito a esse gênero literário e a como se dá, na escrita literária, o tratamento estético das narrativas de memórias.

Essas concepções da estética das narrativas de memórias são igualmente explicitadas em outras páginas, da seguinte forma: "[...] esse desenho da memória veio revelar-me outro, de alta antiguidade, no qual estou alvoroçadamente a trancar e destrancar a dita gaveta, a fim de... lembra gravura de Napoleão, Tróia, etc." (ANJOS, 1994c, p. 20). O narrador possui objetos guardados que são visitados e utilizados como consultas, a fim de lembrar-se de informações para escrever. O leitor de *A menina do sobrado* percebe que alguns acontecimentos no livro são narrados de forma vaga, sem uma sequência circunstancial, mas num espaço de tempo com determinada coerência sequencial.

O narrador de primeira pessoa afirma, ainda, que a escrita de memórias se compõe de fatos e sensações, sendo que "Protegidos pela bruma, os dias da infância e da adolescência não se rendem às primeiras investidas nossas, ou, antes, nunca se rendem: mostram-se de relance." (ANJOS, 1994c, p. 44). Embora o narrador do romance demonstre ter domínio dos fatos passados, razão pela qual conhece a concepção falha da escrita memorialística, é possível notar que as informações vão se constituindo e preenchendo os espaços vazios através da ficção. Em outro fragmento, encontra-se no texto:

> Nos momentos extraordinários em que esses mundos remotos se deixam entrever, eu os investigo até onde me guia o instantâneo lume. Quando me fogem não desespero: vou deslocando a câmara, vou tornando vistas em diferentes posições. Assim, a uma realidade poética exclusivamente minha, posso agregar outra. (ANJOS, 1994c, p. 44)

O narrador procura resgatar, entre suas lembranças, como se deram os acontecimentos para, então, recontá-los em sua escrita. No entanto, sabe-se que esse escritor representa o passado, posto que o modo como vê aqueles fatos é deslocado no tempo. O olhar do presente sobre o passado é uma construção, com a impressão do hoje, sobre um tempo distante vivido por aquele narrador que, por sua vez, quer trazê-lo para o tempo da sua escrita. Não pode haver exatidão dos fatos, uma vez que o menino e o rapaz que fora, no momento da escrita, transformaram-se em um homem idoso, cujas variadas vivências causam outras impressões sobre aquele tempo passado.

O livro evidencia, ao seu leitor, o processo de escrita memorialística e a seleção de informações: "Mas, estou a misturar episódios distanciados: Hermes Trismegistro informa que as Santas Missões se realizaram em 1915; portanto, eu tinha já nove anos." (ANJOS, 1994, p. 47. C). O narrador faz uma seleção do que quer contar, vindo a declarar, em outro fragmento, o seguinte: "Eis-me a invadir a área da juventude, quando o que buscava, nesta página, era recuperar as sensações primeiras, o sabor primitivo e puro das antigas e, pobre de mim, tão breves incursões na estrada que levava à estação do trem de ferro." (ANJOS, 1994c, p. 134). A voz narrativa surge impregnada de uma confissão nostálgica e melancólica, que acreditamos ter sido planejada e elaborada por seu escritor até adquirir essa forma como o livro foi publicado, em 1979.

As quatrocentas e vinte uma páginas de *A menina do sobrado* trazem reminiscências de um narrador que conta a trajetória de sua vida, desde as mais vagas lembranças, a saber, as estórias contadas pela escrava, até as recordações do primo, acrescidas das refeições com a família e outros momentos compartilhados com seu pai, sua mãe e seus irmãos. Através de uma fotografia de quatro anos, ele se recorda do colégio em que estudou e da professora, que era

uma freira. Esse escritor pontua marcas de sua constituição identitária ao se apresentar como um sujeito que vem a ser o décimo terceiro filho da família. É invocada a lembrança da figura do pai, que fora leitor, professor, presidente da câmara, comerciante e fazendeiro. O texto similarmente relata acontecimentos envolvendo a mãe, os irmãos, a vida escolar, amizades, parentes e outros assuntos do cotidiano de seu convívio familiar.

Sua infância e sua adolescência são narradas ao início das leituras e dos discursos que ele fazia: os namoros e amores platônicos; as saídas noturnas; as idas ao cinema; as pessoas; e, por último, as reuniões culturais, incluindo saraus literários que teriam acontecido em sua casa. Através do livro, é possível conhecer suas angústias pessoais, desilusões e relações amorosas. O narrador ainda escreve sobre sua relação com o trabalho na adolescência, em Santana, na loja e na farmácia dos irmãos. Sabe-se das viagens às fazendas, com boiadeiros e gados; da decadência financeira do pai endividado e do leilão das fazendas, entre outros temas pessoais. *A menina do sobrado* trás a imagem da cidade de Santana, com a lembrança do mercado, das ruas e da escola normal, onde estudou francês. O texto traz referência ao time de futebol, às viagens à capital mineira e ao Rio de Janeiro e, ainda, ao olhar de descoberta do menino sobre a modernidade das casas, pessoas, meios de transporte e demais componentes espaciais da dada cidade.

A segunda parte do livro é marcada por uma sequência temporal, visto que essa fase narra a mudança do narrador para a capital mineira, entre 1923 e 1924, com o intuito de fazer cursos particulares e realizar os exames preparatórios para ingressar na universidade. O narrador se refere aos empregos, aos apuros financeiros e aos exames para o vestibular em 1926, quando iniciou a faculdade de Direito. Ele narra sobre sua moradia em pensões, bem como a vida noturna em bares, cinemas, teatros, serenatas e cabarés de Belo Horizonte. Nessa parte do livro, o narrador se refere ao Movimento Modernista a partir de suas vivências em ambientes noturnos belorizontinos, tais como cafés, cabarés e outros estabelecimentos localizados no centro da capital.

No capítulo trinta e seis, intitulado “A menina do sobrado”, o texto conta sobre o encontro com a mulher com quem se casou e teve seis filhos. Quando narra esse acontecimento o livro está prestes a ser finalizado, de modo que a abordagem desses acontecimentos pessoais é relatada de maneira sucinta e com grande salto temporal. Na sequência, dá-se o desfecho profissional com seu primeiro cargo de trabalho, na Secretaria do Gabinete de Finanças: o de amanuense-redator, responsável pelas correspondências dos prefeitos do Estado de Minas Gerais. A seguir, há a informação da mudança para o Rio de Janeiro, seguida de Brasília, assim como da ocupação de cargos do governo até se aposentar. Após a aposentadoria, o livro

menciona o retorno ao Rio de Janeiro, onde foi professor de "Oficina literária", na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Os acontecimentos da vida adulta são narrados de forma sucinta e, em entrevista, esse escritor explica o porquê dessa opção: "Para mim, o que me interessava era a poesia da infância e da juventude. A vida madura é uma vida sem poesia, vida de luta" (RICCIARDI, 2008, p.127). Nota-se a presença de uma confissão sobre a seleção do que deseja contar e compartilhar com seus leitores. Esse foi o último livro escrito por Cyro dos Anjos que, após esse lançamento, atuou apenas como um seleto leitor, conforme declarou em entrevista.

Carlos Drummond de Andrade foi leitor de todos os livros de Cyro dos Anjos antes de suas respectivas publicações. Ressalte-se que o poeta itabirano foi um leitor crítico e confidencial, que instigava os lançamentos e ouvia as angústias de seu amigo escritor.

3.6. CENAS DE LEITURA

As duas imagens na primeira página deste capítulo (Figuras 1 e 2) são fotografias de Cyro dos Anjos no ato de leitura. As obras literárias eram os livros prediletos desse escritor e a leitura delas era uma prática recorrente em sua vida, que aparecem como assuntos de suas narrativas. Tanto o ato de ler, como a convivência com os livros são práticas que perpassam a proposta estética de Cyro dos Anjos como um todo.

Ricardo Piglia discute que, ao fixar cenas de leitura, o escritor cria uma designação e nomeação do sujeito que lê (PIGLIA, 2006). As cenas de leitura protagonizadas por Cyro dos Anjos são explicitadas no seu primeiro romance *O amanuense Belmiro*, em que o personagem Belmiro "Ia, pois, folheando velhos autores prediletos." (ANJOS, 2006, p. 187). O texto evidencia a imagem do leitor representada como alguém que está em constante contato com livros, além de demonstrar seu modo de selecionar o que pretende ler. Os livros são objetos de desejo do protagonista e, aonde quer que vá, direciona sua atenção para eles, como, por exemplo, na visita à casa de Jerônimo: "Surpreendemo-lo em sua biblioteca, a folhear um pequeno volume de Lu-Benoist: *La cuisine des anges*" (ANJOS, 2006, p. 189). O título em francês chamou a atenção do visitante que, guiado pela curiosidade, manuseia os exemplares. Percebe-se que essa atitude de folhear alude ao primeiro contato do leitor com o objeto livro. A leitura se faz presente como tema do romance e o leitor é nomeado dentro dessa escrita ficcional.

Em *Abdias*, o protagonista atua como professor de literatura que, para ensinar sobre as novelas de cavalaria, conduz a leitura de um texto na sala de aula: "Depois de uma explicação sobre *Amadis de Gaula*, pedi-lhe que lesse, na antologia, trechos da novela" (ANJOS, 1994a, p. 25). A leitura é coletiva, direcionada e ensinada pelo mestre, que também atua como

incentivador que instiga e sugere tal prática em suas aulas. O ato de ler é imposto como uma exigência, mas é conduzido de maneira sedutora e crítica.

Outro livro de Cyro dos Anjos que encena a leitura é *Montanha*, com a imagem do personagem Pedro Gabriel, que viaja de trem pelo interior do estado: "Pedro Gabriel despertou assustado, procurando o livro que lhe caíra das mãos enquanto cochilava." (ANJOS, 1994b, p. 13). O trecho evidencia a leitura para entretenimento ou para passar o tempo. Essa "cena" é interessante porque é a única, dentre as descritas nos romances desse autor, a retratar um sujeito que lê até adormecer. A seguir, nesse mesmo texto, encontramos outra referência ao ato de ler: "Abre o livro com preguiça." (ANJOS, 1994b, p. 14). Verificamos a descontração do homem com o objeto, uma vez que ele pratica a leitura para deleite. Além disso, pode-se ler, na página seguinte: "Põe de lado o livro, olha distraidamente." (ANJOS, 1994, p. 15. B). O personagem leva esse objeto consigo como um companheiro de viagem, além de ele servir como forma de entretenimento, para preencher o tempo. Podemos refletir que a posse de um livro, nessas condições, demonstra poder, conhecimento e caracteriza o personagem como um homem intelectual, que cultiva a leitura como um vício. Lembrando que, em 1950, numa viagem de trem para o interior de Minas Gerais, a cena de um homem com esse instrumento não era um gesto recorrente entre os viajantes, posto que a maioria da população do Brasil, sobretudo a que residia fora das capitais, era analfabeta.

Nesse romance, há outra personagem apresentada como leitora: trata-se de Cláudia, mulher de Pedro, conforme é apresentada no fragmento a seguir: "À porta de casa, vê luz no pavimento superior. Cláudia está lendo, com certeza." (ANJOS, 1994b, p. 21). O texto literário representa a mulher que lê antes de dormir, dado que sua leitura é uma maneira de entreter-se; a narrativa não evidencia o título do livro, ou sequer o assunto sobre o qual ela lê. Mais uma leitora representada nesse romance é Diva, sendo que a personagem afirma que: "apaguei a luz porque meus olhos doíam de tento ler." (ANJOS, 1994b, p. 154). Curiosamente, ao figurar a leitura dessas personagens femininas, o romance mostra que elas eram alfabetizadas, possuíam capacidade e conhecimentos necessários para dar sentido e atuar com informações para preencher os vazios do livro. De fato, Cyro dos Anjos representa mulheres leitoras no Brasil desde 1937, com seu primeiro romance. Tal atividade era pouco recorrente nessa época, principalmente porque a maioria dos afazeres e das obrigações das mulheres de então consistia em cuidar do marido, dos filhos e da casa. Lembrando que Cláudia e Diva eram exemplos de uma minoria entre as mulheres do contexto em questão, posto que eram alfabetizadas e tinham a oportunidade de praticar a leitura.

A encenação da leitura em *A menina do sobrado* é registrada através da figura do pai com o livro na mão, conforme segue: "– [...] enquanto meu Pai, inimigo de sestas, se assentava à cadeira de balanço da sala de visitas, abria o livro e se punha a ler" (ANJOS, 1994c, p. 54). Tal prática era cotidiana no caso desse homem e, independentemente da atividade exercida, esses objetos eram seus companheiros. Nessa narrativa, além do pai, o narrador das memórias também tinha como entretenimento a leitura: "Permaneci apenas seis meses na Porteirinha, nesse primeiro ciclo. [...] não me impedia de passar longas horas à sombra das árvores, com um livro nas mãos, principalmente à tarde." (ANJOS, 1994c, p. 175). Esse leitor se identifica com o menino narrador da obra de Marcel Proust, que lia na casa dos avós, sendo que o narrador mineiro levava os livros para a fazenda da família e se esvaía do ambiente em que se encontrava para ler e viver aventuras ficcionais. O narrador atua menos no ambiente físico em que está, porque sua compulsão por ler e viver aventuras ficcionais faz com que deixe de atuar no espaço físico, ou seja, a fazenda, para agir em espaços imaginários, advindos de suas leituras de obras literárias.

Em outro fragmento, o livro encena a leitura nas viagens do rapaz: "Sentir-se-ia roubado, se não aproveitasse o descanso do meio-dia com um livro nas mãos. Os outros boiadeiros troçavam, dizendo que iam à frente [...]. Lia um pouco, e depois vinha o cochilo." (ANJOS, 1994c, p. 199). Nota-se que a leitura do narrador se dava, inusitadamente, no mesmo espaço em que exercia trabalho braçal. O campo, talvez, não seria o lugar mais apropriado para os livros. No entanto, o narrador quebra essa regra e insere o livro nesse espaço, entre os boiadeiros, apesar de só ele ler e de não compartilhar a leitura com os homens do campo, posto que provavelmente eram analfabetos. Assim, o narrador prefere viver as aventuras de suas estórias imaginadas do que se inteirar em aventuras no presente, nas viagens com os boiadeiros de um lugar para o outro. Esse sujeito assume um papel social independentemente de sua estória de vida e de onde está, a saber, no ambiente rural, vindo a apropriar-se do papel de leitor nesse mesmo contexto.

As cenas de leitura aqui expostas permitem analisar que, nas quatro narrativas de Cyro dos Anjos, há personagens e narradores leitores que encenam a leitura dentro da ficção. O livro é o objeto selecionado para estar junto dos personagens nas mais diversas situações, sendo que ele representa um objeto de companhia, entretenimento, lazer, conhecimento e identificação com os leitores.

3.7. LEITURAS COMO FORMA DE VIDA

A leitura enquanto forma de vida é marcada pela constante presença do leitor, no texto ficcional, representada por personagens praticando o ato de ler como atividade cultural e recorrente do cotidiano. O primeiro livro de Cyro dos Anjos, *O amanuense Belmiro*, aborda a

infância de Belmiro, quando aprendeu a ler e a conviver com os livros através do pai, conforme segue: "Gostava de seus clássicos, repetia as passagens inteiras dos *Lusíadas*. Lia coisas incríveis para aquele lugar e aquele tempo" (ANJOS, 2006, p. 117). O fragmento se refere à leitura do patriarca em voz alta, compartilhada com a família, sendo que o acesso do personagem à leitura se dá no ambiente doméstico e através da família.

Belmiro é retratado, na narrativa, como um leitor que faz da leitura uma atividade diária, até mesmo porque, quando viajava, o homem se comportava da seguinte forma: "lia meia dúzia de livros que carreguei comigo" (ANJOS, 2006, p. 223). A imagem desse leitor, de acordo com as premissas de Ricardo Piglia, é a do tipo compulsivo e viciado em leituras. Belmiro não participava dos eventos sociais que frequentava: o mundo que interessava a esse personagem eram as estórias de ficção ou as informações filosóficas. O termo "vício" é empregado por Cyro dos Anjos nesse primeiro romance, ao contar para o leitor que o personagem Glicério colou grau em Direito mas não se sente atraído pela profissão, uma vez que: "Apanhou o vício da literatura e só acha graça nisso." (ANJOS, 2006, p. 193). O fragmento evidencia a experiência do personagem que, impregnado da leitura de autores como Marcel Proust, abstém-se de atividades cotidianas para poder estar com os livros. O protagonista do romance, coincidentemente, possui identificações que são de Cyro dos Anjos, que era, por sua vez, graduado em Direito, mas tinha como paixão a literatura. Em seu livro de memórias, bem como em entrevistas, esse escritor explicitou sua formação e, do mesmo modo, sua inclinação pessoal.

No segundo romance, *Abdias*, o personagem leitor homônimo em questão é descrito como sempre tendo um livro junto a si, conforme é explicitado no seguinte fragmento: "Porque redescobrindo nesta altura da vida o nosso Alphonsus, nele mergulhei-me a tarde toda. Que riqueza lírica tem a sua obra!" (ANJOS, 1994a, p. 78). Esse protagonista também é um leitor assíduo de poesia, com perfil idêntico ao de Belmiro, que discute sobre o que lê, sendo dotado de falas e convicções relacionadas à leitura literária. Além desse, há a representação da personagem Gabriela, com quem lia e tinha afinidades literárias, conforme segue: "Em seguida, falou-me de suas leituras recentes. Os rapazes familiarizaram-na com a poesia moderna, e Gabriela refere-se a T.S. Eliot, Neruda, Lorca e outros com grande entusiasmo." (ANJOS, 1994a, p. 172). Cyro dos Anjos cria e dá voz a uma personagem feminina que lê literatura assiduamente, bastante à frente de seu tempo, influenciada por obras e literatos com quem ampliou seus conhecimentos literários.

Ana Maria é mais uma personagem representada como leitora, de *Montanha*, que lia, no hospital, um livro que ganhou, como é descrito a seguir: "Mas, como me viessem os meus *Blues*, deixei o *Orlando* para depois e rematei este primeiro de janeiro com Max Scheller que ele me

inculcou há dias numa versão francesa: *Le sens de la Souffrance*." (ANJOS, 1994b, p. 87). A leitura, para a moça, se dá como uma forma de entretenimento, sendo que ela escolhe o que deseja ler, no caso, livros para aquisição de conhecimentos e reflexões, em função dos títulos das obras, como também se evidencia no seguinte trecho: "Já não reconheço em ti aquela garota que delirava com Nietzsche e concedia liberalmente a si os direitos da flava besta. (ANJOS, 1994b, p. 221). A leitura dessa personagem tem como propósitos a reflexão, a constituição humana, a formação de opinião e a construção de conceitos racionais, entre outros fins. As preferências dessa leitora de filosofia vêm de encontro aos gostos de Cyro dos Anjos, que também era um assíduo leitor desse assunto.

Outra referência à leitura se encontra em *Montanha*, através do personagem que figura um político, Hermeto, em meio a uma discussão de palpites sobre as possibilidades de certos candidatos serem eleitos, conforme segue: "É dos tais que com um livro na mão se alheiam do mundo..." (ANJOS, 1994b, p. 132). A leitura, no referido contexto, é descrita como prática negativa, posto que levaria o homem ao devaneio, ao mundo da imaginação. O personagem sabe que a literatura, de alguma forma, sensibiliza o homem e, segundo o texto, dessa maneira o homem não seria um bom governante, enérgico, como era esperado pelos companheiros de partido. O personagem está enganado, pois, o hábito da leitura seria capaz de torná-lo um homem mais sensível, isso lhe possibilitaria conhecer mais a vida e as experiências de outras pessoas, o que o levaria a agir como um político melhor, investindo-o de mais humanidade para se ater às necessidades das pessoas. No entanto, essas atitudes não eram as esperadas pelos políticos na época representada no livro.

Em *A menina do sobrado*, há referência à prática de ouvir estórias, que se dá através da escrava Luiza Velha: "Cada estação da infância pede uma literatura específica, e a mais adequada àqueles dias recuados seria a da ama, com as suas onças e mulas sem cabeça, os seus coelhos, macacos e lobisomens." (ANJOS, 1994c, p. 26). O fragmento evidencia os registros que compõem a memória de sua aquisição da leitura, através de elementos da cultura oral. Sobre o assunto, Raquel Guimarães (2002) afirma que o gesto do leitor é o modo como este torna particular uma experiência cultural e social.

Além de ouvir as estórias da escrava idosa e analfabeta, o menino também ouvia as narrativas de Ataualpa, que versavam sobre "gigantes, duendes, bruxas e dragões que o primo punha em cena e constituíam fauna desconhecida em Santana." (ANJOS, 199c, p. 26). As leituras constituem sua formação e sua sequência de heróis – tidos, aqui, como seres fantásticos introduzidos em sua experiência de ouvinte. Essa prática concede ao narrador conhecer costumes, tradições e valores, além de estimular sua formação como um sujeito que alcança os

sentidos e enriquece com estórias de vida que o estimulam a ser um cidadão melhor. O repertório de leituras do rapaz era bastante variado, conforme elucida a seguinte passagem:

> Voltava, depois, a sentar-me e pedia ao primo Ataualpa que continuasse a narrativa interrompida enquanto eu cumpria a importante missão. [...] Certas noites, ele judiava, contando a triste morte de D. Ratinho ou as ruindades de Barba-Azul, causa para mim de muito pesadelo. Em compensação, vezes sem conta repetiu-nos as peripécias de Pedro Malasartes e do Botas de Sete Léguas. (ANJOS, 1994c, p. 21)

O menino amplia seu repertório de obras lidas, o que o deixa fascinado e, ao mesmo tempo, amedrontado com o que escuta. Tais estórias, fantásticas e macabras, têm importância na constituição do leitor, que vive experiências de superação, medo e outras emoções através desses textos. Esse narrador se tornou um leitor devorador de aventuras, sendo que seu processo de aquisição de leitura literária fora iniciado através do ato de ouvir estórias desde muito cedo, o que muito provavelmente contribuiu para que, posteriormente, viesse a ser um leitor voraz.

A maneira como o narrador escuta as memórias ocorre por influência de seu pai, um leitor que tinha prazer em transmitir informações aos filhos: "Ao jantar a inquietação nos assaltava: seria longo o trecho que o Pai ia ler à sobremesa?" (ANJOS, 1994, p. 9. C). A prática de leitura à mesa era um ritual, uma forma de vida imposta, sendo que o sentimento confessado pelo narrador era de recusa e rebeldia. A leitura que o pai fazia era compartilhada com os quatorze filhos e, até mesmo, com visitantes. O livro diz que alguns assuntos que o patriarca lia não eram apropriados ao público, uma vez que se tratava de textos de jornais e ensaios, em sua maioria de divulgação científica, política e sociológica. O narrador, ainda menino, quer autonomia para escolher como ler (no caso, representado pela escuta). A prática de leitura, mais adiante, é realizada por um homem culto, professor e vereador, consciente da importância da leitura para com o desempenho social e individual da família, além do que a leitura proporcionava, a esse mesmo homem, aquisição de conhecimentos, informação e interesse por ler cada vez mais.

A menina do sobrado narra a estória de um menino que se tornou rapaz e seguiu a mesma atitude do pai, a saber, a prática cotidiana de leituras, seja nas viagens para a casa do tio ou no interior do sertão, conforme ilustra o trecho a seguir: "Meti na mala *Os miseráveis*, o *Notre-Dame de Paris*, o *Noventa e três* e outros romances de Victor Hugo, que desalojara Dumas." (ANJOS, 1994, p. 164. C). Observa-se que esse leitor tem a leitura como atividade diária e seus livros são companheiros de viagem. As literaturas às quais ele tinha acesso naquele momento eram brasileira, portuguesa e francesa.

Neste mesmo livro, algumas páginas a seguir, o narrador, ainda rapaz, viaja para a fazenda Porteirinha, no ano de 1924, vindo a relatar esse fato da seguinte maneira: "[...] introduzia um anoitecer que não me ofertava sequer evasão da leitura, pois a luz dos candeeiros de azeite maltratava-me os olhos" (ANJOS, 1994c, p. 245). Averígua-se certa angústia sentida pelo jovem, que se aborrece porque o ambiente não permite que pratique o ato de ler, hábito esse que já faz parte de sua forma de viver. A leitura é a atividade predileta do narrador e, independentemente de onde ele estivesse, a literatura constituía uma substituição mais agradável da vida presente. Foi possível averiguarmos que, além desse livro de memórias, há, nos três romances de Cyro dos Anjos, a recorrência de personagens que se valem da leitura como forma ou, até mesmo, um ritual de vida.

3.8. LEITURAS CRÍTICAS

O leitor joga com o texto literário de diversas formas, sendo que uma delas consiste em se posicionar acerca dos livros lidos. A literatura requer que o leitor crie através do jogo de linguagem, o que implica conhecer, criticar e posicionar-se a respeito dos textos. As narrativas de Cyro dos Anjos apresentam posicionamentos sobre obras e escritores através de personagens e narradores que trazem, para a ficção, impressões sobre leituras realizadas. Foram selecionados alguns fragmentos para essa discussão neste momento.

No primeiro romance de Cyro dos Anjos, *O amanuense Belmiro*, é possível deparar com o protagonista, Belmiro, que concebe o ato de ler da seguinte maneira: "procurei, então, na leitura, satisfazer, ainda que em parte, ao monstro literário. (O leitor é, de certa forma, um escritor frustrado. Incapaz de criar, compraz-se na criação alheia.)" (ANJOS, 2006, p. 187). Pode-se constatar que o personagem lê no lugar de escrever. O parêntese no texto sugere que o leitor é um sujeito inferior a quem escreve. Apesar de que o leitor exerce papel fundamental, conquanto que atribui sentido à escrita.

Em *Abdias*, o protagonista do mesmo modo se posiciona sobre a escrita de Gabriela: "Os contos eram de principiante comum, sem nada que indicasse talento especial." (ANJOS, 1994a, p. 173). Abdias critica os textos e não encontra, na escrita da moça, uma estética ímpar, o que lhe leva a pensar que Gabriela não possuía habilidade para ser uma escritora de distinção. Cyro dos Anjos afirmou, no ensaio, que o escritor não lê os próprios textos como um leitor. Tal prática é recorrente nesse romance e pode ser notada em outros trechos, conforme o que segue: "Se acaso lessem estas notas, meus companheiros do Centro de Estudos Sociais censurar-me-iam por estar dando excessivo apreço a essa petulante garota do Colégio das Ursulinas" (ANJOS, 1994a, p. 30-31). O professor prevê um certo tipo de leitor e se preocupa com a opinião que

escreve. Conforme o autor afirmou em *A criação literária*, o ato de escrever pressupõe o de ler, o que possivelmente indica que Cyro dos Anjos esperava ser lido por outrem.

Outro modo de ler criticamente é demonstrado em *Abdias*, à medida em que as leitoras, durante as aulas de literatura, ampliam seus conhecimentos através das leituras:

> Deslumbrada com as helenistas, latinistas, filósofas e poetisas do quinhentismo português, a pequena Aurora está com desígnio de se tornar erudita. Foi o que me comunicou à saída da aula. Por que não há de poder a mulher de nossa época seguir o exemplo de sua irmã da Renascença? perguntou-me.
>
> Respondi que não há falta, e sim abundância de participação feminina na vida cultural de hoje. (ANJOS, 1994a, p. 50)

A ficção evidencia a transformação social e intelectual propiciada pelas leituras da personagem. Essa atividade pressupõe um pacto com a leitura, um acordo segundo o qual o leitor se identifica com o que lê. No caso retratado pela citação, a menina leitora se identifica com as escritoras eruditas que lê. Sabemos que as mulheres participam do cenário literário desde o século XVI. No entanto, no Brasil do século XX, muitas ainda não conheciam a realidade do espaço que as mulheres conquistaram na escrita literária. Nota-se, aqui, uma convergência com as premissas teóricas de Antoine Compagnon, em *Literatura para quê?*: segundo o crítico francês, a literatura instrui, deleita e guia o homem melhor do que as regras, através das numerosas reflexões que ela propõe. Abdias ainda age como crítico no romance porque faz um estudo em forma de monografia, sobre *Cartas Chilenas*, vindo a publicar o trabalho como resultado de seus estudos.

Em *Montanha*, a leitura crítica é apresentada através do personagem Pitágoras, quando esse se refere ao conteúdo da leitura da mulher, Diva: "Se costumasses ler a Bíblia que está à cabeceira, compreenderias o que quero dizer. Em vez de deleitares com o vernáculo do Padre Antônio Maria Pereira, vives a devorar as *Seleções*..." (ANJOS, 1994b, p. 155). A leitura é apresentada como um instrumento que leva à reflexão e ao questionamento e, uma vez que incita o conhecimento, a preferência de leitura da esposa desagrada ao marido, que preferia que ela lesse textos religiosos. Nesse romance, esse tipo de leitura é evidenciado também através de outros personagens Marcelo e Girão, em uma passagem em que esse afirma: "Mas te enganas, pensando que sou livresco. Não me deixo influenciar assim por leituras. Parece que não confias na natureza de minhas convicções..." (ANJOS, 1994b, p. 143). A referência à leitura, nesse fragmento do romance, também é vista como algo negativo, pois um político no dado contexto não deveria se deixar influenciar por tais textos. Nota-se a concepção temerosa que certas pessoas têm acerca da leitura, visto que ela possui a função de modificar os leitores, levando-os a duvidar e a analisar mais criticamente o mundo em que vivem.

Em *A menina do sobrado*, a leitura crítica é aludida pelo narrador em diversos modos e momentos, até mesmo por se tratar de um livro de memórias, contendo muitas narrações sobre vivências com a literatura. Verifica-se, com mais recorrência, trechos contendo abordagens críticas de alguns romances lidos pelo narrador, como o exemplo que selecionamos a seguir: "Discordei com petulância desde que meus estudinhos de Santana, vinha-me exercitando a leitura de Corneille e de Racine." (ANJOS, 1994c, p. 232). Em outro fragmento, observamos: "[...] não me agradavam as majestosas descrições, a pompa verbal, os expedientes retóricos de Chateubriand" (ANJOS, 1994c, p. 232). Adicione-se, também, o seguinte trecho: "Maravilhado com Racine, achava-o mais fácil." (ANJOS, 1994c, p. 232). Os três fragmentos mostram que o jovem narrador leitor critica os autores com referência à facilidade de tais leituras. Ele se identifica com o modo de escrever de alguns escritores e recusa outros estilos. Tal atributo "estético" passa a ser selecionado por ele e tem, como ponto de vista, a leitura numa perspectiva que constitui o leitor participativo através de certas concepções literárias.

As discussões com amigos cujos posicionamentos são divergentes aguçam o desejo de ler para conhecer e estabelecer parâmetros entre as obras que a "roda" compartilhava e defendia dentro da perspectiva canônica. Nesse dado contexto de leituras, o narrador ainda nos faz saber a respeito de Anatole France: "o tom anatoliano, que ia trazer-me tanta novidade e delícia; a complacência amável, céptica, zombeteira." (ANJOS, 1994c, p. 313). O trecho evidencia o encanto do leitor com a narrativa desse escritor francês, cujo estilo particular tanto lhe agrada. A mesma narrativa, traz, ainda, uma referência a outro escritor francês, conforme segue: "Também depois me chagaria às mãos o famoso discurso de Valéry, que, prodigalizando-lhe alfinetadas uma sobre outra, a certo ponto rematava, com um bote." (ANJOS, 1994c, p. 314). É licito dizer que a condição de leitor está associada às preferências lembradas através da memória, ao mesmo tempo em que sua crítica é de aceitação, relevância e concordância com o cânone europeu consagrado naquele momento. Em entrevista, Cyro dos Anjos confessa que sua formação é baseada em escritores franceses. [18]

Além disso, em *A menina do sobrado*, o narrador certifica sua leitura sobre a literatura da seguinte maneira:

> Acerca de Wilde, que estava na moda e ficáramos conhecendo através de João do Rio, falava-se com frequência. Reduzido era o meu cabedal. Até então, pouco acrescentara às leituras de Santana, circunstâncias aos autores nacionais e lusos, da bibliotequinha da Escola Normal, e poucas obras francesas vertidas em português: Bouget, Marcel Proust, Loti, Zola e Vítor Hugo dos romances. Gosto um tanto eclético... zombou uma noite o Zeca. A ler traduções de francaria

[18] ANJOS, Cyro. Entrevista concedida a Homero Senna em 1986. Disponível em: http://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/CyrodosAnjos.htm. Acesso em: 01 Out 2018.

> – acrescentou, executando as de João do Rio a instâncias minhas – era preferível que eu desse mais atenção à prata da casa: o Lima Barreto amarelecia, esquecido, na vitrine do Alves; desleixado na escrita, mas que tempero! Vinagre, sal, pimenta... E sobretudo um afiado bisturi para os intrujões. (ANJOS, 1994c, p. 302)

O fragmento permite saber o modo como as leituras eram expostas e debatidas pelos leitores daquele dado contexto: através de críticas de traduções, desconstruções do cânone e abordagens de problemas estéticos, por exemplo. O texto memorialístico retrata o leitor ativo, participativo, que assume a responsabilidade de inferir e debater sobre modos de ler e analisar as obras literárias. O acesso à capital permite ao narrador olhar para suas leituras anteriores e considerá-las como sendo de um leitor iniciante, em comparação com os literatos da capital.

Tais representações de leituras críticas nos permitem conhecer as obras e autores pelos quais Cyro dos Anjos tinha preferência e simpatia, uma vez que a escolha do autor por trazer esse tema para a escrita ficcional abre espaço para o leitor literário refletir e analisar sobre as leituras que os personagens e os narradores realizam.

3.9. A LEITURA LITERÁRIA PARA REALIZAÇÃO DE TRABALHO INTELECTUAL

A leitura literária para realização de uma atividade profissional pode ser referida através da leitura em sala de aula, seja envolvendo jornais ou escrita de trabalhos. A obra de Cyro dos Anjos que melhor representa tal prática é *Abdias*, cujo protagonista desempenha o trabalho de professor, conforme a fala do personagem no fragmento a seguir: "o colégio seria um meio de encher o tempo, nem sempre tomado pelas pesquisas do Arquivo e pelos trabalhos literários. Por outro lado obrigava-me a estudos sistemáticos, que me eram úteis" (ANJOS, 1994a, p. 177). O homem que assumirá as aulas possui um emprego de funcionário público, além de ser um estudioso de literatura, que atuará na escola nas horas vagas. Esse é um perfil que condiz com muitos professores no Brasil na época, e, da mesma forma, com o de Cyro dos Anjos, que desempenhou a atividade de professor como emprego complementar de seu cargo de funcionário público.

Abdias era um leitor e estudioso de literatura, sendo que, para ministrar suas aulas, agia conforme o seguinte fragmento: "Em vez de me cingir ao que dizem os compêndios, como em geral fazem os professores, aprofundei o assunto, varejei livrarias, vasculhei bibliotecas. Tratei como coisa familiar, problemas literários de cuja existência as alunas nem sequer suspeitavam." (ANJOS, 1994a, p. 23). *Abdias* traz uma reflexão acerca da necessidade de o professor de literatura ser um pesquisador, posto que o programa da disciplina assim o exige, sendo que o objeto é buscado em lugares modernos, nos quais o livro é disponibilizado para empréstimo,

consultas ou aquisição por meio de compra. Mais uma vez, o espaço da ficção é usado para referendar a pesquisa e a leitura literária que o escritor fomenta, através desse protagonista.

Esse romance aborda, ademais, a formação acadêmica do professor, conforme segue: "Eu tinha, então, acabado o curso de Direito e continuava no cargo de primeiro oficial do Arquivo Histórico, sem grande desejo de militar no foro" (ANJOS, 1994a, p. 59). Muitos professores de literatura, tanto no ensino básico quanto no ensino superior, eram pessoas com formação em diversas áreas do conhecimento uma vez que, naquela época, não havia muitas universidades no Brasil, sequer cursos de Letras. O primeiro programa de graduação em Letras surgiu na Universidade de São Paulo, em 1934. A formação de Abdias é inspirada na de Cyro dos Anjos, autor esse que também atuou como professor em universidades do Brasil e do exterior.

A referência à leitura como atividade intelectual é bastante evidenciada em *Abdias*, romance que apresenta como o professor realiza leituras enquanto forma de trabalho e como expõe um conteúdo durante as aulas de literatura para um determinado público, o que se pode constatar no seguinte trecho da obra: "Desejei aproveitar o tempo e gizar o esquema de uma aula sobre os simbolistas brasileiros, que terei que dar amanhã no Colégio." (ANJOS, 1994a, p. 78). O ato de ler, aqui, é imposto, uma vez que demanda expôr, ler e ensinar às leitoras do colégio como interpretar textos literários. Entretanto, apesar da técnica arbitrária adotada pelo professor na narrativa, sabe-se que esse tipo de texto "oferece um conhecimento mais capaz de esclarecer os comportamentos e as motivações humanas" (COMPAGNON, 2012, p. 65). A literatura permite conhecer a vida íntima dos personagens, seus pensamentos e atitudes, sendo que, através do narrador, por meio de um discurso indireto ou direto, é possível saber como essas criações realmente são na intimidade. As paixões humanas, as invejas, as vinganças, os jogos de interesses, entre muitos outros assuntos subjetivos, fazem-se nitidamente presentes na literatura e, assim sendo, essas atitudes permitem ao leitor analisar, refletir, vivenciar, julgar, aplaudir e condenar aquilo que é lido.

A preparação das aulas evidencia a preferência de Abdias por certos autores e obras, sendo que o personagem organiza seu trabalho da seguinte maneira: "Como supunha fôssemos ter ainda uma quinzena de atividade e pudéssemos esgotar o programa, demorara-me alguns dias em Machado e Eça, só na semana finda havendo chegado, na parte de poesia, aos parnasianos e simbolistas" (ANJOS, 1994a, p. 79). Nota-se que o professor opta por autores e obras com que se identificava, seleção essa que condiz com o cânone da literatura realista portuguesa e brasileira. Abdias escreve uma monografia e o fato de realizar esse trabalho, possibilitado em grande parte através de várias leituras, torna-se o motivo pelo qual lhe é dada a oportunidade de trabalhar como professor. Cyro dos Anjos atribuía essa atividade intelectual

a seus personagens, o que muito provavelmente pode ter resultado das vivências do sujeito autoral.

Em *A menina do sobrado*, o narrador em primeira pessoa se refere ao trabalho de um funcionário leitor e redator de textos, conforme segue: "Aceitei-a como amanuense-redator, sem adesão íntima.(...) Telegramas e telegramas, cartas e cartas, a ler, a responder, uma loucura." (ANJOS, 1994c, p. 414/415). As memórias coincidem com as confissões de um homem que, na vida real, precisava ler as petições de integrantes do estado mineiro para elaborar respostas dentro de padrões sociais, políticos e econômicos do estado.

No livro *Tempos de Capanema*, afirma-se que as elites intelectuais que exerciam o poder na época não tinham opinião crítica. Cyro dos Anjos era funcionário do governo e registra, em seus escritos, que o momento era de grande repressão político-intelectual. Norberto Bobbio (1997), em *Os intelectuais e o poder*, afirma que os intelectuais desenvolvem um trabalho de reflexão, como aquele que Cyro dos Anjos desempenhara, uma vez que levantam questionamentos sobre as posturas e pensamentos rígidos dos oligarcas, sujeitos esses que adotam uma política de acertos e conchavos pessoais em prol de benefícios próprios, ao invés de promover melhorias sociais. É importante lembrar que o escritor mineiro foi um representante do governo, tendo ocupado, durante toda sua vida, altos cargos de repartições públicas do governo estadual e federal.

É preciso ressaltar que, ao exercer sua atividade de professor, Cyro dos Anjos contou com o apoio do governo brasileiro para ir ao exterior como professor temporário, através de um cargo para o qual o Brasil lhe forneceu indicação e proventos, tanto no México quanto em Portugal. Além disso, seus livros foram lançados pela imprensa da cultura, que era um incentivo do governo federal.

Pode-se perceber que *Abdias* é o livro de ficção desse escritor que mais discute essa temática, sendo que várias passagens nessa obra explicitam o papel do professor, sua profissão e atuação, de maneira quase ritualística. Os leitores mais atentos verificam a recorrência da atuação profissional de um intelectual na dada obra. Já nas memórias, notamos que essa referência se dá em proporção inferior, sendo que nelas predomina o tema do trabalho de ler e responder correspondências de políticos do estado mineiro.

3.10. ACERVOS PARA LEITURAS

Nos tópicos "Cenas de leitura" e "leitura como forma de vida" discutiu-se a leitura dos personagens nas narrativas. Neste momento, propõe-se analisar os acervos para a realização de leituras, o que nos leva à seguinte indagação: como os leitores das narrativas de Cyro dos Anjos adquiriam livros para leitura? Verifica-se que o livro é compartilhado com outros leitores,

mais frequentemente, por meio de empréstimo. A recorrência desse ato nas quatro narrativas do dado escritor possibilita inferir que a prática de compartilhar o material ocorre devido à dificuldade em se adquirir livros, à escassez das livrarias e editoras e, por último, à falta de poder econômico dos personagens para obtê-lo.

Em *O amanuense Belmiro* há um compartilhamento de livros entre os personagens, principalmente por Belmiro, através de empréstimos de livros que faz a Jandira, sua amiga, participante do grupo que junto a ele discutia literatura, filosofia, sociologia, economia, política e outros assuntos. Além dela, o romance faz referência a outros personagens, conhecidos e amigos do narrador-protagonista, que dividem livros entre si. O narrador-protagonista se refere a Glicério, amigo de Belmiro, que também é leitor, como é possível verificar na seguinte passagem: "À hora do café, ele veio procurar-me e se disse encantado com a 'schopenhaueriana' que Silviano lhe está emprestando, por partes." (ANJOS, 2006, p. 129). Glicério, por sua vez, acrescenta a Belmiro: "– Ora, ando há muito tempo com necessidade de leituras mais sólidas. Se você quiser, trarei para você um volume do Ruyssen sobre Schopenhauer. É ameno, tanto quanto o gênero comporta." (ANJOS, 2006, p. 129). O romance retrata colegas de trabalho, amigos e conhecidos unidos em torno da paixão pelos livros, além de que esse círculo realizava leituras, sugeridas e partilhadas, bem como apreciações de obras e autores.

Esse primeiro romance de Cyro dos Anjos explicita as leituras filosóficas como um ato de empatia, identificação e projeção com o intuito de praticar o que lera em sua vida pessoal. Os fragmentos evidenciam que cada leitor leva seus valores para os textos, sendo que o acordo sobre o que se pretende ler tem a ver com a constituição do sujeito social que, no caso do dado círculo, contava, em sua maioria, com homens de caráter formado, porém aperfeiçoado após cada leitura.

A troca de livros entre os personagens também é comentada, em outros fragmentos, por Belmiro: "Preciso debulhar, primeiro, outros livros que Silviano também me emprestou e já está cobrando." (ANJOS, 2006, p. 129). Em outro momento, o personagem afirma: "Tenho lido alguns livros do Silviano e consegui liquidar o Homero. Silviano anda sumido." (ANJOS, 2006, p. 137). É interessante pensar a leitura como uma atividade coletiva de pessoas que moram em uma mesma cidade, solidárias com a ideia de que o acesso ao conhecimento alcance demais leitores.

Em *Abdias*, o protagonista adquire os livros para leitura através da compra em um sebo, conforme segue: "o meu amigo Memória que faz comércio de livro usado." (ANJOS, 1994a, p. 151). Pode-se notar que o personagem era um cliente fiel, para quem o dono frequentemente reservava livros solicitados, posto que "cresciam, em ritmo assustador, minhas contas nas livrarias. Ordinariamente, adquiro livros na proporção de vinte para um, em relação à minha

capacidade de leitura." (ANJOS, 1994a, p. 166). Abdias era um comprador compulsivo de livros; falta-lhe controle, o que o leva a adquirir mais obras do que pode e precisa, o que acaba por comprometer o orçamento com esses objetos e causar dificuldades financeiras, até mesmo porque sua família era numerosa e ele era o único provedor. O romance descreve o espaço da "Livraria do Augusto Memória" como local de encontro entre leitores, cenário de conversas particulares e confidenciais.

O hábito de dividir livros também está presente em *Montanha*, através da personagem Ana Maria, que lê livros no hospital, emprestados por pacientes, como pode ser visto a seguir: "Copio aqui estes versos, antes de restituir o livro ao meu vizinho (o da vitrola), senhor já maduro, professor do Pedro II." (ANJOS, 1994b, p. 222-223). As leituras literárias de Ana Maria ainda buscavam o entretenimento, o preenchimento do tempo e o prazer. A leitora deseja memorizar, guardar e ter perto de si os fragmentos lidos. Essa moça também adquire livros como presentes, conforme segue: "E Everardo me deu o *Orlando*, de Virginia Woolf." (ANJOS, 1994b, p. 87). A personagem estava doente e a leitura lhe proporcionava prazer, alegria, companhia, terapia e, até mesmo, uma espécie de remédio para sua alma.

A menina do sobrado descreve que o primeiro livro adquirido pelo narrador foi um presente recebido de seu pai, de acordo com o seguinte trecho: "Os tempos do Curso Froebel, lembra-me ainda que, ao regressar de uma viagem ao Rio, o Pai me trouxe de presente o livro *O Menino da mata e seu cão Piloto*." (ANJOS, 1994c, p. 48). Além do livro, o narrador Vivaldi Moreira conta sobre outros livros que ganhou: "Do acontecido entre 1913 e 1916, lembra-me, ainda, ter sido presenteado, por Seu Xandu, com uma edição infantil dos *Lusíadas*. Já me dera, antes, a história dos sete sábios da Grécia." (ANJOS, 1994c, p. 60). Note-se que os primeiros livros adquiridos pelo narrador são citados após muitas décadas, fato que referenda sua relação afetiva antiga com esses objetos.

Outra forma de esse narrador de memórias ter tais objetos junto de si se dá da seguinte maneira: "No que concerne às coisas do espírito, anotarei que nessa época passei a frequentar a casa do Mestre Eufrosino [que] possuía uma razoável biblioteca e prodigamente a punha em minhas mãos." (ANJOS, 1994c, p. 153). O trecho evidencia o valor da biblioteca para o leitor, que aproveitava as oportunidades para ter acesso a esse material. Além do empréstimo, outro modo de conseguir livros nessa narrativa se dava por meio de trocas, conforme segue: "Os romances de capa e espada, que eu consumia à razão de um ou dois por semana, quando o intercâmbio com os companheiros me assegurava provisão regular." (ANJOS, 1994c, p. 160). O acesso à leitura é proporcionado pelo convívio social, através do qual o narrador procura livros

por toda a cidade do interior em que morava. O sujeito leitor busca por obras e se abastece delas para sua atividade de leitura, conforme é elucidado na seguinte passagem:

> Depois dos quatorze anos começaram a vir-me as comichões literárias. Já não era um simples devorador de folhetins. Descobrira em casa da irmã Nieta, a cuja guarda haviam confiado três ou quatro estantes de livros da extinta Escola Normal, várias obras de Machado, Eça, Camilo e Herculano. (ANJOS, 1994c, p. 175)

Verifica-se que, para aonde vai, o narrador se depara com livros e usufrui deles. O rapaz buscava livros como se caça tesouros. O narrador explicita que conseguir obras literárias, na cidade de Santana, era bastante difícil e que o pai as comprava da seguinte maneira: "livros mandados vir por intermédio de caixeiros-viajantes ou adquiridos pessoalmente, na viagem anual ao Rio." (ANJOS, 1994c, p. 9). A distância de Santana à capital é de aproximadamente novecentos quilômetros de distância e, tendo em mente às condições limitadas de locomoção para a capital do país naquele momento, pode-se concluir que tal trajeto era bastante dispendioso. Em outro fragmento, lê-se: "Sempre que ia ao Rio, já disse, abastecia-se nas livrarias, e, preferencialmente, de ensaios, sua leitura predileta." (ANJOS, 1994c, p. 199). O texto descreve as idas do pai ao Rio de Janeiro como um pretexto para aquisição de livros para si e toda a família.

O narrador de *A menina do sobrado*, ao retratar sua mudança para Belo Horizonte, registra a forma com que encontrava livros facilmente em Belo Horizonte: "O *Mercure de France* podia ser encontrado na Livraria Francisco Alves. Também *Les Nouvelles Littéraires*, se não me engano. [...] E quem pensaria em acompanhar de Belo Horizonte, o que se passava em Paris?" (ANJOS, 1994c, p. 232). A capital do estado de Minas Gerais possuía uma livraria que abastecia os literatos da cidade com suas obras. Essas eram, na maioria das vezes, encomendadas ou reservadas para leitores específicos. A fala do narrador declara a dificuldade e a distância que separava Belo Horizonte do Rio de Janeiro. Assim era descrita Santana do Rio Verde, a atual cidade de Montes Claros, como um bravo sertão no ermo. Sendo que a aquisição de livros específicos era ainda mais rara, conforme tem-se que: "A comunicação acadêmica de Bremond só terá chegado às vitrinas da Alves, em forma de livro, e vários anos depois." (ANJOS, 1994c, p. 300). A livraria Francisco Alves, de Belo Horizonte, é aludida diversas vezes nesse livro de Cyro dos Anjos, como sendo o local de venda de livros de literatura brasileira e universal. Tal local era frequentado pelos literatos da cidade e amigos desse autor, dentre eles Carlos Drummond de Andrade, Abgar Renault, João Alphonsus e outros, sendo que certas obras eram previamente selecionadas para clientes assíduos, cujas preferências literárias já eram de conhecimento dos vendedores.

Dentre os diversos modos de se adquirir os livros, a compra é apenas uma delas. Nas narrativas de Cyro dos Anjos, o acesso às obras literárias se dá, mais frequentemente, por meio de empréstimos, estabelecidos através de uma relação de solidariedade entre leitores, que compartilhavam esses objetos entre os demais membros dos grupos, que se reuniam em torno de discussões literárias naquele contexto mineiro de então.

3.11. O MODERNISMO NO CONTEXTO DE LEITURAS

As leituras literárias nas narrativas de Cyro dos Anjos se relacionam com o momento da escrita das obras. Dada a efervescência literária do século XX e, levando em consideração que esse escritor conhecia diversos autores e livros do dado contexto, era de se esperar que as inovações do movimento modernista em Minas Gerais estivessem presentes em sua obra.

É com muito entusiasmo que *A menina do sobrado* relembra esse movimento na capital na década de 1920, conforme segue: "Também o quebra-quebra literário, iniciado em 22, formara a sua coluna, para, em escaramuças intermitentes, destroçar parnasianos, neoparnasianos e simbolistas, atirados todos na vala comum do passadismo." (ANJOS, 1994c, p. 266). Sabe-se que não é fácil o rompimento com a tradição, até mesmo porque as estéticas tradicionais mantêm adeptos e a consagração de uma literatura com características inovadoras requer a aceitação de novas concepções, o que culmina por trazer para a composição figural temas que condizem com o contexto do momento. Em entrevista, Cyro dos Anjos afirmou, sobre esse contexto, que: "Foi uma roda muito rica, muito expressiva, essa roda de modernistas mineiros" (RICCIARDI, 2008, p.138), afirmação essa que muito se aproxima da maneira como o autor abordou o assunto em sua escrita de memórias.

Em *A menina do sobrado*, último livro de Cyro dos Anjos, observa-se que, na constituição estética de memórias da dada obra, essa relação se faz mais evidente. O narrador afirma que os literatos de seu grupo se dividiam entre os adeptos e os tradicionais, sendo que os últimos defendiam modelos estereotipados e permaneciam arraigados aos cânones, conforme cita os companheiros Zeca e Monzenga, na seguinte passagem: "Por dentro, enorme era o desejo de nos vermos entre os inconformistas que ascendiam ao poder. Bandear-nos-íamos em breve. Nas letras, não há menos oportunismo que na política. E tão oportunistas são os moços quanto os velhos." (ANJOS, 1994, p. 307. C). A literatura brasileira de então experimentava a transformação e a idealização de uma literatura nacional, iniciadas com o projeto estético do Romantismo brasileiro. O narrador dessas memórias, através de suas leituras, dentro de uma perspectiva muitas vezes particular, mas com posicionamento crítico favorável ao modelo tradicional, traz para o contexto de sua escrita essa prática a fim de opinar, referendar, recusar e acolher escritores e obras francesas, inglesas, portuguesas, brasileiras e outras.

No livro, encontra-se a seguinte afirmação: “Só vagamente se falava, em Belo Horizonte, de Modernismo e modernistas. O movimento foi, ali, discreto, fez-se em surdina, pois a ordem mineira, pesada e conservadora, não apreciava badernas, ainda que literárias.” (ANJOS, 1994c, p. 390). Como se vê, o posicionamento do escritor sobre o movimento artístico é de que, em Minas Gerais, ele teve uma recepção ou abertura menos convencional do que a que aconteceu em São Paulo e no Rio de Janeiro, até mesmo porque o autor via os mineiros como sendo mais tradicionais. Assim, a literatura moderna nesse estado conservou a estética dos movimentos anteriores e assimilou novas mudanças paulatinamente.

O narrador, identificando-se com o leitor que vivencia tal momento, afirma: “Ao embate entre passadistas e modernistas assisti meio indiferente, sem tomar partido. A refrega fervia mais na área da poesia; eu me interessava mesmo, é pela prosa; não vi obrigado a engajamento.” (ANJOS, 1994c, p. 304). O texto memorialístico demonstra, então, que os leitores se posicionavam diante da literatura que se configurava no momento, sendo que o autor não adentrou no debate, o que pode ter se dado por falta de leitura suficiente de poesia ou, ainda, porque era um rapaz recém-chegado do interior. Esse escritor admite, em entrevista, que: “Fui um modernista retardatário porque eu tinha uma formação mais clássica” (RICCIARDI, 2008, p.138). No entanto, os leitores de Belo Horizonte já liam e discutiam com propriedade sobre o assunto e, sendo assim, Cyro dos Anjos teve acesso e conheceu sobre o Modernismo através da roda literária da qual ele participava naquele momento.

Essa narrativa evidencia os lugares onde o grupo se reunia para discutir sobre a literatura moderna, na capital do estado mineiro: “Do mesmo modo como um ano antes, na Pensão Albornoz, eu me desasnara em matéria de hábitos metropolitanos – nesses encontros do Estrela e do Guarani ia-me rapidamente ilustrando nas coisas da literatura.” (ANJOS, 1994c, p. 303). O espaço para as discussões literárias se dava em cafés e bares, locais aparentemente impróprios para um debate intelectual mais formal. No entanto, esse livro de Cyro dos Anjos mostra que era nesses locais que esses debates aconteciam e que certas discussões eram travadas sobre o assunto.

As memórias desse autor expõem como era sua vida cultural na cidade, assim como as discussões literárias e os lugares que frequentava, conforme a seguinte passagem: “Capital, o *footing* da Praça, a segunda sessão do Odeon, o cabaré da Olímpia, os cafés da Avenida.” (ANJOS, 1994c, p. 254). Este trecho registra outros lugares de preferência do escritor: “Deixamos a Confeitaria Martini e voltamos ao Norte-Mineiro, mas frequentemente traíamos o Iolando, indo reunir-nos no Estrela, que havia muito nos seduzia.” (ANJOS, 1994c, p. 297). Esses lugares eram pontos de encontro para conversas sobre literatura, tendo sido, além disso, de grande valia para

a formação intelectual do autor. As imagens do centro da capital mineira também aparecem em seus textos, descritas como espaço de discussão erudita sobre assuntos literários.

Em *A menina do sobrado*, refere-se ao movimento modernista, que se deu durante a Semana de Arte Moderna, da seguinte maneira:

> Escritores de fama eram sumariamente desalojados de seus nichos, enquanto nomes até ali desconhecidos do público vinham à tona festejados: o Oswald, o Mário, o Prudente, o Manuel, o Sérgio, o Couto, o Milliet...Quando partiam, ficávamos a digerir o dito ou inferido. Recém-chegado de Santana, eu fazia enormes confusões. Newton me acudia: "Não, rapaz, o Manuel de que falam vive no Rio, é aquele do *Madrigal Melancólico*... Você até copiou os versos. O *Pau-brasil* é do Oswald, não do Mário. Apareceu há pouco. E os poemas são uma coisa, o *Manifesto*, outra. Do Mário é a *Paulicéia Desvairada*." (ANJOS, 1994c, p. 305-306)

O fragmento ilustra os novos escritores que surgem com o movimento literário modernista, sendo que certas obras e dados autores são citados como maneira de registrar a consolidação da literatura brasileira em um momento tão importante de transformações artísticas. Ao tratar desses assuntos nesse livro, o autor demonstra a relação do narrador com o dado contexto e torna a escrita metaficcional, uma vez que a obra discute a literatura e o movimento em Minas e demais capitais, como o Rio de Janeiro e São Paulo.

A menina do sobrado evidencia a presença do grupo de São Paulo como iniciantes que rompem com a tradição e instauram uma literatura brasileira moderna, cuja escrita era muito diferente da instituída até então. Os mineiros que publicavam no estado, na época, eram tidos como destaques e são referenciados como está no fragmento literário:

> Se podia esclarecer-me sobre o pessoal de fora, o informadíssimo Newton pouco me adiantava quanto aos modernistas locais. Dois ou três trabalhavam no *Diário de Minas*; todos escreviam na *Revista*, só isto se sabia. Não conseguíamos distinguir qual deles era o Carlos Drummond – se o magro, de óculos e de fala incisiva, lacônica, ou aquele outro não menos magro, sem óculos e de compridíssimas pernas, em quem depois identificaríamos o Emílio Moura. E o João, filho do Mestre Alphonsus, por algum tempo confundimos com o Pedro Nava. Ressalvo, no concernente ao Abgar, que eu já o conhecia, dos *Sonetos Antigos* e das aulas de inglês. E, a propósito do Martins de Almeida, esclareça-se que logo o fixamos, pelo Chapéu-coco e pelo riso de muitos dentes, e afiados." (ANJOS, 1994c, p. 305-306)

O narrador traz, para a escrita, suas memórias dos componentes do Modernismo em Minas Gerais, informando que tais membros atuavam como críticos, bem como que seus textos ensaísticos e literários eram publicados na *Revista* e no *Diário de Minas*. Os componentes "da *Revista*" eram: Manuel Bandeira, Ronald de Carvalho, Mário de Andrade e Carlos Drummond de

Andrade.[19] A publicação era composta por artigos que discutiam a literatura do momento, com textos literários curtos, sendo, em sua maioria, contos, crônicas e poemas. O surgimento e lançamento desses veículos de informação com fim literário culminavam, muitas vezes, em tentativas frustradas e tiveram poucas edições por não contarem com recursos econômicos suficientes para sustentá-los por mais tempo. O livro se refere à visita de Mário de Andrade, em 1924, a Minas Gerais, sobretudo às cidades históricas do estado. O narrador cita a *Revista Cidade Verde*, fundada em 1927, cujos integrantes eram seus colaboradores.

A menina do sobrado faz referência ao movimento conforme visto por Carlos Drummond de Andrade, como elucida a passagem:

> Depôs o meu caro Drummond, décadas após: "Nosso Modernismo era pobre, alegre, inquieto, mal-educado, ignorante e feroz. Éramos modernistas ou ficamos sendo sem saber." Não dissentirei do poeta, mas tomaria essa ignorância em termos relativos: Emílio Moura contou, em entrevista, como se assanhava a roda, quando, à vista dela, se desencaixotavam os livros, no Alves. Sabia Kneipp que, se chegassem Maeterlinck e Verhaeren, cumpria guardá-los para João Alphonsus; se se tratava de Apollinaire, Cocteau, Max Jacob, Giraudoux, fregueses certos seriam o Drummond, o Emílio, o Abgar, o Martins de Almeida, o Pedro Nava. A uns e outros se reservavam, por igual, Valéry, Lautréamont, Laforgue, Francis James. E, obviamente, Rimbaud. Na prosa, acredito que os mais requestados fossem Gide e Proust. Monsieur Bergeret possuía um ou outro discreto cliente, além do Milton Campos. (ANJOS, 1994c, p. 315)

Afere-se que as memórias, em forma de metaficção, referem-se à fala de Drummond, citada pelo narrador. O trecho expressa as preferências canônicas do escritor de Itabira e demostra a relação de Minas Gerais com o modernismo brasileiro. O trecho evidencia que o escritor montesclarense discordava, em certa medida, das preferências dos seus colegas, o que incluía seu amigo itabirano, posto que o grupo era mais inclinado às leituras de escritores clássicos da literatura francesa. Nota-se que os poetas e prosadores mineiros se abasteciam de leituras, reuniam-se, criticavam e debatiam sobre os escritores europeus. O livro informa sobre os autores e obras mais lidos e procurados, além de constatar que a formação do grupo se dava por meio de leituras, sendo essas, de certa forma, indicadas segundo as preferências dos rapazes que dominavam o assunto.

Para a discussão desse item utilizamos somente o último livro de Cyro dos Anjos, uma vez que, por se tratar de uma escrita memorialista, o autor retoma esse assunto muito depois dos acontecimentos de 1922, 1930 e 1940, através da segunda parte de suas memórias, cujo lançamento se deu no final da década de 1970. Ao longo dos três romances essa temática

[19] A *Revista* era uma publicação de entretenimento e teve três edições de 1925 a 1926.

não é abordada pela leitura dos narradores; eles se referem a leituras, sem propor, entretanto, uma discussão do modernismo mineiro com relação direta a esse assunto.

3.12. REPERTÓRIO DE LEITURAS

Estabelecer um repertório de leitura dos personagens e narradores da obra de Cyro dos Anjos é tarefa bastante difícil, uma vez que, em todas as narrativas, há referências sobre o que cada um lê, sendo que os personagens protagonistas e secundários formam um verdadeiro acervo de literatura. Esse autor, em entrevista a Christina Autran, publicada no *Jornal do Brasil* em 23 de maio de 1970, faz a seguinte afirmativa: "Ultimamente, aqui em Brasília, a fase é de leituras: Stendhal, Proust, Camilo, Machado [...]" (AUTRAN, 1970, p. 235). Na época, o escritor havia encerrado sua carreira como escritor, mas as leituras que faz na velhice são as mesmas da juventude.

Essa característica de leitor também é destacada na entrevista a Giovanni Ricciardi, em 1986, conforme segue:

> Na infância li tudo o que todo mundo lia na ocasião aqui: Rocambole, livros de cunho policial, coisas assim. Lia-se muito Alexandre Dumas; você vai ver isso no meu livro de memórias; lá cito os livros que eu lia. Os três mosqueteiros de Alexandre Dumas era o encanto da nossa mocidade. Quando entrei na Faculdade, familiarizei-me com autores de mais categoria. Muito cedo eu li Machado de Assis. Li tanto que aconteceu o seguinte: fiquei saturado de Machado de Assis. Houve um tempo em que eu não podia mais ler o Machado porque estava saturado. Li também Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco; eu me deliciei com Anatole France. Quando fiz a grande descoberta de Anatole France foi um deslumbramento. Mais tarde, aí pela altura dos meus vinte e tantos anos, eu descobri Proust, encontrei-me com Proust. A minha formação foi toda de autores franceses, como era comum naquele tempo, quando não se lia inglês no Brasil. (RICCIARDI, 2008, p.130)

Essa entrevista ilustra com mais veracidade as leituras desse escritor; no entanto, sua ficção representa leitores ficcionais, como Belmiro, Silviano, Redelvim, Abdias, Gabriela, Ana Maria, Everardo, Pedro Gabriel e outros, que atuam na ficção com traços que coincidem com o autor Cyro dos Anjos. No livro de memórias, a voz narrativa em primeira pessoa está impregnada de leituras e destaca sua relação com o objeto livro, o que revela um narrador encantado e deslumbrado pelo mundo da ficção literária.

Em *O amanuense Belmiro*, o personagem homônimo refere às suas leituras realizadas. O texto cita contos de fadas tradicionais, como *A Bela Adormecida*, bem como o escritor inglês William Shakespeare, mais especificamente suas obras *Hamlet* e *Romeu e Julieta.* Outro europeu nomeado é o espanhol Miguel Cervantes, com *D. Quixote*; o romance dá destaque aos escritores franceses, ao mencionar Marcel Proust – com *À sombra das raparigas em Flor* – e Alexandre

Dumas. Há referência à leitura da *Ilíada*, de Homero. Belmiro é também leitor da poesia de Baudelaire, Lamartine e Molière; assim como de obras filosóficas, dentre as quais de destacam Schopenhauer, Nietzsche e o sociólogo Karl Marx, em contradição à leitura do texto bíblico. As obras de literatura brasileira que têm presença no romance são *D. Casmurro*, de Machado de Assis; *Iracema*, de José de Alencar e um capítulo específico se referindo à poesia de Carlos Drummond de Andrade.

Em *Abdias* há representação de obras e títulos de livros; o protagonista, Abdias, seus amigos e colegas de trabalho, tanto do Museu Histórico como do colégio, leem e discutem leituras diversas. A maioria das leituras são apresentadas pelo protagonista, sendo citados autores como: Tolstoi, Stendhal, Kant, Proudhon, Marx, Winkelblech, Bakunin, Schopenhauer, T.S. Eliot, Neruda, Lorca, Rembrandt, Veronese, Thomas Morus, Homero e o texto bíblico. Os títulos citados são: *A bela e a Fera*, *Hamlet*, *D. Quixote*, *Cartas Chilenas* e *Calderón de La Barca*. Ao ministrar suas aulas, o professor destaca muitas leituras de literatura portuguesa, como as Cantigas trovadorescas, novelas de cavalaria, Eça de Queirós; quanto à literatura brasileira, esse acentua a poesia de Alphonsus de Guimarães e a prosa de Machado de Assis.

No terceiro romance, *Montanha*, a personagem Ana Maria é representada através das obras que lê, ao passo que outros personagens secundários fazem menções a Racine, *Orlando* de Virginia Woolf, Max Scheller, Calderón, Teorias de Malaparte, Giolitti, Kant e ao texto bíblico. Demais livros citados são *A Odisseia*, *A dama das Camélias* e *O amante de Lady Chatterley*. Verifica-se que a ocorrência de textos literários é evidenciada na leitura de maneira mais restrita do que nos outros dois romances, o que pode ter ocorrido em função do gênero desse terceiro livro.

Em *A menina do sobrado*, o repertório de obras e autores é muito amplo. Há diversas discussões sobre o assunto, sendo que a forma como eles são apresentados no livro explicita as obras lidas pelos personagens e pelo narrador. Nesse livro, o narrador confessa algumas experiências, bem como aborda a ampliação da leitura de autores de literatura universal e brasileira, formando assim sua constituição intelectual de leitor literário, conforme pode ser visto neste fragmento da narrativa:

> *Os três mosquiteiros*, *O Conde de Monte Cristo* e as *Memórias de um médico* – substituindo na minha preferência as aventuras de Arsênio Lupin e de Rocambole, que não tinham mais nada para me dar – poderiam eventualmente abrir espaço a José de Alencar, Otávio Feuillet, Júlio Dinis, Camilo ou Macedo. (ANJOS, 1994c, p. 160)

As memórias revelam as preferências de um narrador leitor de literatura e explicitam os livros a que ele teve acesso, à medida em que foi aprofundando seus conhecimentos literários:

“Entre esses venturosos, talvez Anatole fosse reverenciado, porém na qualidade de múmia. Havia sido inundado com todas as honras, ao lado de Barrés, Bouget, Rostand e da Condessa de Noialles, Zaratustra, *Parerga e Paralipômena*. Outros eram agora os ídolos.” (ANJOS, 1994c, p. 314-315). Verificam-se as obras clássicas de literatura universal às quais o jovem leitor tinha acesso. Em outro fragmento, lê-se: “Pensei, ainda, em Anatole, Wilde, Dostoievski, Machado, Eça.” (ANJOS, 1994c, p. 355). O narrador demonstra as preferências de leitura pelos companheiros naquele momento. Tal referência, segundo Iser, realiza interseção com aquele que faz o jogo do texto, no sentido de que usa seu repertório para completar o texto. Esse recurso é utilizado por Cyro dos Anjos em suas quatro narrativas.

Além desses, a narrativa cita: Freud, Denis de Rougemont, Stendhal, Baudelaire, Mallarmé, Agostinho, Ovídio, Horácio, Camilo, Herculano; refere-se também a novelas de cavalaria e ao clássico *Os Lusíadas*. Outros livros e autores foram citados anteriormente nesta pesquisa. Nota-se que a maioria desses autores e títulos discutidos nas memórias foram anteriormente, de alguma forma, também trazidos para a escrita de ficção desse autor.

Reinaldo Marques discute, no texto “O arquivamento do escritor” (2003), que o arquivo dos escritores mineiros revela a memória de cada escritor e sua respectiva formação intelectual. Em visita ao Acervo de Cyro dos Anjos, na Universidade Federal de Minas Gerais, encontramos obras desses autores a que nos referimos no último tópico deste trabalho, com edições escritas na língua original, como em francês, inglês, espanhol, latim e outras línguas, além do português. Esse acervo de leituras de Cyro dos Anjos constitui sua biblioteca física e deixa de ser individual uma vez que traz, para sua escrita, seu repertório de leitura.

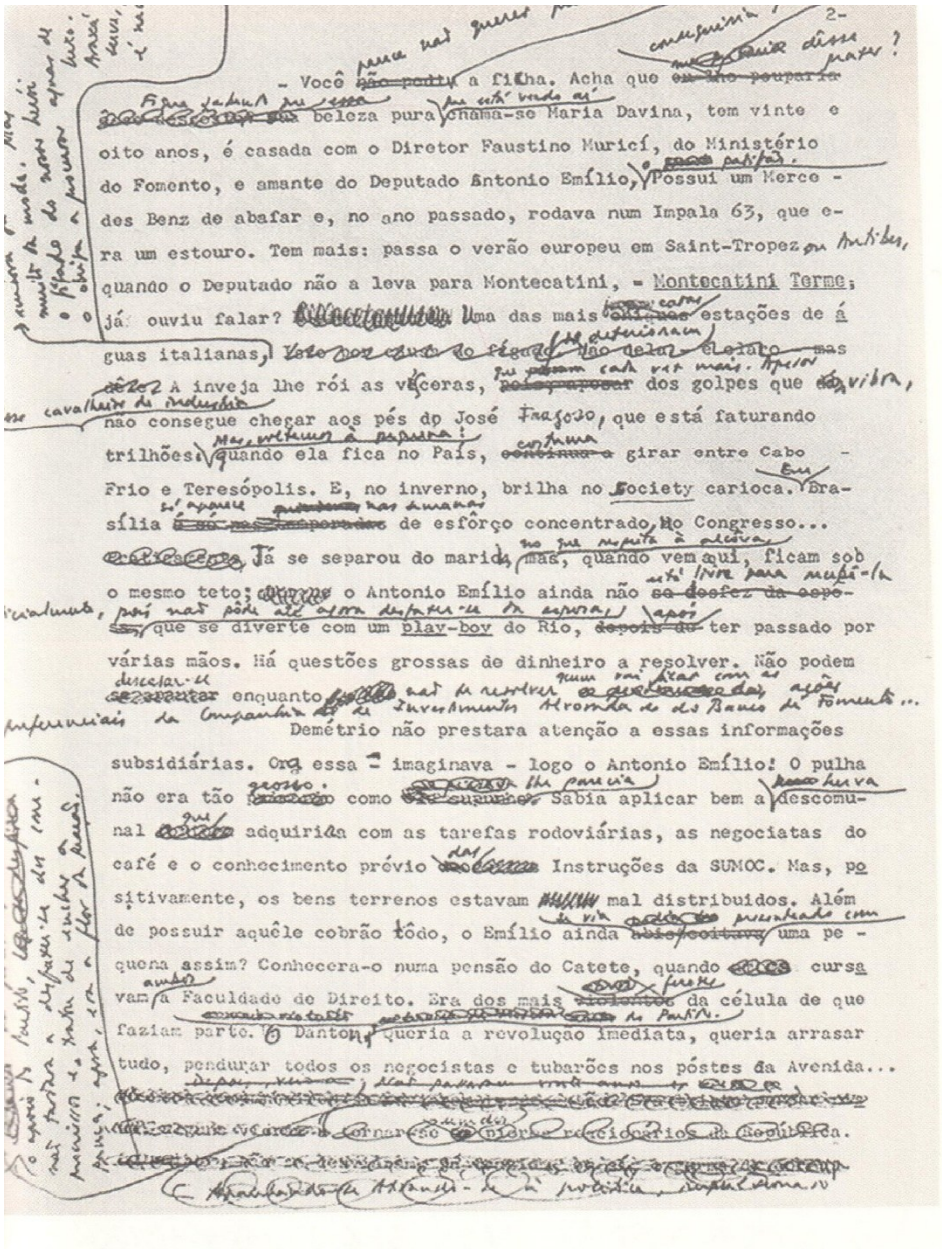
No acervo dos Escritores Mineiros é possível ter acesso a material datilografado, cuja capa contém a seguinte denominação: “Curso de oficina literária” do Instituto de Letras da UNB”. Datado de 1970, ele traz, entre parênteses, a informação “Tradução de textos de Valéry”, constando de nove páginas. Assim, a formação intelectual de Cyro dos Anjos pode ser comprovada tanto em sua obra ficcional quanto na de memória. Reinaldo Marques (2003) afirma, ainda, que o artista é testemunhado pela obra através de fragmentos de vida, como entrevistas, fotos e outros elementos que colocam o autor em xeque com sua obra. Essas considerações se aplicam perfeitamente a esse escritor mineiro.

Este capítulo tratou da análise das leituras apresentadas nas quatro narrativas de Cyro de Anjos, que compõem um verdadeiro repertório de leitura, instigando saber a respeito dos lançamentos dos seus livros com leituras de Carlos Drummond de Andrade. As cenas de leitura, a leitura como forma de vida, leituras críticas, o compartilhamento dos livros, bem como a

leitura na formação do movimento modernista brasileiro constroem movimentos de leitura nos romances e nas memórias desse escritor.

CAPÍTULO IV

A CRIAÇÃO LITERÁRIA DE CYRO DOS ANJOS: O ESCRITOR E SUA ESCRITA



- Você [illegible] a filha. Acha que [illegible]
beleza pura chama-se Maria Davina, tem vinte e
oito anos, é casada com o Diretor Faustino Muricí, do Ministério
do Fomento, e amante do Deputado Antonio Emílio. Possui um Merce -
des Benz de abafar e, no ano passado, rodava num Impala 63, que e-
ra um estouro. Tem mais: passa o verão europeu em Saint-Tropez
quando o Deputado não a leva para Montecatini, - Montecatini Terme;
já ouviu falar? [illegible] uma das mais [illegible] estações de á
guas italianas, [illegible] A inveja lhe rói as vísceras, [illegible] dos golpes que
não consegue chegar aos pés do José Fraguzo, que está faturando
trilhões; quando ela fica no País, [illegible] girar entre Cabo -
Frio e Teresópolis. E, no inverno, brilha no Society carioca. Bra-
sília [illegible] de esforço concentrado no Congresso...
Já se separou do marido, mas, quando vem aqui, ficam sob
o mesmo teto; [illegible] o Antonio Emílio ainda não [illegible]
que se diverte com um play-boy do Rio, [illegible] ter passado por
várias mãos. Há questões grossas de dinheiro a resolver. Não podem
[illegible] enquanto [illegible]
Demétrio não prestara atenção a essas informações
subsidiárias. Org essa = imaginava - logo o Antonio Emílio! O pulha
não era tão [illegible] como [illegible] Sabia aplicar bem a descomu-
nal [illegible] adquirida com as tarefas rodoviárias, as negociatas do
café e o conhecimento prévio [illegible] Instruções da SUMOC. Mas, po
sitivamente, os bens terrenos estavam [illegible] mal distribuidos. Além
de possuir aquêle cobrão todo, o Emílio ainda [illegible] uma pe -
quena assim? Conhecera-o numa pensão do Catete, quando [illegible] cursa
vam a Faculdade de Direito. Era dos mais [illegible] da célula de que
faziam parte. O Danton, [illegible] queria a revolução imediata, queria arrasar
tudo, pendurar todos os negocistas e tubarões nos póstes da Avenida...
[illegible]

Figura 3: Trecho de manuscrito retirado de **CYRO & DRUMMOND.**
Fonte: MIRANDA; SAID, 2012, p. 207.

Escrevi porque tinha tendências para escrever. Tinha prazer nisso. Prazer e sofrimento ao mesmo tempo.

(ANJOS,1986, p. 136)

A epígrafe da página anterior explicita o pensamento de Cyro dos Anjos em entrevista a Giovanni Ricciardi, em 1986, acerca do porquê de sua escrita, das "tendências", da vontade e da vocação que moviam o entusiasmo desse escritor para escrever, uma vez que inaugurou essa atividade em jornais de sua cidade tão precocemente, antes dos quinze anos. A escrita seduzia o escritor que, apesar de sentir "Prazer e sofrimento ao mesmo tempo" (RICCIARDI, 2008, p. 132), dedicou muito de seu tempo na elaboração e na reescrita de seus seis livros, conforme o exemplo presente na figura anterior.

Cyro dos Anjos, novamente em entrevista, acentua: "Minha vida literária foi reduzida: escrevi apenas seis livros. Escrevi muitos artigos de jornais, muitas crônicas, mas livros mesmo escrevi poucos, porque eu levei uma vida de funcionário muito atribulada, muito trabalhosa e por isso não me sobrava tempo." (RICCIARDI, 2008, p. 132). Esse escritor dividia a vida literária com seu trabalho burocrata e com a atividade de professor. Tal tarefa era cotidiana em sua vida, incluindo textos relacionados aos empregos e cargos que ocupava, ora como escritor de respostas a cartas de prefeitos, ora como discursista para políticos, sem contar que outras atividades, exercidas como redator, consumiam seu tempo e energia intelectual. Escreveu para os jornais *A Tribuna* e *Estado de Minas* em Belo Horizonte, bem como para um jornal no Rio de Janeiro, durante a década de 1940.

Apesar de ter publicado poucos livros, o escritor se dedicou à literatura e isso é registrado de forma singular, através da realização de leituras, discussões e escrita de textos ensaísticos e literários, bem como do trabalho enquanto professor. O reconhecimento à sua carreira de escritor culminou com a conquista da cadeira vinte e quatro da Academia Brasileira de Letras. É por crer na relevância de sua obra que serão realizados o estudo e a análise da representação da escrita nas narrativas desse escritor, no presente capítulo, para verificação de como a ficção de Cyro dos Anjos trata de assuntos relacionados ao fazer literário.

4.1. A ENCENAÇÃO DA ESCRITA

A encenação da escrita literária, nas narrativas de Cyro dos Anjos, é um recurso estético que perpassa todas as suas obras em prosa. Iniciando com o primeiro romance, *O amanuense Belmiro*, percebe-se que a primeira referência que o texto faz é através da personagem homônima. O protagonista anuncia que, ao escrever um livro, é indagado da seguinte maneira: '"Por que um livro?', foi a pergunta que me fez Jandira, a quem, há tempos, comuniquei esse propósito. 'Já não há tantos? Por que você quer escrever um livro, *seu* Belmiro?' Respondi-lhe que perguntasse a uma gestante por que razão iria dar à luz um mortal, havendo tantos." (ANJOS, 2006, p. 25). A gênese da escrita é um projeto do personagem que relaciona a elaboração literária com o desenvolvimento genético do ser humano, da aglomeração de células

fetais até o seu nascimento. Na década de 1930, a efervescência literária era grande e a dúvida de Belmiro pode ser um reflexo da angústia vivenciada pelo escritor Cyro dos Anjos. A discussão do protagonista sobre o porquê da escrita remete à pergunta do aluno feita ao professor, em *A criação literária*. A ficção traz a representação da escrita, sendo que tal recurso pode ser denominado de metaficção, no dizer de Linda Hutcheon, uma vez que a autora faz menção à ficção como composição e escrita.

Outra encenação da escrita, nesse romance, se dá com a discussão entre Belmiro e Silviano, conforme a seguinte passagem:

> Silviano é exato no que diz. Reproduzirá com honestidade o que viu, ou ouviu dizer, mas é que viu, ou ouviu dizer, por um processo psicológico menos fiel que o nosso: inconscientemente se incorporam às percepções que ele tem das coisas elementos próprios de sua imaginação, formas especiais que ele lhes empresta. É um recriador e verá as coisas não como se apresentam, mas como gostaria que se apresentassem. (ANJOS, 2006, p. 63)

O texto ficcional afirma sobre a escrita literária de maneira bastante peculiar, dado que faz o leitor perceber que o romance discute o próprio fazer literário e suas particularidades como processo de recriação, à medida em que o personagem transforma, reelabora e recria a realidade vivida ou percebida. Em *A criação literária*, Cyro dos Anjos afirma que o artista precisa elaborar para criar e, acrescente-se a isso, sentir as emoções do objeto e perceber o que está por trás desse. É possível verificar que a voz autoral sobressai nesse romance, até mesmo porque o conhecimento do escritor sobre a elaboração textual ganha espaço no livro, através do personagem ficcional Belmiro.

O amanuense Belmiro discute a alternância entre a leitura e a escrita do protagonista: "Voltei para casa, abri um ou outro livro, já tranquilo, e, finalmente, cá estou a escrevinhar, mais ou menos conformado com o casamento de Carmélia." (ANJOS, 2006, p. 139). O leitor não conhece a leitura de Belmiro, mas essa atividade o conduziu à disposição e à inspiração para escrever. A tarefa é realizada após todos os acontecimentos do dia, quando o personagem não é interrompido ou incomodado pelas irmãs. Em entrevista a Homero Senna, o escritor desse romance afirma: "No tempo em que escrevi O Amanuense, trabalhava à noite e às vezes só de madrugada ia deitar-me." (ANJOS, 1986)[20] Belmiro foi escolhido para ser um *alter ego* de seu autor, daí as especulações sobre esse romance apresentar marcas biográficas de Cyro dos Anjos, uma vez que sua temática mostra certas facetas do personagem Belmiro que coincidem com a biografia do sujeito autoral.

[20] ANJOS, Cyro. Entrevista concedida a Homero Senna em 1986. Disponível em: http://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/CyrodosAnjos.htm. Acesso em: 01 Out 2018.

Em *O amanuense Belmiro*, outro personagem que escreve é Silviano, conforme segue:

> Fui procurar Silviano esta noite. Estava fora. Joana, que recebeu com bondade, ofereceu-me café e contou-me que o marido anda enfurnado em casa, dia e noite, a escrever, a escrever sempre. Está fazendo um livro. Talvez seja esta a razão de seu sumiço. Saiu hoje apenas para ir à casa de Jerônimo, consultar a biblioteca. (ANJOS, 2006, p. 211-212)

A narrativa explicita as necessidades de exclusão social e de clausura de quem se propõe a escrever. O personagem concentra-se e dedica-se ao ofício de escrever: é com fixação, aproximando-se de uma compulsão, que escreve. A pesquisa em bibliotecas remete às leituras, estudos de autores e obras utilizados na escrita. Esses dois autores, Belmiro e Silviano, se propõem no livro, ao exercício da tarefa da escrita.

A encenação nesse primeiro romance também se refere à publicação do livro de Belmiro: "Não é senão por isso que vivo a hesitar em publicá-lo, perguntando-me, a mim próprio, se acaso ofereço algum espetáculo que interesse aos meus contemporâneos." (ANJOS, 2006, p. 95). O escritor cria um personagem ficcional inseguro e autocrítico, que dialoga com o leitor e solicita desse uma parecer positivo de sua escrita. A resposta sobre a qualidade dessa escrita ocorre após a publicação do primeiro romance, quando Cyro dos Anjos recebeu – em forma de cartas, artigos jornalísticos, resenhas, dissertações e teses – contribuições de aceitação e recepção relevantes sobre *O amanuense Belmiro*.

Ao dialogar sobre a escrita com Silviano, Belmiro indaga quanto tempo o amigo gastaria para terminar de escrever o livro, sendo que aquele lhe responde o seguinte: "– Talvez uns dez anos… É um plano decenal. Só na meditação sobre ele gastei quase dois anos de estudo" (ANJOS, 2006, p. 218). A escrita é considerada como um projeto a longo prazo, gestado sem pressa, o que implica refletir, rever, e reescrever – prática que coincide com a atitude de Cyro dos Anjos, posto que o dado autor elaborava, compartilhava e reescrevia seus textos antes de publicá-los. Tal discussão se estende ao longo da narrativa e, num dado trecho, Belmiro retruca ao amigo da seguinte maneira: "Surge, então, um problema, arrisquei-me a dizer. Aos cinquenta, você já terá, talvez, outro conceito das coisas, inclusive do que seja *vera et perfecta philosophia*. Vai certamente reformar tudo. É o defeito das obras escritas em tanto tempo. Projeta-se uma coisa, sai outra." (ANJOS, 2006, p. 218).

Examina-se a discussão sobre um suposto "fracasso" da obra, de direções adversas pelas quais o texto envereda, uma vez que, à medida em que o escritor vive, transforma seu ponto de vista sobre o mundo e a respeito da estética literária. Cyro dos Anjos declarou certa vez em entrevista sobre esse assunto, declaração essa que pensamos ser relevante para a discussão que propomos neste capítulo: "[…] eu escrevia uma página dez, vinte vezes; sou um

perfeccionista, de modo que para mim, era uma tortura escrever" (RICCIARDI, 2008, p.132). Nas narrativas desse autor, os personagens e o narrador das memórias representam o escritor implícito com a árdua tarefa em realizar obras de literatura, questão essa que também afetava o autor Cyro dos Anjos.

A escrita literária também é encenada em *Abdias*, nas primeiras páginas, quando o protagonista diz: "Já não poderei escrever pela manhã, com a bulha que fazem os meninos" (ANJOS, 1994a, p. 23). O trecho ilustra a necessidade de concentração para escrever e, no dado romance, o personagem sofre porque a rotina do lar dificulta tal atividade. Ele é pai de quatro crianças, precisa dividir a atenção com elas, mas anseia pela reclusa necessária à escrita. A escolha do lugar e do momento para a escrita era inapropriada, diferentemente de Belmiro, que escreve a noite, após o recolhimento dos moradores da casa, o que lhe impede de ser incomodado pelo barulho familiar.

Abdias escreve a respeito de seu amor por Gabriela e, por essa razão, recebe a incriminação de Carlota, conforme segue: "– Com que desplante fala! E o que escreve, não basta?" (ANJOS, 1994a, p. 151). A escrita apresenta a confissão da paixão do marido, o que deixa o personagem em má situação conjugal. Esse personagem, a seguir, afirma que "[t]alvez fosse o rascunho de uma das páginas que tenho escrito, ultimamente. Guardo tudo neste Gabinete do Arquivo e, quando volto, de tarde, para casa, examino os bolsos, com cuidado, para ver se nada ficou neles de inconveniente." (ANJOS, 1994a, p. 151). O fragmento evidencia a escrita sendo reprimida, escondida e guardada pois declara segredos do homem que ama uma moça, apesar de ser casado. Abdias se defende da mulher da seguinte forma: "– Rabisco tanta tolice, que não sei a que você quer aludir. Só posso dizer que de nada lembro ter escrito que pudesse ofendê-la." (ANJOS, 1994a, p. 151). O jogo do protagonista consiste em mentir e esconder sua escrita, uma vez que essa pode comprometê-lo. A escrita literária inclusive é um jogo de mentiras e verdades, através do qual o autor transpõe seus sentimentos pessoais para a ficção. Lembrando que escrever sobre personagens significa viver, por alguns momentos, a vida deles, como se o sujeito autor se identificasse com o personagem Abdias e nele se projetasse.

O terceiro romance, *Montanha*, apresenta personagens que também são escritores de literatura, como nos outros dois primeiros romances desse escritor. A primeira encenação da escrita se dá com Pedro Gabriel, após esse personagem compor alguns poemas: "Me intimava a reunir os poemas que fiz para Naná. Com que veemência protestou, quando respondi que os rabisquei por brincadeira..." (ANJOS, 1994b, p. 13). Os poemas amorosos em homenagem à amada podem comprometer o homem, que sente tentado em publicá-los, mas a preocupação social o deixa intrigado e inseguro com tal decisão.

Mais uma vez, o romance se refere a essa escrita literária, conforme segue: "E, de qualquer modo, não era honesto que eu sonegasse minha contribuição de bissexto à nossa pobre literatura, tão anêmica." (ANJOS, 1994b, p. 13-14). O fragmento é uma crítica à literatura no período de 1940 a 1950, uma vez que o trecho explicita a insignificância e a irrelevância das obras do momento. Da mesma maneira, o personagem se inclui como um escritor insignificante naquele contexto. No entanto, isso é dito porque Pedro Gabriel não está satisfeito com as escritas lançadas então. O conhecimento que se tem é que, nesse âmbito, surgiram grandes escritores com obras relevantes para o cânone literário brasileiro como, por exemplo, *Corpo de Baile*, de Guimarães Rosa, além de outras produções coevas que vieram a ser consagradas como grandes obras. Cyro dos Anjos vivia na capital mineira e tinha acesso aos lançamentos através de recebimentos de livros, divulgações em artigos de jornais, sem contar as rodas de leitores, das quais participava, onde se conversava e especulava sobre lançamentos literários.

O personagem Pedro Gabriel também pondera que o amigo "[v]ia coisas fabulosas nos meus versos. Que dizia mesmo? Fugiam ao *poncif*, ao lirismo incolor dos *novos*, ressumavam poesia autêntica…" (ANJOS, 1994b, p. 14). Esse estilo poético é considerado relevante, dotado de uma elaboração estética detalhada e rica, além da expressão dos sentimentos. Essa é a visão do personagem no romance, que pode se referir a considerações do autor, uma vez que a voz do personagem pode conter identificações e projeções das opiniões do escritor do romance.

A escrita também é representada, neste romance, através da personagem Ana Maria, conforme segue: "O pretexto foram umas crônicas que escrevi no jornalzinho local, umas ingenuidades que hoje me fazem sorrir." (ANJOS, 1994b, p. 79). O fragmento representa a escrita iniciante publicada em jornal, prática recorrente entre escritores de textos literários, ensaios e crítica literária. Naquele contexto, a crônica era um gênero bastante comum entre escritores iniciantes, sendo que a dada obra traz muitas referências a esse estilo.

Outro personagem que atua como escritor em *Montanha* é Pitágoras, um jornalista a quem "[…] acabou me empurrando o artigo do diretor." (ANJOS, 1994b, p. 154). O homem declara que, às vezes, não consegue frequentar eventos sociais porque precisa trabalhar até tarde da noite, a fim de concluir os textos que serão publicados pelo jornal no dia seguinte: "O jornal como vou arranjar-me?" (ANJOS, 1994b, p. 156). E recebe de Diva, sua mulher, a seguinte reprimenda: "Vives feito caramujo, só neste maldito jornal." (ANJOS, 1994b, p. 157). A atividade jornalística representa o trabalho de escrita desse personagem, que explicita suas angústias e insatisfações no texto ficcional. Cyro dos Anjos, em entrevistas, disse que ele e os amigos se dedicaram à escrita jornalística durante muito tempo, enquanto morava em Belo Horizonte. A

propósito, foi em um jornal dessa cidade que ele iniciou sua carreira literária, com a escrita de crônicas.

Nas memórias de *A menina do sobrado*, assim como nos demais romances desse escritor, as cenas de leitura ressaltam a escrita literária do narrador desde a pré-adolescência, o que se comprova através dos seguintes fragmentos: "Ocupava com os artigos para a *Sentinela*." (ANJOS, 1994c, p. 345); "E redigia, com os compadres Newton e Rosalvo, um jornalzinho manuscrito intitulado *Vênus*." (ANJOS, 1994c, p. 60). E, ainda, na seguinte passagem: "de quinze em quinze dias, eu ia submeter-lhe os originais do jornalzinho que fundara com outros rapazes." (ANJOS, 1994c, p. 92). O entusiasmo advindo desse ato, bem como o estímulo derivado dessa atividade, são considerados como uma espécie de "comichão" pelo autor. O trabalho intelectual do narrador se constitui juntamente com sua formação como leitor, romancista e ensaísta de literatura. O anseio do narrador por escrever e publicar em jornais e revistas se iniciaram em Santana e o acompanharam ao longo de sua trajetória de vida em Belo Horizonte, Rio de Janeiro, México, Portugal, Brasília e outros lugares. Em outro trecho, dá-se uma narrativa explícita a respeito dessa escrita iniciante, conforme segue:

> O autor destas linhas, antes editor de jornaizinhos manuscritos pudesse em 1916 – graças à benemerência do Dr. Giovanni Vecchio diretor do jornal eclesiástico *A Verdade* – publicar em letra de fôrma *O civilista*, nome sugerido, ainda, pelos ecos da campanha presidencial de 1909." (ANJOS, 1994c, p. 106)

O livro de memórias permite saber que Cyro dos Anjos tinha dez anos quando começou a escrever para jornais. Apesar do fato que esses jornais eram pequenos e locais, nota-se que o jovem rapaz demarcava seu espaço neste ambiente desde muito precocemente. Esse assunto também é explicitado em outro trecho dessa narrativa, conforme segue: "Nas coisas do espírito, manteria naturalmente o fogo sagrado, rabiscando artigos para o Clarim e para a Sentinela de Santana." (ANJOS, 1994c, p. 221). Por se tratar de um livro que narra a vida de seu autor, observa-se que esse escritor atua de maneira natural e que, ao realizar esse ofício, busca oportunidades no meio cultural e literário para se firmar através da escrita.

Assim, foi possível verificar, nas quatro narrativas de Cyro dos Anjos, desde o primeiro romance até o livro de memórias, que há figurações de cenas de escrita em que os personagens atuam como autores dentro do texto ficcional. Sendo que as memórias encenam o escritor em jornais e outros instrumentos de escrita.

4.2. ESCREVER, PARA QUÊ?

Giovanni Ricciardi perguntou certa vez a Cyro dos Anjos, em entrevista, o seguinte: "O que significa escrever?" O escritor respondeu: "Eu sempre me fiz essa pergunta e até escrevi

um pequeno livro chamado *A criação literária*, estudando o que leva a pessoa a escrever." (RICCIARDI, 2008, p. 134). Cumpre lembrar que a entrevista foi realizada em 1986 e o livro de ensaio é de 1956. O entrevistado, em seguida, confessa: "Até hoje continuo a ter curiosidade e a ler sobre isso. Eu tinha ideia de continuar a estudar esse problema, depois abandonei porque fiquei cansado." (RICCIARDI, 2008, p.135). O escritor tece reflexões sobre o assunto, salienta discussões mas cabe ressaltar que, nesse livro, não há respostas sistematizadas ou orientações sobre a criação literária. Há, decerto, vários questionamentos sobre o tema. O entrevistado finaliza a discussão com a declaração que segue: "Cheguei à seguinte conclusão: é próprio do espírito ser criativo; todo mundo é dotado da faculdade de criar, em qualquer ramo das ciências ou das letras." (RICCIARDI, 2008, p. 135). Em seu texto ensaístico, Cyro dos Anjos havia afirmado que criar é próprio do espírito humano, em uma discussão anterior a essa entrevista. São diversas as reflexões que esse escritor faz sobre o porquê da criação literária, sendo que, nesse estudo, há várias ponderações sobre o dado assunto.

Em *O amanuense Belmiro*, o protagonista esclarece ao leitor implícito o que a escrita proporciona para si: "Encontro-me uma sorte de libertação em escrever estas páginas, e as aflições do dia se dissipam. Mas a lucidez, que me vem, não serve senão para me mostrar que continuo personagem de uma novela de amor" (ANJOS, 2006, p.100). A escrita, para Belmiro, representa uma maneira de extravasar suas angústias e de resgatar a serenidade. Vale ressaltar que a escrita como purgação e libertação é um assunto que Cyro dos Anjos discute em *A criação literária*. Mas, desde o lançamento desse primeiro livro, esse escritor tinha consciência do assunto e conhecimentos literário, adquiridos durante o processo de elaboração desse romance, à medida em que discutia sobre o modo de viver, sentir e pensar do escritor personagem. Cyro dos Anjos foi um intelectual engajado no movimento literário que acontecia na década de 1920, sendo que sua ficção é conduzida por essa voz autoral que se revela, no texto, através desse personagem ficcional.

Em outro fragmento, esse romance explicita por que Belmiro escreve: "Quem quiser fale mal da literatura. Quanto a mim, direi que devo minha salvação. Venho da rua oprimido, escrevo dez linhas, torno-me olímpico" (ANJOS, 2006, p. 197). Escrever é importante conquanto que permite ao personagem libertar-se, aliviar-se e sair da mesmice, da vida pacata e sem graça que vive. O ato de escrever torna-o um criador conduzido pelo impulso inventivo. No ensaio, Cyro dos Anjos pondera, respaldado em Elie Faure, que a atividade estética é a que mais se afirma no homem. O personagem é um escritor ficcional que possui um tom reflexivo e angustiante, de maneira semelhante com esse autor vivenciou em sua carreira literária, conforme revelado por meio de entrevistas e cartas.

As escritas ficcionais de Belmiro e Silviano possuem determinados propósitos: “Descobri o segredo de Silviano: transferir os problemas para o diário e realizar uma espécie de teatro interior” (ANJOS, 2006, p. 197). Para esse personagem, escrever possibilita desabafar e expurgar as emoções. Ainda, no dado romance, tem-se que Belmiro escreve porque: “Pelo sim, pelo não, melhor será não sabotar o Belmiro flautista. Deixá-lo esparramar-se no papel, reduzi-lo a coisa escrita é o meio mais eficaz de liquidá-lo e, com ele, a donzela. Esta literatura íntima é a minha salvação.” (ANJOS, 2006, p. 171). A escrita, para os dois homens, também possui a função de desabafar angústias, dores e dilemas que compõem o cotidiano dos personagens. Essa exposição foi discutida no ensaio por Cyro dos Anjos, ao referir-se aos motivos pelos quais Taine escreveu. Essas referências completam as citações do parágrafo anterior, em que a escrita é vista como uma forma de desabafo e transbordamento.

A utilidade da escrita é considerada em *Abdias* conforme o fragmento em que se lê: “Para os seres de nossa espécie, ler e escrever é mais importante que viver. Substituímos monstruosamente a vida pela ficção.” (ANJOS, 1994a, p. 40). A identidade do personagem se constrói com a satisfação de ler e escrever, com a pulsão criativa necessária para enfrentar o árduo cotidiano. Ao substituir a vida pela ficção, o personagem cria outra forma de sentir e viver, que acaba se tornando indispensável para viver. Cyro dos Anjos, em entrevista a Ricciardi, afirma: “Escrever para mim sempre foi uma espécie de compulsão genética: o sujeito escreve porque nasceu com aquilo: é genético.” (RICCIARDI, 2008, p.141). Mais uma vez, torna-se possível comparar a gênese da escrita com as reminiscências da criação humana. No dado ensaio, esse autor pontuou que o escritor transpõe elementos de sua experiência e de seu contexto para sua escrita, o que muitas vezes passa despercebido para certos leitores.

Para Abdias, a escrita tem como objetivo propiciar desabafo: “Carlota, perdoa-me os meus desvarios” (ANJOS, 1994a, p. 181). Assim sendo, a função de escrever torna-se um processo terapêutico à medida em que o narrador faz as pazes com sua consciência. Mais adiante, esse personagem revela que “A pobre página, que precede esta, foi escrita dias depois da morte de Carlota, numa noite em que tentei, na expressão dos pensamentos encontrar alívio para a angústia que me oprimia” (ANJOS, 1994a, p. 181). Dessa maneira, o homem se desculpa com a mulher e, por que não dizer, com o leitor real de seu texto, que é informado de sua paixão por Gabriela, apesar de Abdias ser casado e ter desejado a morte da esposa para casar com essa. Para Abdias, escrever é uma maneira de confessar os erros e remorsos através desse exercício. Cyro dos Anjos, no ensaio *A criação Literária*, atesta que o escritor enriquece a sensibilidade e a consciência humana através do que traz em sua escrita.

Abdias afirma, em acréscimo, que a escrita era realizada conjuntamente, conforme segue: "Eu escrevia e tu bordavas, de quando em quando me interrompendo para contar qualquer coisa acerca dos meninos" (ANJOS, 1994a, p. 181). O marido divide sua presença com a mulher e com a escrita, uma vez que ambos se dedicavam a atividades que geravam prazer e descontração. A metáfora do bordado está relacionada à escrita, dada a relação entre tela e texto, entre urdir palavras e tecer tramas. A escrita é um ofício tão trabalhoso quanto o bordado, que requer planejamento e escolha certa das palavras, a fim de se fiar o mundo e a emoção dos personagens no texto. Mas ambas as atividades são igualmente lúdicas. Em carta a Carlos Drummond de Andrade, Cyro dos Anjos diz: "foi tudo o que Marta pôde fiar" (MIRANDA; SAID, 2012, p. 92). Bordar e fiar são palavras que esse escritor usa na concepção para referir-se à tessitura do texto, que condizem com o campo semântico e lexical de palavras escolhidas minuciosamente nesses discursos que aproximam o autor do livro e seu personagem fictício.

O personagem Abdias esclarece sobre sua produção literária com as seguintes palavras: "Exerço, no mundo das letras, atividade modesta. Não sendo criador, minha função é a das muitas formigas que sem cessar carreiam para o celeiro literário os frutos quase anônimos do seu trabalho: um estudo subsidiário, uma pesquisa, pequeno ensaio crítico." (ANJOS, 1994a, p. 159). O protagonista assente, em tom de derrota, a irrelevância de sua produção acadêmica, ao mesmo tempo em que demonstra os gêneros de sua escrita. Nota-se o mesmo teor em Cyro dos Anjos, conforme o autor declarou em entrevista: "Tenho uma obra modesta, pequena e já me sinto aposentado da literatura. Hoje sou apenas um leitor e não sou um deslumbrado comigo mesmo; pelo contrário, sou um escritor que tem uma alta crítica excessiva e inibidora." (RICCIARDI, 2008, p. 139). A fala põe em evidência a opinião pessoal e autoral do escritor. Por ser muito exigente com sua escrita e por ler constantemente obras canônicas de diferentes países e culturas, esse autor almejava sempre a perfeição. O ato de ler e revisar os próprios livros, similarmente, fazia com que os julgasse, criticasse e os reelaborasse muitas vezes. Em carta a Carlos Castelo Branco, após escrever os dois primeiros romances, esse escritor expõe: "Já o chateei bastante com a minha magra literatura, que muito representando para o autor, tão pouca significação tem em si."[21] Verifica-se que o personagem Abdias, assim como o autor Cyro dos Anjos, refere-se aos seus escritos como sendo: anônimos, pequenos, modestos e magros, adjetivos com conotação negativa e pejorativa, atribuídos a uma criação que julgava ser insignificante.

[21] Correspondência de Cyro dos Anjos a Carlos Castelo Branco, que se encontra no Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa, enviada de Portugal em 21 de novembro de 1954. Acesso em 20 de setembro de 2017.

O terceiro romance *Montanha*, também se refere à escrita do jornal como instrumento de informação, denúncias e, principalmente, de notícias sobre política e sociedade. A manipulação da escrita é registrada no livro, sendo associada aos jornais que direcionam opiniões e apoios direitistas ou esquerdistas, como se comprova com o seguinte trecho: "Agora o *papa-constituições* de novo insiste no encontro pessoal dos chefes dos Partidos e seus jornais fazem uma encenação enorme." (ANJOS, 1994b, p. 33). Esse veículo de comunicação era manipulado pelos políticos, contendo até mesmo ameaças, vigentes em um momento em que havia muita repressão no Brasil.

A escrita jornalística era, entretanto, um meio importante de divulgação: "Não li ainda os jornais da manhã, o jornaleiro está hoje atrasado. Apanhei foi o resto de noticiário da *Rádio Carioca*." (ANJOS, 1994b, p. 45). Mesmo com as notícias do rádio, o jornal impresso era muito usado para aquisição de informações. É interessante notar que havia boatos sobre discussões do contexto, as quais eram aguardadas para serem confirmadas pelos jornais: "Li os jornais da tarde. Podia-se prever. Fazia já duas semanas que esses reacionários se reuniam, sem decidir coisa alguma." (ANJOS, 1994b, p. 144). O leitor de jornal anseia pelo modo como seus textos irão abordar assuntos polêmicos perante a sociedade no referido contexto.

A escrita de jornal, na dada obra, também constrói personalidades: "O homem é tal qual pintam os jornais e as anedotas." (ANJOS, 1994b, p. 168). A escrita sobre os políticos permite aos leitores conhecerem o caráter e as falcatruas desses homens. E, diga-se em acréscimo, é um lugar de denúncias: "Amanhã, 30.º dia da morte de José Henrique. Temem-se distúrbios em Cristália."; some-se ao seguinte subtítulo: "Enquanto Tadeu clama pela punição dos assassinatos de Grota Funda, Pedro Gabriel o responsabiliza pelos acontecimentos." (ANJOS, 1994b, p. 173). Verificam-se duas notícias opostas: de um lado, os estudantes revolucionários que desejam a mudança do regime e, de outro, o político que os condena pelo crime. O jornal tenta se abster de um posicionamento, mas não arrisca opinar livremente pois os políticos detém o poder e reprimem a liberdade de expressão. O romance esclarece como é o funcionamento dos bastidores de um jornal, conforme segue:

> Redação do *Correio Liberal*, onze da noite, gabinete do diretor. Este se acha sentado no sofá, ao lado de um visitante. Entra, a chamado, um redator. Ordens lhe são dadas: – Faça um tópico bem vivo, elogiando o discurso de Hermeto, ontem em Cristália. Mas meta o pau nessa tese de que basta "uma demonstração de fé democrática como o pleito de Montanha para garantir a estabilidade das nossas instituições." (ANJOS, 1994b, p. 206)

O escritor do jornal possui uma visão direcionada dos acontecimentos, sendo que organiza notícias que propõem reflexão e analisam os fatos do momento por um viés crítico e engajado. O jogo político é bastante repressor e os candidatos, quando contrariados,

prejudicam a empresa de comunicação. Algumas dessas forças agem em oposição, conforme o seguinte trecho: "– Leu o artigo do Coelho Brito hoje? Pouco faltou para pôr Pedro Gabriel nas nuvens." (ANJOS, 1994b, p. 208). Com isso, esse livro revela as experiências de Cyro dos Anjos em duas realidades: como jornalista, posto que escreveu em colunas e, também, no ambiente político, uma vez que trabalhou em gabinetes e secretarias do governo.

Em *A menina do sobrado*, a escrita é discutida com o propósito de divulgação literária, conforme se lê neste fragmento da narrativa:

> Mas o José Osvaldo de Araújo, diretor do *Diário*, em cujas oficinas esperávamos poder imprimi-la, desencorajou-nos secamente. Publicação literária em Belo Horizonte? Todas até ali tinham fracassado. A do grupo modernista, aparecia havia pouco, marchava para o mesmo fim. Onde conseguiríamos dinheiro para mantê-la? Arrancar anúncios a um comércio pobre como o da Capital? Que esperança! Arquivamos o projeto, que só se realizaria três anos depois, modificado: revista mundana, com uma ou outra página literária – a *Cidade Verde*. (ANJOS, 1994c, p. 321)

O fragmento comprova a dificuldade de espaço para publicação de assuntos literários, sejam artigos, contos, crônicas e demais gêneros. A falta de recursos econômicos é a principal causa do fracasso dos jornais, uma vez que os rapazes literatos não possuem incentivo cultural do estado nessas divulgações. O jornal foi um instrumento muito importante para divulgações relacionadas à literatura. Atualmente, há muitas pesquisas de críticos e estudiosos desse assunto, que recorrem a tais textos na Biblioteca Nacional, assim como em outros museus, para analisarem textos dessa época.

A escrita como forma de sustento é trazida para a discussão desse livro, conforme a seguinte passagem: "Que eu refletisse. Jornal não dava dinheiro. Literatura, muito menos. No comércio, podia fazer-me rico." (ANJOS, 1994c, p. 355). Vê-se o olhar da sociedade sobre o narrador, que abandona o comércio para exercer trabalho nesse lugar. Nota-se a necessidade de publicação para manter-se financeiramente com dignidade.

Esse livro de memórias ainda representa a escrita literária como opção de vida: "Doía-me deixar os estudos. Para ganhar a vida, pretendia formar-me em Direito e, para entretê-la, continuar rabiscando tolices que vinham à cachola. Gosto, mesmo, só tinha por literatura." (ANJOS, 1994c, p. 355). Os planos do narrador, que eram os mesmos de Cyro dos Anjos, foram realizados porque esse escritor sustentou a si e sua família com a profissão de burocrata, tendo exercido a escrita literária para sua realização pessoal.

A menina do sobrado ainda se refere à escrita como atividade de trabalho remunerado: "Eu me prostituía como intelectual" (ANJOS, 1994c, p. 417). A voz de Cyro dos Anjos nessas memórias, em tom confessional, se refere à sua atividade de escrita literária como sendo

dispersa, uma vez que necessitava realizar essa ocupação de forma remunerada, o que se contrapôs ao desejo de se dedicar à escrita literária. Nesse capítulo das memórias, o narrador é lamentoso, rancoroso com esse tipo de escrita imposta, que tornava-se um fardo devido às obrigações e à quantidade excessiva com que teria que produzí-la.

Com essas reflexões, é possível perceber que as quatro narrativas do escritor mineiro possuem a voz desse autor como fio condutor do seu discurso, através do qual se posiciona sobre para que escrever e o que implica a escrita. Nos romances, os personagens são escritores ficcionais que têm vozes e refletem sobre a escrita e sua relação nos contextos narrados. Nas memórias, a voz é explicita e adquire tom autoral evidente, apresentando um discurso idêntico àquele que predomina nas entrevistas concedidas por Cyro dos Anjos.

4.3. A DOR DE (RE)ESCREVER

A dor da escrita foi retratada de maneira evidente em alguns momentos nas narrativas de Cyro dos Anjos. Em entrevista a Giovanni Ricciardi, esse escritor afirmou: "[...] eu escrevia uma página dez, vinte vezes; sou um perfeccionista, de modo que para mim, era uma tortura escrever; ao mesmo tempo, que era uma inclinação, era um suplício" (ANJOS, 2008, p. 133). Tal revelação permite conhecer os sentimentos do escritor, sobretudo a dor que sentia ao escrever, uma vez que, insatisfeito com seu trabalho, revia-o várias vezes, até adquirir a forma desejada e próxima da perfeição.

Em seu primeiro romance, *O amanuense Belmiro*, verifica-se que o protagonista se refere à escrita como atividade árdua, conforme segue: "Este mesmo Belmiro sofisticado foi quem matou dois outros livros no decurso dos dez últimos anos. Um, no terceiro capítulo, e outro da décima linha da segunda página." (ANJOS, 2006, p. 25-26). É possível inferir que a falta de prosseguimento do texto se dá uma vez que o escritor se considera sem inspiração para escrever, ou quando a própria escrita é vista como irrelevante ou desinteressante. Em outro fragmento, observa-se sobre esse assunto: "Nestes vinte dias não me saiu uma linha. Já não encontro, no ato de escrever, a satisfação de outros tempos. Pouco há, também que escrever" (ANJOS, 2006, p. 209). A atividade de escrita não proporciona prazer ao personagem, na mesma medida em que crescem suas dificuldades de inspiração e seleção de informações sobre o que deseja registrar.

Em *Abdias*, o personagem homônimo escreve uma monografia sobre as *Cartas chilenas*, ação essa que perpassa a narrativa como um todo. O trecho selecionado expõe sobre o assunto, conforme segue:

Vou pondo em dia as minhas coisas. Ultimei, por fim, as notas que pretendia acrescentar à decantada monografia sobre as *Cartas Chilenas*, e entreguei-as, em definitivo, ao editor da *Revista da Academia*. Para evitar a tentação de novos acréscimos, pedi-lhe que se encarregasse da revisão das provas finais e ponha nelas o *imprimatur*. (ANJOS, 1994a, p. 214)

> Nota-se que essa escrita é um estudo, uma espécie de elaboração científica sob a forma de um ensaio, o que demanda pesquisa e estudo de Abdias. Esse personagem declara ter dedicado muito tempo para o texto, até mesmo por ter realizado muitas reescritas e elaborações. Atitude confessada também por Cyro dos Anjos, quando se referia aos seus hábitos durante o exercício de escrever.

Em *Montanha*, o processo de reescrita é representado com o personagem Pitágoras, em diálogo com Diva:

> – Mas o romance está praticamente escrito... – É o que imaginas. Terei de repensá-lo todo e de reescrevê-lo mil vezes, até que fique como desejo. *Sente-se*, *vê-se* uma coisa e na hora de escrever sai outra... É para desanimar. (ANJOS, 1994b, p. 157)

O trecho comprova a elaboração árdua do personagem, que possui uma perspectiva bastante pessimista e desanimadora em relação à própria escrita. A afirmação do processo doloroso envolvendo a escrita e a reescrita dos livros também converge com as experiências vivenciadas pelo escritor mineiro, encenadas no romance por esse personagem ficcional e declaradas através de cartas e entrevistas.

Em *A menina do sobrado*, a escrita como atividade árdua, dolorosa é explicitada no seguinte trecho: "Precisava de um amanuense-redator, e convidou-me para o seu gabinete." (ANJOS, 1994c, p. 414). O narrador diz sobre seu trabalho como "escriba", que realizava as atividades postas no texto de memórias: "Telegramas e telegramas, cartas e cartas, a ler, a responder, uma loucura." (ANJOS, 1994c, p. 415). A escrita torna-se uma forma de trabalho e de sustento, não mais uma atividade de prazer e encanto com a ficção. Nesse livro, o mesmo assunto é apresentado em outros fragmentos, sendo que em um deles o narrador afirma que: "Os discursos, esses me davam vontade de morrer." (ANJOS, 1994c, p. 416). A confissão do narrador demonstra desencanto em produzir textos exigidos pelo ofício que desempenhava, descrito como um trabalho que não lhe causa prazer.

No capítulo "O Birô, o espelho", o narrador reconhece e conversa consigo mesmo: "Deixasses a obra emergir como uma flor singela e tímida. Não a cobiçasses opulenta ou profunda, luzente ou sutil. Tu a assustaste. Obras menores também têm lugar ao sol." (ANJOS, 1994c, p. 418). Esse texto memorialístico demonstra que a exigência e o perfeccionismo impediram que Cyro dos Anjos escrevesse mais ou deixasse a imaginação fluir, sem se preocupar tanto com a crítica e com as leituras que se faziam de seus textos. Perrone-Moisés

discute que a obra tem dois polos, o escritor e o leitor, e esse escritor mineiro, enquanto leitor de si, recria seu texto através de leituras e reescritas. O fato de esse autor ter sido leitor de sua própria obra, acrescido de uma busca quase obstinada pela perfeição, muitas vezes comprometeu os escritos de Cyro dos Anjos, sendo que boa parte deles pode ter sido eliminada ao passar por reescritas.

Em todos essas obras narrativas de Cyro dos Anjos pode-se comprovar a escrita como tarefa difícil, posto que requer revisar, refazer, reelaborar e rever. Essa recorrência conduz à verificação de que a força divina não proporciona ao escritor privilégio para elaborar seus textos. Entretanto, o prazer literário – individual e subjetivo – faz com que esse exercício prossiga e que o autor termine seus livros iniciados.

4.4. O CADERNO: OBJETO USADO PARA A ESCRITA DE DIÁRIO

A escrita surgiu desde o final do Neolítico, aproximadamente há 5500 anos antes da Era Comum. Ao longo dos séculos, as representações da escrita eram registradas em materiais diversos, o que sinalizava a capacidade inventiva e recursiva dos primeiros humanos. Há comprovações dessa prática desde as manifestações mais rudimentares. Quando os personagens de Cyro dos Anjos escrevem, no século XX, eles fazem uso de um caderno para registrar o cotidiano e suas memórias ficcionais.

No primeiro romance, *O Amanuense Belmiro*, evidencia-se que o personagem utiliza ativamente o dado objeto, com o qual estabelece um sentimento de afetividade, conforme segue: “Este caderno onde alinho episódios, impressões, sentimentos e vagas ideias, tornou-se a minha própria vida, tanto se acha embebido de tudo o que de mim provém e constitui a parte mais íntima de minha substância” (ANJOS, 2006, p. 95). A partir disso, nota-se a importância do dado instrumento para narrar a vida cotidiana, desabafar ou registrar as reminiscências literárias. Belmiro vive o cotidiano, assinala-o no romance e dialoga com o leitor: “Devem ter notado (publicarei, mesmo, estes cadernos?)” (ANJOS, 2006, p. 170). Os utensílios compõem a escrita do personagem que pretende publicar seus conteúdos. Em outro trecho, encontra-se: “Em verdade vos digo: o que escreve neste caderno (...).” (ANJOS, 2006, p. 198). As citações se referem ao caderno como *locus* para a escrita. Pode-se perceber que o objeto dá forma à narrativa e constitui a escrita de Belmiro, sendo que o romance todo é construído paralelamente à estória que esse personagem narra.

O caderno é, ademais, a prova que inocenta Belmiro, conforme segue: “consigno, aqui, minha gratidão a estes cadernos: para alguma coisa serviram, tirando-me de apuros com a Polícia” (ANJOS, 2006, p. 152). O personagem, ao ser preso, se vale dos registros nos cadernos que foram recolhidos. No fragmento do livro, ainda observa-se o seguinte: “Com aflição e

vergonha vi, em suas mãos, os três cadernos." (ANJOS, 2006, p. 149). Ter sua escrita lida e comentada pelo delegado não agrada ao personagem, uma vez que seu texto era um diário íntimo e não pretendia compartilhá-lo com estranhos naquele momento.

O diário é um gênero utilizado por Cyro dos Anjos para compor a estrutura estética de *O amanuense Belmiro*, sendo que essa discussão está presente no texto, de acordo com o que é exposto: "Quem escreve um Diário (afinal, estou escrevendo um Diário...)" (ANJOS, 2006, p. 73). É nítido o domínio do narrador quanto ao gênero sobre o qual escreve, uma vez que esse primeiro livro – em forma de diário – é considerado como um romance pela crítica literária, desde a época em que foi escrito até a atualidade. O conteúdo formal discutido pelo personagem é uma marca estilística que Laurent Jenny denomina de metaficção, recurso utilizado pela ficção para discutir a temática da própria construção literária.

O narrador dialoga com seu leitor implícito e afirma o seguinte: "Não pude terminar o relato de minha conversa com Silviano." (ANJOS, 2006, p. 104). O livro cria um leitor implícito como forma de aproximação do que é trazido nessa escrita. No mesmo romance, páginas à frente, em outro fragmento, é possível encontrar o seguinte: "em que venho deixando notas de um ano aqui" (ANJOS, 2006, p. 149). As características do diário são expostas na narrativa, conforme observa-se em outro fragmento: "Um bom burocrata deve obedecer, no relato dos acontecimentos, à ordem cronológica, e, segundo esta, é Glicério quem está em primazia." (ANJOS, 2006, p. 155). Os cadernos são usados para registrar as notas e relatos diários que compõem um dado contexto, vindo a tornar-se um recurso metaficcional que compõe esse livro, característica particular usada pelo escritor montesclarense.

Além desse personagem, *O amanuense Belmiro* apresenta Redelvim, jornalista e escritor que fora preso, como se pode ler no trecho que segue: "A polícia dera-lhe busca na casa, levara-o à delegacia para explicações e lhe tomara os melhores livros, bem como seu diário, que de nada vale, diz ele, mas o acompanha há longos anos, e é coisa de estimação" (ANJOS, 2006, p. 120). A escrita desse personagem está relacionada com suas leituras. O caderno torna-se, assim, uma prova para a investigação da escrita. A repressão da escrita no Brasil ocorre, mais intensamente, desde o século XVI, sendo que, em diversos momentos do século XX, livros foram queimados e escritores exilados. O caderno é a escrita inicial do que virá a adquirir formato de livro. Nota-se que as agitações políticas repressivas se firmam com o governo de Getúlio Vargas, tendo sido percebidas pelo escritor mineiro, que representou esse dado momento político e social com a prisão dos dois personagens do romance.

Em *Abdias*, o protagonista também usa o diário para registro da escrita, conforme segue: "É provável, aliás, que passe a guardar este caderno no gabinete, no Arquivo Histórico, onde

não estará mais ao abrigo dos olhares de Carlota." (ANJOS, 1994a, p. 23). O caderno é prova de traição sentimental do personagem, que está enamorado pela aluna. O objeto pode incriminar Abdias, ao passo que absolve Belmiro e Redelvim. No segundo romance, observa-se, igualmente, a discussão do gênero utilizado na composição de seu texto, conforme explicita o seguinte trecho: "É uma pena que não se trate de Diário. Um dia talvez classifique estas notas, segundo o gênero e a espécie, como convém um professor de literatura, mas no momento eu não saberia fazê-lo" (ANJOS, 1994a, p. 24). O narrador Abdias deixa sua marca de professor, intelectual e estudioso do assunto que vem a marcar a estética de seu livro. Nota-se, paralelamente à voz de Abdias, a voz do autor que perpassa o texto, através do discurso do narrador. Assim como o personagem no papel, Cyro dos Anjos também desempenhava essas atividades relacionadas à literatura.

A escrita diária no caderno é vista pelo narrador do seguinte modo: "Não pude terminar a narrativa do que se passou anteontem. [...] Já basta o prejuízo que, com frequência, dou ao Arquivo, ultimamente, escamoteando-lhe para escrever estas notas, horas de trabalho que deviam ser dedicadas ao exame de nossos códices" (ANJOS, 1994a, p. 87). O narrador estabelece um diálogo com o leitor e declara que dedica seu tempo para cuidar do Arquivo, trabalho esse que deveria ser feito pelo Museu. As cartas de Cyro dos Anjos enviadas a Carlos Drummond de Andrade são escritas em folhas com timbre dos locais públicos em que trabalhava. O que é possível pensar que, enquanto cumpria horas no emprego público, o escritor realizava suas propensões literárias particulares.

A confissão de Abdias sobre a escrita do diário se constitui, no romance, conforme é colocado no seguinte fragmento:

> Não quero fazer-me pior, nem melhor. Desde que venho escrevendo neste caderno minhas confissões (precisamos confessar-nos ainda que a nós mesmos!) e que o simples Diário do professor, destinado aos acontecimentos da vida escolar, se tornou repositório de tudo quanto acontece comigo, minha única preocupação tem sido a fidelidade. Às vezes me sai uma página apaixonada, em que me deixo arrastar pelas palavras; mas logo volto atrás, risco tudo, começo de novo, até que a verdade se mostre pura, despojada do que a imaginação lhe acrescenta. (ANJOS, 1994a, p. 134-135)

O autor cedeu lugar a um ser de papel que se confessa registrando vivências e acontecimentos do colégio. O personagem se preocupa em escrever os fatos como ocorreram, da maneira mais próxima possível da realidade, apesar de que a verdade tem várias versões. O ponto de vista é pessoal e a própria transcrição anula o sentido de verdade, tornando-a apenas uma simulação. Nem o diário e tampouco as memórias são textos verdadeiros: neles há simulações trazidas para o texto. Assim como o primeiro romance, esse segundo tem relação

com a metaficção pelo nível de conteúdo formal com que a ficção está representada dentro da ficção.

Em *Montanha*, a personagem Ana Maria também possui um caderno, cujas características são expostas a seguir: "[...] o caderno grosso de capa escura." (ANJOS, 1994b, p. 74). Da mesma maneira que Belmiro, Silviano e essa moça registram as vivências, sendo que essa recusou-se a escrever quando estava acometida pela tuberculose: "Quatro meses sem escrever, para não deixar neste caderno o testemunho de minha degradação." (ANJOS, 1994b, p. 88). Nota-se que Cyro dos Anjos era um escritor que reconhecia as mudanças dos papeis femininos na sociedade, o que culminou com a criação dessa figura, uma mulher determinada, estudiosa, graduanda em Direito, e leitora que faz uso do caderno para a escrita do diário, conforme se observa a seguir:

> A pena pregar um susto em Pedro. Morreria de medo ao saber que manipulo um *Diário* – isto é, uma substância altamente perigosa, suscetível de ser difundida pelo Brasil inteiro, graças ao invento de um cavalheiro chamado Gutenberg! Quanto não daria S. Ex.ª para poder queimar tudo isto e espalhar as cinzas, cautelosamente." (ANJOS, 1994b, p. 74-75)

O romance define o gênero como sendo perigoso, uma vez que constituiu provas do relacionamento de um político casado com uma moça. O amado temeria se soubesse do diário da amante, da mesma maneira como Abdias temia que Carlota encontrasse e lesse seu diário. O gênero é perigoso porque, nesse caso, apresenta as confissões diárias de acontecimentos verdadeiros, sendo que a moça o utiliza como lugar para confissão, desabafo e elaboração, conquanto que ela registra nele suas angústias e incertezas em relação aos sentimentos amorosos e problemas existenciais.

O diário de Ana Maria surge no romance a partir da página duzentos e dois, com destaque em itálico. Esse recurso serve para delimitar a narrativa do livro e a escrita do diário da personagem. Verifica-se o espaço que o escritor dá a essa figura, pondo sua voz na enunciação em forma de diário. Cyro dos Anjos considera essa personagem da seguinte forma: "A pequena Ana Maria nada tem a ver com as balzaquianas daquele nosso amigo. Essa criatura é a minha paixão de presque-cinquentenário: não mexa com a vida dela, Castelo."[22] A comparação dessa figura feminina, realizada por Carlos Castelo Branco, se dá em função do sofrimento amoroso da moça, que fora acometida pela tuberculose e, segundo esse, apresenta características similares às figuras do escritor francês. A defesa de Cyro dos Anjos se dá uma vez que Ana Maria é a personificação de um novo perfil da mulher brasileira, à frente de seu

[22] Carta de Cyro dos Anjos a Carlos Castelo Branco, datada de 20 de setembro de 1954, que se encontra na Casa Rui Barbosa, no acervo de Carlos Castelo Branco. Consultada pela pesquisadora em 20 de setembro de 2017.

tempo, que vive em capitais e possui liberdade de escolhas nos ambientes que ocupa, tendo demarcado seu lugar nessa sociedade desde as décadas de 1927, através da conquista do voto feminino, seguida do trabalho no espaço público desde 1940, consolidando-se a partir de 1950.

Foi possível aferir que os três romances de Cyro dos Anjos representam o caderno como objeto de escrita e que os personagens fazem uso do gênero diário para registros de experiências do cotidiano, angústias, dores existenciais e amores mal resolvidos. Em *A menina do sobrado*, seu narrador não utiliza esse objeto como instrumento para escrever. Tampouco há referência à prática do gênero diário. Na época das escritas desse escritor mineiro, o instrumento tecnológico de acesso era a máquina de escrever, conforme pode ser comprovado em sua ficção, na qual os manuscritos são textos que adquirem formato para a escrita, sendo depois digitados nas máquinas de datilografia. A imagem da segunda página deste capítulo ilustra o uso da página manuscrita e datilografada por Cyro dos Anjos. Durante a pesquisa realizada para o presente estudo, não foi possível saber nem ter acesso aos textos originais das narrativas desse escritor. Somente os originais de *A criação literária* se encontram na Fundação Casa Rui Babosa.

4.5. A ESCRITA DE MEMÓRIAS

Neste tópico, será analisada, primeiramente, a narrativa de *A Menina do sobrado*, por se tratar da escrita de memórias de Cyro dos Anjos que rompe com o método usado nos demais tópicos do presente capítulo, no qual as discussões dos romances se deram por ordem de lançamento. A primeira referência que esse livro faz à escrita de memórias se encontra logo nas primeiras páginas, explicando ao leitor implícito qual gênero o narrador irá realizar. No último capítulo, esse escritor confessa a opção de escrita deste livro, em que se encontra registrado o seguinte:

> Medito no alvitre do espelho. Se me consentem acontecimentos miúdos, ou me relevam a desimportância da minha participação dos graúdos, posso ir adiante, matéria narrável não me faltará. A primeira parte deste volume explorou o país da infância; esta entrou pelo da adolescência, até à zona indecisa em que parece ter acabado, e não sabemos se começou já a maturidade. Parou no exato instante em que a menina do sobrado pôs termo à carreira do malsucedido Don Juan. (ANJOS, 1994c, p. 420)

O fragmento vem a ser um esclarecimento do autor ao seu leitor empírico e real, sobre a seleção e os detalhes das memórias que deseja contar. A voz narrativa consciente de homem letrado, conhecedor de teoria da literatura e de composição estética, privilegia temas nostálgicos de sua vida para a composição do último livro. A seleção das memórias que ele optou por contar trata de experiências pessoais vividas, que também constituem os bastidores

de sua criação literária. O narrador justifica que a seleção de informações é proposital, uma vez que deseja registrar esses momentos vividos.

No penúltimo capítulo do livro, "O Birô, o espelho", pode-se perceber a frustração autoral, além de um sentimento nostálgico sobre a escrita literária. A seleção de algumas citações comprova isso: "se não lamento o escritor, também não lamentarei o homem civil e o doméstico." (ANJOS, 1994c, p. 417), e ainda: "Respeitavam o escritor encadeado" (ANJOS, 1994c, p. 417). O narrador confessa os pontos negativos de sua vida como funcionário público, posto que esse emprego restringiu sua dedicação à literatura. Ser encadeado significa ser domesticado, ou seja, não usar seu tempo integral em benefício exclusivo da escrita literária. Em acréscimo, pode-se pensar os dois objetos presentes no título do penúltimo capítulo como uma metáfora da metaficção de Cyro dos Anjos, cuja escrita (representada pelo birô, onde era produzida) refletia a vida de seu autor (espelho).

Em outro trecho, o narrador afirma: "Memórias! Bom ofício para quem perdeu o ímpeto criador." (ANJOS, 1994c, p. 418). Esse livro é o último do escritor, que escreve suas memórias e encerra a carreira literária. Sobre a criação literária, ele pondera que: "– Em certos indivíduos, não muito normais, escrever é compulsão, programação genética. Extravagância da espécie! Ou escrevem ou estouram." (ANJOS, 1994c, p. 418). Essa narrativa expõe o que significa produzir literatura para esse autor ficcional; nesse mesmo sentido, Cyro dos Anjos, em entrevista, proferiu uma fala muito próxima daquela no trecho das memórias: "Escrever para mim, sempre foi uma espécie de compulsão genética: o sujeito escreve porque nasceu com aquilo: é genético." (RICCIARDI, 2006, p. 141). Escrever é visto como uma habilidade humana intrínseca, sendo que o instinto compulsivo e a constituição genética são fatores determinantes para a produção literária. A escrita para esse escritor mineiro é inata: o sujeito nasce com uma vontade que faz parte de sua constituição biológica. A gênese literária se funde com a genética humana. Uma leitura das memórias e entrevistas desse escritor permite ao pesquisador compreender que a biografia desse homem se desenvolve de maneira precoce, conjuntamente com sua atividade literária. O birô e o espelho estão emparelhados.

Essas memórias confessam os prêmios recebidos por Cyro dos Anjos por sua carreira de escritor: "O que vi diante de mim foi o papel rabiscado sobre a mesa, a mão segurando a caneta, livros escorados uns nos outros, o Quixotezinho de madeira, o jabuti de bronze (prêmio literário!) e a coruja de vidro me espiando com um grande olho azul pasmado." (ANJOS, 1994c, p. 420). A descrição no livro é da biblioteca desse autor que, atualmente, se encontra no Acervo dos Escritores Mineiros. Sua mesa e cadeira de estudos se encontram à mostra para os

visitantes, que podem ver esses dois objetos com os quais o artista realizava seu ofício laborioso. Os livros de sua biblioteca particular estão disponíveis para manuseio e leitura.

O amanuense Belmiro é apresentado como uma narrativa das memórias ficcionais de Belmiro, conforme segue: "Não se trata, aqui, de romance. É um livro sentimental, de memórias" (ANJOS, 2006, p. 91). Paralelamente ao diário, nota-se que essa narrativa se compõe de memórias do personagem, como é possível comprovar a seguir:

> um desejo não é, porém, cuidar do presente: gostaria apenas de reviver o pequeno mundo caraibano, que hoje avulta a meus olhos. Minha vida parou, e desde muito me volto para o passado, perseguindo imagens fugitivas de um tempo que se foi. Procurando-o procurarei a mim próprio. (ANJOS, 2006, p. 26)

O fragmento mostra a narrativa das memórias passadas do homem, que se revela através de suas raízes interioranas. O narrador esclarece a composição memorialística como um estilo através do qual reconstrói sua identidade com a escrita do passado. Belmiro sempre retorna ao passado e o traz para a narrativa do presente – fatos de outrora, conforme o narrador explica mais adiante: "Examinando-as hoje, em conjunto, noto que, já de início, se compromete meu plano de ir registrando lembranças de uma época longínqua e recompor o pequeno mundo de Vila Caraíbas, tão sugestivo para um livro de memórias." (ANJOS, 2006, p. 34). O desejo do personagem é recuperar o tempo e o lugar onde viveu para, em seguida, reconstituí-los através da elaboração de um livro.

As memórias de Belmiro são lembranças que adquirem o formato da escrita, conforme é discutido pelo narrador:

> Os acontecimentos que até aqui se desenrolaram e em que desempenhei ora o papel de ator principal, ora o espectador, mudaram, por completo, as intenções deste livro. [...] expus um plano de ir alinhando apontamentos que me permitissem publicar, mais tarde, um livro de memórias. (ANJOS, 2006, p. 91)

O fragmento revela que o narrador desempenha vários papeis neste romance, sendo que Belmiro confessa ao leitor empírico que os "apontamentos" realizados nesse livro despertaram nele o desejo de escrever suas memórias. Belmiro Borda foi o pseudônimo adotado por Cyro dos Anjos quando esse publicava crônicas no jornal *A Tribuna* e, apesar de ficcional, verifica-se que, em muitos momentos, a voz da enunciação remete o leitor real a dados e fatos da vida desse escritor. Belmiro, portanto, metaficcionaliza e autoreferencia a escrita literária, trazendo para o romance a discussão de fomentar a escrita memorialística, que é postergada até 1963, com a publicação de *Explorações no tempo*. Em *Abdias* e *Montanha* não há representação da escrita memorialística. Apenas o primeiro romance e o último livro trazem a escrita de

memória, sendo que a primeira obra representa as memórias ficcionais do personagem, ao passo que a última retrata as memórias de Cyro dos Anjos.

4.6. A ESCRITA DA LEITURA

A escrita da leitura é um recurso metaficcional presente em todo o *corpus* de estudo deste trabalho. Na análise do segundo capítulo, foi analisado como a leitura é representada em todas as narrativas escritas por Cyro dos Anjos. A escrita da leitura é um recurso metaficcional em que há referências a obras lidas, seja pelos personagens ou pelos narradores, referências essas que são trazidas para o romance ou memórias e compõem sua estrutura textual e narrativa, formando uma verdadeira rede de textos, conforme pontuou Antoine Compagnon. Para esta análise, foi necessário agrupar algumas temáticas de leitura para uma melhor organização da discussão. Com isso, a primeira escrita da leitura a ser estudada é a literatura universal, em *O amanuense Belmiro*. O narrador homônimo escreve a leitura como parte do processo escritural ao valer-se do romance *Dom Quixote*, do escritor espanhol Miguel de Cervantes, como se pode perceber no fragmento a seguir:

> É inútil que faças projetos, como outro dia, em que imaginavas um incêndio, uma inundação, um terremoto ou uma guerra, para compareceres, no momento preciso, salvando a donzela, o irmãozinho e a viúva. Amigo, Quixote, todos os cavaleiros andantes já se recolheram e não há mais dulcineias. (ANJOS, 2006, p. 54)

O texto revela um narrador que é leitor do escritor citado, trazendo para seu texto o livro lido a fim de comparar os dois personagens. Essa prática constitui um recurso metaficcional, de acordo com Linda Hutcheon. Observa-se que o romance do escritor mineiro não faz uso de marcações nas citações, sendo que o leitor real acompanha as trilhas de leitura narrativa e lê, também, o romance referido.

O livro *Dom Quixote* também é trazido para a escrita do segundo romance: "E um sonho que nem como sonho se realiza, porque às ilhargas do meu Quixote foi cozido um Sancho" (ANJOS, 1994, p. 29. A). Esse livro foi citado no primeiro romance e no segundo, como recurso intertextual, podendo até mesmo ser designado como uma paródia, dado que a sacralização do passado ocorre ao remeter essa obra clássica, ao mesmo tempo em que a questiona. Essa apropriação acontece na escrita com as leituras, ou seja, ao constituir um processo de memorização em que o romance de cavalaria é revisitado pelo escritor moderno. A leitura trazida mostra identificações e aproximações entre os personagens, além de reverenciar o cânone universal.

O romance *Montanha* se refere a outro herói: "É um aventureiro tipo Renascença italiana, igualmente capaz de gestos magníficos e ações ignóbeis..." (ANJOS, 1994b, p. 31). O cavaleiro não nomeado é comparado a um personagem político do romance, sendo que predomina um tom irônico quanto à comparação entre os dois personagens. Nesse romance percebe-se, ainda, a presença de outro cavalheiro nomeado: "Conhece os *cavalheiros* de Aristófanes? Naturalmente! Pois estamos em situação parecida." (ANJOS, 1994b, p. 33). A referência à peça grega satiriza os cavaleiros políticos com o despropósito das atitudes dos representantes políticos em Minas Gerais, no momento sócio-cultural representado pelo livro.

Os cavaleiros citados são marcas explícitas que constituem a prática da escrita de Cyro dos Anjos, em que a apropriação dos textos clássicos de cultura dominante gera a composição escritural de uma literatura periférica, no caso pelo escritor mineiro, com comparações que atualizam o lido. Tal alusão a obras do passado é um recurso denominado por Leyla Perrone-Moisés como metaliterário.

A *Odisseia* é lida e figura em *Abdias* como um processo de escrita da leitura, conforme pode ser visto no fragmento literário:

> Respondi-lhe brincando que os qualificativos restringiam, e que eu preferia repetir-lhe o elogio que os velhos de Tróia fizeram à beleza de Helena, segundo Homero: "Não nos deve indignar que, por mulher tal, troianos e aqueus de belas grevas há tanto tempo padeçam dores. É admirável ver como seu semblante se assemelha ao das deusas imortais." (ANJOS, 1994a, p. 169)

O romance compara Gabriela a Helena para fazer analogia à beleza e ao encanto das duas figuras femininas. A escrita atual faz homenagem e divulga aquela obra que ultrapassou culturas, continentes e séculos. Em *Montanha*, há referência também a esse mesmo texto: "Tenho de estar sempre a fazer e a desfazer, como Penélope." (ANJOS, 1994b, p. 62). O trecho é um pensamento do personagem Pedro Gabriel que se refere aos acordos políticos que precisam ser realizados e as coligações para se manter no poder. Penélope engana os pretendentes com o tapete e o personagem de Cyro dos Anjos confessa usar estratégias para lidar com suas "manobras" políticas.

A relação com autores do passado é uma forma intertextual de questionar as atitudes que persistem em outros contextos e épocas. A frequência com que o escritor mineiro transforma a leitura do texto literário na matéria de sua ficção compõe um recurso intertextual que permite reavaliar os acontecimentos do passado e os desconstrói, uma vez que provoca o questionamento. A leitura do texto grego *Ilíada* também se faz presente em *Montanha*, quando o narrador se refere à política, especificamente à Revolução de Isidoro, conforme segue: "Melhor teria sido mencionar Aquiles, ferido no calcanhar antes de cair Tróia." (ANJOS, 1994b,

p. 254). O efeito de sentido da leitura no texto atual é uma recuperação que compõe a relação intertextual por paráfrase, à medida em que cita a obra e o leitor real. Percebe-se a fonte que o autor leu e seu registro na narrativa forma uma relação textual entre as duas obras.

Em *A menina do sobrado*, o herói de aventuras impresso na escrita se refere a Marco Polo: "Dessa vez, sentia as responsabilidades de uma grande travessia e levava no peito a fome de aventuras e o destemor de um Marco Polo." (ANJOS, 1994c, p. 141). Nota-se que o narrador se identifica com o personagem lido, além do que idealiza e sonha com suas aventuras. A leitura faz alusão e referência a Marco Polo, apresentando-se como uma paródia na qual prevalece um tom conservador em relação ao outro texto. Foi possível perceber que as leituras de textos canônicos, com personagens heroicos e tradicionais remetidos e trazidos para o texto atual de Cyro dos Anjos, atuam como um recurso recorrente em sua obra.

Outra escrita da leitura que o escritor cita são dois contos de fada tradicionais, como pode ser notado em *O amanuense Belmiro*: "Tudo está como dantes, como há doze anos passados. Tudo está como dantes, como há doze anos passados. Dir-se-ia a Bela Adormecida no Bosque, sem a Bela e sem o Bosque." (ANJOS, 2006, p. 206). O narrador compara doze anos de sua vida com cem anos do dado conto, sendo que a falta de novidade é comum nos dois textos: em "A Bela Adormecida", porque as pessoas estavam enfeitiçadas e entorpecidas; no romance, porque o personagem também viveu uma vida letárgica, sem muitas experiências. O personagem utiliza informações memorizadas no consciente que são atualizadas no processo narrativo atual. Esse recurso de materializar a leitura na escrita mostra o leitor com a posição de criador, segundo a discussão de Barthes, através de uma aproximação da leitura transferida para a escrita.

Além desse conto de fadas, em *Abdias* encontra-se outra a referência, desta vez à narrativa de *A Bela e a fera*, na cena em que Gabriela indaga Abdias se ele não iria convidá-la para uma valsa, sendo que ele responde da seguinte maneira: "Que haviam de dizer se a vissem dançar comigo? Era a *Bela* com a *Fera*... (...) Gabriela sorriu, ameaçando-me com o dedo e lembrando-me que a Fera, era um príncipe encantado" (ANJOS, 1994a, p. 140). O diálogo do narrador com o texto lido faz uma comparação entre os dois personagens, a fera e Abdias, composição essa que traz humor, leveza e um tom descontraído ao texto de Cyro dos Anjos. O leitor real também considera a comparação entre Abdias - um quarentão, feio e fora de moda - com a moça bonita, nova e burguesa. No entanto, a fera era um príncipe encantado, apesar da aparência monstruosa. A intertextualidade com o conto de fadas se aproxima da sacralização dos textos, que compõe a matéria da narrativa.

O texto bíblico é mais uma escrita apresentada na obra de Cyro dos Anjos, com referência em *Abdias*, através do fragmento em que se lê: "Tenho vivido, nestes dias, dum aborrecimento que não conhece fim. Penso nas palavras de Jó: "A minha alma tem tédio à minha vida: soltarei a minha língua contra mim: falarei na amargura da minha alma?" Atingi o fundo da solidão e do desconsolo." (ANJOS, 1994a, p. 207). O narrador demonstra ser muito pessimista e apresenta seu sofrimento ao comparar-se com o personagem bíblico, dado que não consegue elaborar o luto pela morte da mulher. Essa identificação ilustra a representação do repertório de leitura do narrador, além de usar a leitura como matéria-prima para a construção estética no romance.

A referência à escrita desse mesmo texto também se faz presente na narrativa de *Montanha*, durante uma celebração religiosa, na qual invoca-se a citação do evangelho de Matheus, XIX, 24: "vede, irmãos, que neste passo Jesus não empregou figuras, não usou metáfora, não falou em parábola." (ANJOS, 1994b, p. 218). Na mesma página, tem-se o seguinte trecho: "*Em verdade vos digo que um rico dificultosamente entrará no reino dos céus*. Como os discípulos se assombrassem destas palavras (Marcos, X, 24)." (ANJOS, 1994b, p. 218). Os textos bíblicos são destacados em itálico e citados no romance. O objetivo desses é persuadir os fiéis a respeito de práticas e atitudes religiosas como direcionamentos sociais, financeiros e emocionais. Essa menção a eles relaciona o conteúdo que o romance traz com os ensinamentos ideológicos da Bíblia.

Nesse mesmo romance, o texto bíblico é aludido da seguinte maneira: "E vim pensando naquilo que está no *Sermão da Montanha*. "Bem-aventurados os mansos; porque eles possuirão a terra." (ANJOS, 1994b, p. 215). A leitura nos dois livros demonstram leituras de Cyro dos Anjos do texto bíblico, lembrando que é possível encontrar uma edição significativa do texto bíblico em seu acervo. O discurso religioso serve como comparação e ideologia a ser seguida e, com isso, portanto, verifica-se a relação intertextual com a tradição que sacraliza e apropria dos valores do catolicismo para questionar atitudes atuais e modos de conduta social.

A escrita da leitura como recurso textual, realizada por Cyro dos Anjos, também cria identificações com outros escritores brasileiros, sendo que o primeiro exemplo encontrado em *O amanuense Belmiro* é o de José de Alencar: "Eis o lado melancólico do São João, do Natal e do Ano-Bom. Cada ano, ao vê-los chegar, verificamos que a paisagem do passado vai ficando mais azul, mais distante, como aquela serra que azula no horizonte, além, muito além da qual nasceu Iracema" (ANJOS, 2006, p. 54). A relação de Belmiro com suas recordações melancólicas remete a um tempo passado que é exaltado, assim como em *Iracema*. O escritor do Romantismo exalta uma pátria e um passado. Pode-se pensar que a escrita dessa leitura desconstrói o outro texto,

apesar de demonstrar as obras que o escritor mineiro leu, sendo que todas elas se inserem na construção canônica.

Machado de Assis é um escritor da literatura brasileira que tem sua obra citada por Cyro dos Anjos, no processo de construção textual, conforme o fragmento que se segue: "O rio antigo traz-me imagens machadianas que amei na adolescência" (ANJOS, 2006, p. 199). A imagem geográfica da capital brasileira de outrora, a cidade do Rio de Janeiro, se faz pela lembrança que o personagem guarda do texto lido. Em outro trecho desse romance, encontra-se:

> Percorrendo a Rua Matacavalos, pensei, com saudade, naqueles cavaleiros que andavam de tílburi; jogavam voltarete e tinham, sobre o mundo, pensamentos sutis. Divisei, a um canto, o vulto amável de Sofia e tive dó de Rubião. A meus ouvidos, mana Rita fazia insinuações (Cale a boca, mana Rita...). Em certo bonde, que me pareceu puxado por burricos, tive a meu lado Dom Casmurro, e lobriguei, numa travessa, dois vultos furtivos à luz escassa dos lampiões: Capitu e Escobar. (ANJOS, 2006, p. 200)

O protagonista narra, em primeira pessoa, sua viagem ao Rio de Janeiro conforme o espaço ambientado pelo romance de Machado de Assis, recriando, assim, a leitura em sua escrita atual. Belmiro conhece e se relaciona com Bentinho, ao mesmo tempo em que afirma a traição no romance machadiano. A leitura escrita pelo protagonista do romance apresenta efeitos de significação do tempo passado com o presente da escrita, conforme foi recriada por Cyro dos Anjos e passou a fazer parte da estória de *O amanuense Belmiro*. A escrita dessa leitura é denominada de recurso metaliterário por Leyla Perrone-Moisés.

Esse autor também é trazido para a configuração do terceiro livro de Cyro dos Anjos, *Montanha*, em conversa de Pedro com Ana Maria, conforme é apresentado: "Como você, tem uns olhos oblíquos que inquietam." (ANJOS, 1994b, p. 77). O fragmento aproxima a personagem desse romance a Capitu, em que compara os olhos das duas mulheres, permitindo atribuir um sentido enigmático a essas personagens. Nesse romance a relação é de comparação, demonstrando a leitura do escritor que seleciona autores que admira, lê e reescreve. Além do que revela a construção canônica de escritores brasileiros sendo trazidos para a obra do escritor mineiro, como José de Alencar e Machado de Assis.

A escrita da leitura também se faz com a poesia de Luís Vaz de Camões, em *A menina do sobrado*, em uma passagem na qual o narrador afirma: "num passo que a mim, analista compulsório de Os Lusíadas, lembrava o de Vênus, a avançar para Júpiter e implorar-lhe proteção para os portugueses, contra as ciladas de Baco." (ANJOS, 1994c, p. 243). A leitura é escrita e passa à composição das memórias, sendo que esse mesmo narrador revelou a leitura da literatura portuguesa que o adolescente leu na versão infanto-juvenil. Esse recurso

expressivo de escrita recria a leitura, aproximando-se, assim, da discussão de Borges ao reler a invenção literária.

Em *Abdias*, o poeta que o professor homenageia é Alphonsus de Guimarães, ao citar a estrofe de um poema do escritor simbolista ouropretano: "Como se moço e não bem velho eu fosse/ Uma nova ilusão velha ilusão veio animar-me/ Na minh'alma floriu um novo carme/ O meu ser para o céu alcandorou-se." (GUIMARÃES apud ANJOS, 1994a, p. 79). Citar leituras era uma prática recorrente no escritor montesclarense que, ao utilizar-se dessa concepção criadora, fazia com que seu leitor tivesse que recorrer a estratégias de leitura para acompanhar os outros livros referendados em seus romances. Nota-se que os versos são citados integralmente e os temas trazidos passam a compor a narrativa atual, legitimando o escritor de Ouro Preto através da obra de Cyro dos Anjos. Uma vez que esse traz um poema de tom melancólico, pode-se pensar que a escrita desse escritor se refere à condição humana, posto que é marcada por dilemas existenciais.

Alphonsus de Guimarães também é trazido para a escrita de *A menina do sobrado*, conforme o fragmento: "Desafortunadamente, noite neutra da Capital nova não possuía o feitiço, o romance, a enraizada vivência da noite marianinha, [...] não havia alphonsianos castelos." (ANJOS, 1994c, p. 288). A memória da leitura é trazida e passa a compor o texto do escritor de Montes Claros. A relação intertextual com o escritor simbolista, nesses dois livros, se dá em forma de admiração e homenagem, além de incitar o leitor real de Cyro dos Anjos a ler a poesia do simbolista como constituição canônica da literatura brasileira.

Além desse, mais um poeta mineiro é evocado no processo de escrita de Cyro dos Anjos é Carlos Drummond de Andrade, numa passagem em que Belmiro sonha com os versos desse escritor e cita-os em seu diário: "Mundo mundo vasto mundo/ Se eu me chamasse Raimundo/ Seria uma rima, não seria uma solução./ Mundo mundo vasto mundo,/ Mais vasto é meu coração." (ANDRADE apud ANJOS, 2006, p. 227). O leitor de Cyro dos Anjos não lê somente seu texto, mas também, o poema citado, formando uma teia intertextual complexa. Carlos Drummond de Andrade foi um grande incentivador e crítico daquele, conforme foi possível verificar em correspondências analisadas no segundo capítulo deste estudo. Notam-se a admiração e a correspondência entre o personagem e os versos. No seu processo de criação, o autor do romance alinhava sua escrita com a leitura de outros livros. Esse recurso estético sacraliza e nomeia o poeta itabirano como cânone da literatura brasileira desde 1937.

O personagem Belmiro, em outro momento do romance, afirma: "E sou sempre *gauche*. Quando converso, as melhores ideias fiam cá dentro, sem encontrar expressão, e frequentemente digo coisas que não deveriam ser ditas e que, de ordinário, são coisas não

pensadas" (ANJOS, 2006, p. 111). O termo *gauche* é uma expressão que Drummond usa no "Poema de Sete Faces", publicado em *Alguma Poesia*, livro de estreia do amigo, escrito antes do lançamento de *O amanuense Belmiro.* No trecho do romance há, ainda, a confissão do protagonista que se identifica com o poema do amigo, sendo que essa leitura citada passa a fazer relação do processo narrativo atual.

Cyro dos Anjos demonstra, assim, sua leitura como recurso de escrita. Conforme exemplificado neste tópico de estudo, esse recurso é recorrente em todas as suas narrativas. Os personagens dos romances e o narrador das memórias remetem às leituras realizadas, trazendo-as para a composição enunciativa dos textos. Em entrevista a Christina Autran, em 23 de maio de 1970, esse escritor afirma o seguinte:

> Tudo o que lemos influe em nós de certa forma, não acha? Acredito que seja mais acertado falar em *afinidade* do que em *influência*. Quando nos apaixonamos por um autor, é porque existe, entre ele e nós, uma certa consanguinidade de espírito. Imitar um autor, ninguém consegue, nem que o tente deliberadamente. E vou dizer um truísmo, se é que já não disse outros nesse bate-papo: a obra só tem significação na medida em que traga algum recado muito especial, que só o seu autor, e não outro, poderia dar. Imitar, só os macacos. (ANJOS, 1970, p. 235).

A afirmação dada na entrevista citada se refere à afinidade com autores realizada pela leitura presente na obra de Cyro dos Anjos, recurso esse que é reconhecidamente utilizado por ele. A partir da análise empreendida neste capítulo, verifica-se que a escrita da leitura como construção e composição das narrativas ocorre tanto nos romances como nas memórias do escritor montesclarense, em que fazem homenagem, cristalizam, identificam, criticam e satirizam os textos lidos. A afinidade com os autores lidos passa a compor a narrativa desse autor como processo de significação. A crítica de 1937 sobre *O amanuense Belmiro* frisa as influências recebidas por esse autor como processo de significação. No entanto, essas especulações não são muito precisas, pois o que o escritor mineiro faz, na verdade, é uma elaboração estética e temática particular que registra a leitura como composição de escrita. O texto de Cyro dos Anjos é outro texto, assim como o leitor Borges, escritor de Pierre Menard, cria outro texto mesmo referindo-se à sua leitura de *Dom Quixote*. Em entrevista, Cyro dos Anjos confessa a Giovanni Ricciardi: "são livros de caráter intimista, retratando ambientes literários em geral." (RICCIARDI, 2008, p.140). Com isso, verifica-se a afinidade de Cyro dos Anjos em criar ambientes literários, sendo que sua obra é composta por personagens, leitores e escritores ficcionais. As citações – ou recriações – que transporta para seus livros passam a compor a estrutura narrativa e temática do autor mineiro.

Em *A menina do sobrado*, a escrita da leitura pode ser vista como uma tentativa de preservar e, ao mesmo tempo, de questionar a tradição, construída através do repertório de cânones em sua escrita, com a legitimação de Proust, Camões, Machado de Assis, José de Alencar, João Alphonsus, Drummond e outros escritores, europeus e brasileiros, no momento em que Cyro dos Anjos escrevia suas memórias. A escrita da leitura desse autor mineiro faz parte de sua composição estética, como estilo ou forma de composição ficcional.

4.7. POESIA FRANCESA E OUTRAS INFLUÊNCIAS EUROPEIAS

A escrita da leitura de autores franceses se constitui de maneira predominante com poetas desse país, conforme pode se constatar no primeiro romance desse escritor: "Lembram-me um verso de Baudelaire: '*Tes yeux sont la citerne où boivent mes ennuis...*' concluiu com um ar vago, cismador". (ANJOS, 2006, p. 105). O livro cita os versos do poeta francês e, no romance do escritor mineiro, eles servem para demonstrar a desilusão do personagem, que compartilhava dos mesmos sentimentos explicitados nos versos de Charles Baudelaire. O personagem Belmiro também lê os poemas de Lamartine, como o trecho explicita: "Se não me detenho a tempo, cairia em pranto, como o herói de Lamartine". (ANJOS, 2006, p. 116). O escritor sustenta sua escrita com as leituras realizadas, conforme o leitor real pode ler nos dois textos, o do escritor francês e o escrito por Cyro dos Anjos.

Outra menção de poesia francesa é feita com estes versos do dramaturgo francês Molière, citados em francês: "*Profitez du printemps/ De vous beaux ans,/ Aimable jeunesse;/ Profitez du printemps*..." (ANJOS, 2006, p. 219). O escritor ficcional Belmiro, que narra o livro, ao transpor esses versos tece reflexões sobre a efemeridade da vida, incitando que o momento presente deve ser aproveitado porque é passageiro. Ao apresentar os versos de Molière, o autor mostra seus sentimentos de identificação e homenagem com o escritor francês e, assim sendo, de uma maneira bastante explícita, essa relação intertextual passa a compor a construção estética do escritor mineiro.

No mesmo romance, além desse, é encontrada uma referência ao escritor Racine: "*Lendo* Andromaque, *este verso de Racine ficou a bailar-me na cabeça*: Ah! Je l'ai trop aimé pour ne le point haïr..." (ANJOS, 1994b, p. 87). Outra vez, a citação em francês proporciona erudição aos leitores, posto que representa a leitura da tradição e referenciação ao cânone europeu como constituição do que liam os personagens ficcionais que, na vida real, eram as leituras prediletas de Cyro dos Anjos.

Outro escritor europeu, mais precisamente espanhol, é apresentado em *Montanha*, quando a personagem Ana Maria lê um livro de Calderón emprestado e copia alguns versos que ali são apresentados, conforme segue:

> Copio aqui estes versos, antes de restituir o livro ao meu vizinho (o da vitrola), senhor já maduro, professor do Pedro II:
> 'Qué es la vida? Un frenesí;
> Qué es la vida? Una ilusión,
> Una sombra, una ficción,
> Y el mayor bien es pequeño;
> Que toda la vida es sueño,
> Y los sueños, sueños son.'
> Belo mais inexato. Um frenesi talvez. Nunca um sonho. A vida nada tem de sonho. É uma realidade tremenda, Señor Calderón! (ANJOS, 1994b, p. 222-223)

A estrofe é trazida no romance, sendo que os versos chamam a atenção da personagem pela temática de que a vida é um sonho; entretanto, a personagem discorda do poeta dizendo que a vida é realidade, não sonho. A leitura dessa personagem agrega aos pensamentos e opiniões que afligem sua alma e proporciona questionar e compreender a vida. O trecho é colocado em discussão e a personagem discorda da afirmação filosófica dos versos. Mais uma vez, o leitor de Cyro dos Anjos se desdobra para ler os dois autores ao mesmo tempo, pois o jogo de leitura que necessita fazer consiste em construir sentido para os dois escritores e estabelecer relações entre eles na constituição textual. Nota-se, no caso dos poetas referidos por Cyro dos Anjos, que ele cita versos lidos na língua francesa, possivelmente com o intuito de ampliar o espaço poético em sua obra. Essa estrutura textual desse escritor faz que o leitor desse escritor tenha que se esforçar para compreender o sentido dos versos na escrita do romance.

O autor inglês que Cyro dos Anjos traz para sua escrita é William Shakespeare. Em *O amanuense Belmiro*, o relato do enterro do personagem é intercalado com sua estória de amor, conforme verifica-se: "Combinadas as coisas por correspondência, fixou-se o casamento, e O Romeu foi buscar sua Julieta". (ANJOS, 2006, p. 175). O personagem, nesse romance, é comparado com o de Shakespeare. A leitura do livro citado, mundialmente consagrado, remete à leitura e ao conhecimento do narrador-personagem, exigindo isso também do leitor real. Esse recurso é uma maneira de reescrever a tradição, desconstruindo o primeiro texto ao mesmo tempo em que demonstra a construção clássica dentro de uma narrativa moderna. Ao estabelecer essa relação intertextual, Cyro dos Anjos refere-se à obra clássica shakespeariana e a traz para o presente.

O livro *Abdias* também faz referência à leitura de *Hamlet*, como apresenta a citação: "'*Frailty, thy name is woman*', diz Hamlet. *Frailty*. Gabriela seguiria certamente o rumo de muitas delicadas flores do capitalismo e da burguesia, que nos iludem com generosos impulsos de adolescência" (ANJOS, 1994a, p. 191). A citação de Shakespeare, em inglês, compara e aproxima

as personagens quanto à identidade e à instabilidade de ambas – Gabriela e Ofélia. Essa escrita é uma relação intertextual que exige do leitor traduzir o texto em inglês para compreender a relação de sentido que há no romance de Cyro dos Anjos. A escrita da leitura de Shakespeare evidencia preferências de leituras do autor, que compõem sua escrita através de sua relação com a leitura.

Mais uma referência intertextual que esse escritor traz em sua escrita é Don Juan, personagem arquetípico da literatura espanhola, sendo que esse é apresentado em *Montanha*, conforme segue: "Fica lisonjeada com o zelo do marido: "Esse Dom Juan parece agora inteiramente regenerado. Se ainda me engana, pelo menos leva-me com jeito." (ANJOS, 1994, p. 21. B). O fragmento mostra o pensamento de Claudia a respeito do marido. No mesmo romance, há outra referência à dada obra: "*Antes, tenho, porém, de acertar contas com esse Dom Juan de fancaria, que se faz ajudar de licores*." (ANJOS, 1994b, p. 86). Esse registro refere-se, no caso, à escrita do diário de Ana Maria. Nota-se que as duas personagens – Ana Maria e Claudia – têm a mesma opinião sobre o galante Pedro Gabriel, que engana a primeira personagem e seduz a segunda.

Em *A menina do sobrado*, esse personagem lendário criado por Tirso de Molina também tem espaço na escrita do escritor mineiro, como é possível comprovar com o fragmento: "Eu, Don Juan-Platônico, arrastava a asa a qualquer saia." (ANJOS, 1994c, p. 285). O sedutor arquetípico novamente é referido, nesse texto memorialístico em que o narrador, como Pedro Gabriel, se identifica com as características astuciosas do personagem espanhol. Em outro fragmento, lê-se a confissão do narrador das memórias: "Amava a muitas, e a cada uma de maneira distinta. Don Juan, um dia isento de sensualidade, outro dia relesmente femeeiro – pobre Don Juan veleitário, quase sempre malsucedido correndo atrás, aqui, de uma carinha angélica." (ANJOS, 1994c, p. 334). Como pode ser visto, a instabilidade amorosa leva o narrador a se comparar e identificar com o personagem espanhol. Através da crítica das atitudes dos homens, esse recurso evidencia a memória da leitura de Cyro dos Anjos, que apropria da cultura dominante em que a atitude masculina é colocada em questionamento. O personagem espanhol complementa a identidade dos personagens que o escritor mineiro constrói porque, ao referir-se a ele, o leitor competente faz analogia do caráter e comportamento do personagem atual com Don Juan.

Em *Montanha* é feita uma referência à obra *Fausto*, do escritor alemão Goethe, conforme segue: "*Quanta afinidade entre nós! Eis o que me parece um homem verdadeiramente faústico*. (ANJOS, 1994b, p. 75). O fragmento é do diário de Ana Maria, em que ela compara Pedro Gabriel a Fausto. Dado o contexto retratado no livro de Cyro dos Anjos, é possível pensar que a

comparação ocorra devido à atuação e à determinação do personagem nas trapaças políticas, a fim de garantir sua sobrevivência no ambiente governamental. A relação com o livro lido consiste em utilizar o texto do escritor alemão para relacioná-lo a outras figuras ficcionais conhecidas, através das quais evidencia-se o que leu e preserva-se a tradição de obras clássicas.

Outra escrita da leitura é de autores franceses, o que se dá de maneira recorrente no caso desse escritor de ficção, que demonstra suas preferências por autores e obras gálicos. Em *O amanuense Belmiro*, Marcel Proust é trazido à narrativa da seguinte forma: "Moças proustianas em flor" (ANJOS, 2006, p. 59). No livro de Cyro dos Anjos, muda-se o nome do título do romance do escritor francês, que é *À Sombra das raparigas em Flor*. Em 1937, os críticos desse primeiro romance registraram apontamentos sobre o fato de o escritor mineiro ser um leitor desse autor francês, como também de Anatole France, Stendhal, Duhamel, Alexandre Dumas, Baudelaire, Lamartine e Molière, postulando que sua obra tem influências desses.[23] Assim, as leituras realizadas são notadas pelos leitores de Proust e Cyro dos Anjos, na composição da escrita literária do autor mineiro.

Marcel Proust é apresentado também em *A menina do Sobrado*, em que o narrador se refere ao livro *Em busca do tempo perdido*, como pode ser percebido no fragmento: "Mas, num sentimento singular que, noutra altura da *Recherche*, Proust, enfim, decifraria: a instância felicidade produzida pela captação do tempo em estado puro." (ANJOS, 1994c, p. 324). Verifica-se uma comparação entre o narrador da obra proustiana e o narrador mineiro que, da mesma forma, busca o passado através da memória e o reconstrói de diversas maneiras. Seja de maneira ficcional, com personagens que voltam ao passado, ou mesmo com o narrador de primeira pessoa, que explicita suas vivências. A escrita da leitura desse escritor francês é feita em tom de homenagem e admiração e, através da paródia, demonstra o processo metaliterário na constituição da escrita de Cyro dos Anjos.

Outro escritor francês trazido no segundo romance, *Abdias*, é Stendhal, como se pode ver no seguinte trecho: "Essa Ataíde que, na verdade, levou uma vida de heroína de Stendhal" (ANJOS, 1994a, p. 26.) O narrador compara sua personagem com a do francês do século XIX; no entanto, evocar a personagem do escritor gálico leva o leitor a comparar as personagens brasileira e francesa, sendo que era difícil, no caso da personagem Gabriela, identificar sua verdadeira intenção.

Neste terceiro romance, *Montanha*, a escrita traz a leitura de Alexandre Dumas para a composição da narrativa, como é possível observar no seguinte trecho:

[23] Os críticos de jornal que apontaram a inspiração de Proust a Cyro foram: Pinheiro de Lemos; Mário de Andrade; Gualter Gontijo Maciel e Lêdo Ivo; que fazem parte nos anexos do livro: *As leituras de O amanuense Belmiro*, de Ana Paula F. Nobile Brandileone.

> Menino, que rosas lindas! Você se arruína com esta Dama das Camélias. Já proibi que fizeste isto… – Para Dama das Camélias você está muito corada. E que comparação maluca! – É verdade, com estreptomicina e toracoplastia, já não há Damas nem Camélias. Como a vida ficou prosaica, Everardo! – Você tem cada uma… – Everardo, estou hoje incrivelmente romântica. (ANJOS, 1994b, p. 204)

Ana Maria, personagem de Cyro dos Anjos, é comparada com a do escritor francês, posto que as duas adoeceram de tuberculose; no entanto, a brasileira vive numa época em que já se havia descoberto a cura para a doença. Elas viveram afastadas por épocas diferentes, com mais de duzentos anos entre uma e outra personagem, mas se aproximam porque as duas eram donas de suas atitudes: Marguerite era prostituta e Ana Maria era concursada em emprego público. No entanto, ambas eram carentes emocionalmente e tinham conflitos interiores que encadeavam dúvidas, indecisões e atitudes por causa do amor e da forma como precisavam se impor na sociedade em que viviam. Assim, trazer a personagem europeia para o romance brasileiro é fazer uma relação crítica de comparação entre momentos históricos e sociais, durante os quais a literatura faz reflexão sobre temas como: o amor; o preconceito; a mulher exposta a seduções masculinas, além de ressaltar como elas se sentem em seu interior. *A dama das camélias* também foi referido por José de Alencar, em *Lucíola*. Cyro dos Anjos também se refere ao cânone francês como uma forma de valorização e atualização femininas, do mesmo modo que questiona tais concepções sobre a mulher na cultura europeia e brasileira.

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi iniciada em 2008, com o intuito de homenagear e divulgar o escritor mineiro Cyro dos Anjos. Tamanha foi a surpresa da pesquisadora ao perceber que as trilhas textuais do escritor levaram-na a conhecer o interior de Minas Gerais, tal qual essa região fora e ainda se encontra na atualidade, no tocante a aspectos como: meninos que vão e vem dos lugares com liberdade e colhem frutas nas árvores; as viagens a cavalo; os frutos da região comercializados em feiras de marcado, entre outras características locais. A cultura, através das músicas populares, as frutas, os modos de viver – todos esses componentes vão sendo relembrados através da leitura dos textos do escritor de Montes Claros.

O primeiro capítulo iniciou-se com *A criação literária*, considerado um texto ensaístico filosófico que permite uma análise teórica sobre temas da criação literária com os assuntos que foram organizados em três temáticas: "criação literária, escritor e leitor". Os estudos que Cyro dos Anjos faz, respaldado em teóricos e filósofos europeus, consistem mais em forma de questionamentos e provocações do que especificamente em uma teoria que se aplica a textos literários. Neles, esse escritor discute certos conceitos e cita alguns escritores literários com uma linguagem bastante próxima da literária, porém não propõe uma teoria sobre os assuntos levantados mas, explicita seu posicionamento sobre os assuntos. Os temas são disseminados no decorrer no livro, posto que esses foram lançados primeiramente em forma de ensaios curtos em jornais, sendo que esse material, ao ser transformado em livro, permanece com a mesma estrutura, obedecendo a uma sequência realizada pelo escritor. Ao lê-lo, é possível descobrir quão recorrentemente Cyro dos Anjos já levantara tais assuntos nos dois primeiros romances que antecedem a publicação desse ensaio e de maneira mais clara e fluente porque na ficção os personagens são mais explícitos em suas informações através do processo narrativo.

Suas abordagens são relevantes porque demonstram marcas de sua identidade como sujeito letrado, intelectual, estudioso e pesquisador que se debruça sobre assuntos de teoria da literatura, e traz discussões de muita importância sobre essas teorias. Ao acessar a composição genética deste texto, foi possível verificar a escrita de jornal colada em folhas de papel branco, acréscimos e complementos manuscritos isso visa uma nova elaboração dos textos para, ao

final, gerar-se o formato textual de livro como é encontrado as edições lançadas que existe em bibliotecas públicas e particulares, em sebos para aquisição.

O encontro da voz de Cyro dos Anjos no ensaio vai se constituindo a partir da voz do professor que, regido de autoridade, não diz por si, mas por outros também, a respeito dos assuntos que pretende discutir. Após desmembrar os assuntos e separá-los em três temas em que a criação literária está relacionada a compreender o porquê de se criar obras literárias e, no texto de Cyro dos Anjos, o esclarecimento se dá com a afirmativa de que o homem nasce propenso a criar, sendo que tal atitude diz respeito à criatividade e à afetividade pessoal que possui para a escrita literária.

Quanto aos destaques que o texto de Cyro dos Anjos traz sobre o escritor, após a análise de algumas referências, sobressai a assertiva de que ele deve proporcionar ao leitor tornar-se conhecedor dos males, alegrias, angústias, dúvidas, dilemas, frustrações e muitas outras emoções humanas. Ademais, o ensaio vincula o escritor ao leitor pelo pacto de leitura que une ambos, como ação capaz de modificar e ampliar o texto. Essas são as questões teóricas consideradas relevantes na maneira como o escritor mineiro ressaltava sendo que elas não constituem métodos de uso aplicativo. O texto desse escritor traz, outrossim, um emaranhado de assuntos que foram trilhadas cuidadosamente a fim de chegar a essas concepções.

Por se tratar de um texto ensaístico, nota-se que as narrativas literárias explicitam mais os assuntos de criação literária e figuram mais a leitura através de personagens ficcionais e narrador em primeira pessoa do que este texto de Cyro dos Anjos. A teoria da intertextualidade é útil no sentido de verificar que esse escritor possui em sua escrita as marcas de leituras realizada e o assunto de criação literária discutindo em muitos momentos de sua ficção o ambiente literário, publicação e leitura e escrita de livros. Essa prática configura metaficcional recupera as obras lidas por esse autor e sua escrita se compõe esteticamente pela recuperação irônica de outros escritores que às vezes referenda, critica, acrescenta, rasura os textos lidos na composição de sua escrita literária.

No segundo capítulo, o estudo se desenvolveu com a temática da leitura iniciando com as obras de Cyro dos Anjos antes de seus lançamentos, em que nos bastidores de correspondências e entrevistas é possível conhecer o escritor necessitando da leitura de seus livros por amigos próximos que discutiam e davam opiniões sobre seus escritos. Este estudo permitiu conhecer a forma de elaboração de escrita e reescrita desse escritor que elaborava os romances, refaz e amplia *A menina do sobrado* que constituía *Explorações no tempo* e o modo particular desse autor em conduzir sua obra a partir de suas vivências e experiências.

As cenas de leituras em todas as quatro narrativas em estudo mostram que os personagens dos romances se comportam como leitores e os livros são objetos que os acompanham em viagem de trem e a cavalo, doente no hospital, em ambientes de lazer, à noite, antes de dormir, demonstrando que a construção dos personagens ficcionais compõem marcas de identidade de seu autor, que atribui os livros uma forma de vida cotidiana através da leitura.

As cenas de leitura nos romances são apresentadas com os personagens: Belmiro, Silviano, Redelvim e Jandira; Abdias e Gabriela; Pedro Gabriel, Cláudia, Diva e Ana Maria. Em *A menina do sobrado*, a leitura é encenada diferentemente, porque o livro de memórias apresenta os gestos de leitura do pai e narrador. O menino aprende com ele e, quando cresce, procura lugares adequados para realizar a mesma atividade. Os objetivos desse ato pelo narrador são diversos: para obter conhecimento, entreter e conhecer obras literárias brasileiras, portuguesas, espanholas, francesas, alemãs e inglesas, entre outras. Suas leituras vão adquirindo outras especificações, como conhecer melhor a si e ampliar os conhecimentos sobre autores e obras.

As memórias representam a leitura no contexto do modernismo brasileiro em que as leituras ampliam e a convivência na capital, esse torna-se leitor de muitas obras citadas e referendadas no texto, pois, juntamente com os rapazes da capital mineira, o repertório delas é ampliado. A referência a esse movimento em Minas Gerais é uma forma de Cyro dos Anjos registrar como a leitura e as obras constituem uma determinada época do país, até mesmo porque ele estava inserido como participante desse acontecimento.

A leitura crítica realizada em todo o *corpus* em estudo apresenta observações, notas, estudos, imposições sobre obras de literatura para leitura. A leitura com esse propósito é para divulgar obras clássicas, criar identificações com personagens, fazer comparações e mostrar quais obras eram referendadas por seu autor. A leitura para o trabalho intelectual faz conhecer que o professor estuda e pesquisa para discutir em um ambiente escolar assuntos do texto literário que transpõe para experiência a realidade das personagens. Além de leitura para atuar em artigos e textos jornalísticos o que demonstra críticas sobre leituras de obras, sendo que elas aparecem muitas vezes como imposição e sugestões a serem lidas.

Os acervos para aquisição de obras literárias na maioria das vezes são bibliotecas particulares em que o compartilhamento do livro se dá por proximidade entre os leitores que emprestam; poucas vezes são adquiridos com compra e o presente. O compartilhamento além de obras literárias, trata-se de textos filosóficos de diversos autores que tem espaço e demarca a leitura realizada dos personagens que configura a leitura do autor Cyro dos Anjos.

O repertório de obras lidas nos romances se dá através de textos clássicos, universais, modernistas que tem grande variedade desde novelas de cavalaria, textos de Camões, Alphonsus de Guimarães, Eça de Queirós e Machado de Assis, poemas do espanhol Calderón, sem esquecer das leituras sobre sociologia e filosofia; Nas memórias os autores em destaque são: Tolstói, Stendhal, T. S. Eliot, Neruda, Lorca, Shakespeare, Alphonsus de Guimarães, sem contar a leitura de assuntos como filosofia e sociologia, através das obras de Hegel e Kant, entre outros autores. O texto traz o livro *O menino da mata e seu cão piloto*, bem como adaptações de *Os três mosquiteiros*, *O conde de Monte Cristo*, *As memórias de um médico* e outros volumes traduzidos: *Os Miseráveis*, *Notre-Dame de Paris*, *Noventa e três* e, por último, alguns livros de Eça, Machado, Camilo e Herculano. Além desses, escritores como Machado de Assis, Eça de Queirós, Garret, Camilo, Alencar, Bilac e Alexandre Herculano, René, Werther, Adolphe, Racine, Petrarca, Dante, Anatole, Wilde, Bouget, Marcel Prévost, Loti, Zola, Victor Hugo, Lima Barreto, Graça Aranha, Aleixo Paraguaçu, Afrânio Peixoto, Alphonsus de Guimarães, Cruz e Souza, Lautréamont, Laforgue, Francis James, Rimbaud, Gide, Proust e outros. Nesse último livro, verifica-se que o narrador expõe de forma mais explícita sua relação com a literatura e a afinidade como leitor de obras literárias, em que é possível verificar a sua preferência e também, afinado a esse discurso, em suas entrevistas toma-se conhecimento que a identidade do escritor Cyro dos Anjos é bem próxima do que é apresentado em sua escrita ficcional. As obras lidas se repetem nos romances e nas memórias, o que configura a voz autoral sempre permeando como fio condutor de toda sua escrita literária.

No terceiro capítulo “A criação literária de Cyro dos Anjos: o escritor e sua escrita” verifica-se a encenação da escrita por personagens nos romances e nas memórias em que de destaca o ato de criar como temática ficcional discutida através de personagens que atuam como escritores e lidam com as apreensões e angústias da escrita.

A discussão sobre por que escrever também demonstra personagens dos três romances, expondo sua relação de escrita dos personagens que atuam através da escrita ficcional, jornalística e outras em que aproxima essa relação com o escritor Cyro dos Anjos em *A menina do sobrado* em que a literatura é uma forma de vida para esses escritores, que se expõem e desabafam através do ato de escrever.

A escrita é uma tarefa árdua e difícil de ser empreendida: tanto as correspondências quanto as entrevistas do autor demonstram sua angústia para com a escrita em reformulação até concluir o livro. Em *O amanuense Belmiro*, foi possível perceber que o protagonista homônimo, através da ação da escrita, confessa as dificuldades de elaboração, definição de gênero, de sequência de ideias, paradas e retomadas, escrita e reescrita como etapas do

processo de elaboração do escritor. Em *A menina do sobrado*, o narrador de primeira pessoa confessa a dor e desilusão de que sua escrita foi reduzida devido o pouco tempo de dedicação, além de lamentar a atitude perfeccionista do autor em refazer os escritos de forma que isso impediu que sua obra fosse mais vasta e ousada. Esses dois livros, o primeiro em que narra a biografia de Belmiro e o último, as memórias de seu autor são mais explícitas a relação da escrita como atividade trabalhosa que se configura como recorrência de opinião nas quatro narrativas.

O diário é um objeto de escrita dos personagens dos romances: Belmiro, Silviano e Redelvim, Abdias e Ana Maria que identicamente pretendiam transformar seus diários em livro, esses evidenciam os personagens que escrevem em forma de diários e são expostos nos romances a escrita como desabafo, lembrança do passado, correspondendo um material que configura a forma de armazenar a escrita nos cadernos. Esta pesquisa realizada não fez conhecer esse material ficcional das obras de Cyro dos Anjos, uma vez que não se encontram disponíveis em seus acervos públicos. O caderno como forma de diário implica informações confidenciais amorosas em que são expostas como desabafo e perigosas para seus personagens.

O estudo da escrita da leitura nas quatro narrativas mostra que os três romances evidenciam a leitura como componente estético-textual, através do qual demonstram as leituras realizadas, consagram o cânone e identificam personagens de Cyro dos Anjos com os das obras lidas. As citações de estrofes e versos de obras brasileiras são formas de remeter a poetas admirados pelo escritor mineiro. A inclusão de trechos de obras francesas, espanholas e inglesas revela marcas pessoais de um escritor que lê textos e traduz de outras línguas, dado o homem letrado e intelectual que esse escritor mineiro foi. Essa realização intertextual na escrita de Cyro dos Anjos compõe sua escrita metaficcional em que sua obra fala da própria escrita ficcional, tecendo uma rede de assuntos relacionados à escrita de ficção. Os bastidores da construção dos textos em que a técnica do intertexto possui uma relação particular desse escritor mineiro com sua leitura e a memória de sua leitura que escreve seus livros e constitui assim uma marca metaliterária em busca da essência literária.

A leitura serviu como elemento textual de que o autor tomou posse e utilizou na escrita; algumas vezes ele fez uso dela para comparar, ironizar e reconhecer, posto que o autor incorporou os textos que leu à sua escrita. Assim, depreende-se que Cyro dos Anjos possui uma escrita composta de vários textos lidos, o que demonstra que esse escritor leu, absorveu e escreveu com referências canônicas de literatura. Segundo Raquel Guimarães, trata-se de um ritual criativo do autor, bastante presente em narrativas modernas.

As obras utilizadas para compor a escrita da leitura são muitas que foram citadas nos livros de Cyro dos Anjos como leitura, a escrita da leitura é configurar na composição de seu texto parte ou fragmentos das obras de outrem e essa prática configura na escrita desse autor parte de obras lidas trazidas em sua escrita, sendo elas: textos de Homero, Cervantes, Calderón, Proust, Alexandre Dumas, Baudelaire, Shakespeare, contos de fadas, Machado de Assis, José de Alencar, Alphonsus de Guimarães, Carlos Drummond de Andrade e ao texto bíblico. No livro memorialístico, *A menina do sobrado*, a escrita da leitura se dá através da identificação com as obras *A Ilíada*, *Os Lusíadas*, *Don Juan*, *Em Busca do tempo perdido* e com poemas de Alphonsus de Guimarães e outras, esse recurso nas memórias não é tão corrente quanto nos romances.

A partir desses estudos, concluí que Cyro dos Anjos demonstra, em sua escrita, a recorrência da representação de assuntos da literatura, dentre os quais se destacam os temas "leitor" e "escritor", sendo que, através de seu acervo físico, de correspondências e memórias, é possível traçar o perfil do leitor que foi, bem como a elaboração composicional de sua escrita. O discurso de posse da Academia Brasileira de Letras ilustra a análise que fez de Manuel Bandeira, em 21 de outubro de 1969, mostrando como o leitor da obra do outro tem uma percepção sensível e uma escrita elaborada, o que pode ser verificado na formação literária de um homem culto e de um excelente leitor.

A leitura e a escrita figuradas nos romances são de personagens leitores e escritores. As memórias são evocadas através de um narrador em primeira pessoa, estando também vinculadas à voz narrativa do autor Cyro dos Anjos, que multiplica-se em muitas vozes narrativas de narradores e personagens para assumir o papel na enunciação literária. Sabe-se, ainda, que a leitura literária se faz através de muitos jogos interpretativos, em diversas épocas e contextos. É possível pensar que Cyro dos Anjos foi mais leitor do que escritor, como ele aliás o confessa. E após encerrar sua carreira acadêmica, passou a dedicar-se somente à leitura, o que deixa claro que essa era a atividade que lhe dava mais prazer.

Essa é a contribuição que foi possível realizar e espera-se que este trabalho sirva como fonte de consultas e pesquisas para outros estudantes que venham realizar uma investigação sobre a obra do autor. Os resultados apresentados neste momento não satisfazem a todas as perspectivas almejadas, pois sabe-se que muito ainda se pode desenvolver sobre o tema e a obra de Cyro dos Anjos, mas, por hora, "isso é tudo que Marta conseguiu fiar".

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira; MARTHA, Alice Áurea Penteado. **Territórios da Leitura**: da literatura aos leitores. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. II, n. 21, p. 1-34, 1998.

AUERBACH, Eric. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997a.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievski**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. 3 ed. São Paulo: Hucitec; Unesp, 1993.

BARTHES, Roland. O efeito do Real. In: BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. Trad. Costante, Jorge; Gonçalves Isabel. Lisboa: Edições 70, 1976. (Coleções Sigues, nº 20).

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. Trad. Rubens Rodrigues Torres; José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BILENKY, Marlene. **A poética do desvio**: a forma do diário em *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos (Tese de Doutorado – USP). São Paulo, 1992.

BITTENCOURT, Gilda Neves. O conto latino-americano: confronto de imaginários. In.: MARQUES, Reinaldo; BITTENCOURT, Gilda Neves. **Limiares Críticos**: ensaios sobre literatura comparada. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. p. 173-193.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

FÁVERO, Afonso Henrique. **A prosa lírica de Cyro dos Anjos**. Dissertação de mestrado. São Paulo. USP. 1991.

CANDIDO, Antonio. Estratégia. In: CANDIDO, Antonio. **Brigada ligeira**. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004b.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004a.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 7. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

CANDIDO, Antonio**. Recortes**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.

CARA, Salete de Almeida. **A poesia lírica**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

CARDOSO, Rosimeiri Darc. Livrarias e escolas: espaços de mediação. In: AGUIAR, Vera Teixeira; MARTHA, Alice Áurea Penteado (Org.). **Territórios da leitura**: da literatura aos leitores. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. São Paulo, Ática, 1999.

COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Trad. Mourão, Cleonice P. B. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

COSTA LIMA, Luiz. **História, ficção, literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 3. ed. Ver. Atual. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: Eduff, 1986. v. 4 e 5.

COUTINHO, Afrânio. Ciro dos Anjos. In: COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil.** 3. ed. Rio de Janeiro: 1986. v. 5. p. 287-288.

COUTINHO, Afrânio. **Crítica e teoria literária**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFC, 1987.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária**: uma introdução. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999.

DUARTE, Constância Lima. Cyro, Belmiro, Abdias. Intelectuais e sonhadores. In: MARQUES, Reinaldo, SOUZA, Eneida Maria de (Org.). **Modernidades alternativas na América Latina.** Belo Horizonte: UFMG, 2008. p. 178-185.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelo bosque da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FORSTER, E. M. **Aspectos do romance**. Trad. Maria Helena Martins. Porto Alegre: Globo, 1995.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. **O que é um autor**. Lisboa: Edições 70, [s.d.]. p. 128-160.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor**. 6ª ed. Lisboa: Edições 70, [s.d.].

GULLAR, Ferreira. **Sobre arte Sobre poesia**: (uma luz do chão). Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

HAMBURGER, Kate. **A lógica da criação literária**. Trad. Margot P. Malnic. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1986.

HANSEN, João Adolfo. Autor. In.: JOBIM, José Luís. **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 11- 43.

HILL, Telênia. As manifestações artísticas. In: SAMUEL, Rogel (Org.). **Manual de Teoria Literária**. Petropólis: Vozes, 1985.

INGARDEN, Roman. **A obra de arte literária**. 3. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1965.

ISER, Wolfgang. Mimesis e performace. In: ISER, Wolfgang. **O fictício e o imaginário** – perspectivas de uma antropologia literária. Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996. p. 13-33 e 341-363.

ISER, Wolfgang. O jogo do texto. In: JAUSS, Hans Robert. *et al.* **A literatura e o leitor**: textos da estética da recepção. Coord. e trad. Luiz Costa Lima. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 105-118.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: COSTA LIMA, Luiz (Org.). **Teoria da literatura e suas fontes.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002a. v. 2, p. 955-987.

JAUSS, Hans Robert *et al*. **A literatura e o leitor**: textos da estética da recepção. Trad. Luiz Costa Lima. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JOBIM, José Luís. **A poética do fundamento**: ensaios de teoria e história da literatura. Niterói: Eduff, 1996.

JOSEF, Bella. (Auto)biografia: os territórios da memória e da história. In: LEENHARDT, Jacques *et al*. **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

KRISTEVA, Júlia. A palavra, o diálogo e o romance. In.: **Semiótica do Romance**. Lisboa: Arcádia, 1967.

LACAN, Jacques. **Lituraterra.** Disponível em: <http://www.campopsicanalitico.com.br/media/1106/lituraterra.pdf>. Acesso em 24 abr. 2017.

LAFETÁ, João Luiz. **1930**: a crítica e o modernismo. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1994. p. 419-476.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**. Org. Jovita Maria Gerheim Noronha. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha; Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Olhar, escutar, ler**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Trad. Pedro Maia Soares. São Pulo. Companhia das Letras, 1997.

MARQUES, Reinaldo. Memória literária arquivada. **Aletria.** Revista de Estudos De Literatura. Faculdade de Letra. Belo Horizonte, p. 105-118, 2008.

MARQUES, Reinaldo. O arquivo literário como figura epistemológica. **Matraga 21**: Estudos Linguístico e literários. Revista de Pós-Graduação em Letras da UERJ. Rio de Janeiro, p. 13-22, 2007.

MARQUES, Reinaldo; SOUZA, Eneida Maria de (Org.). **Modernidades alternativas na América Latina.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 178-185.

MINDLIN, Dulce Maria Viana. **Ficção e mito**: a procura de um saber. Goiânia: CEGRAF, 1992.

MIRANDA, Wander Melo (Org.). **Narrativas da modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MIRANDA, Wander Melo. **Corpos escritos**: Graciliano Ramos e Silviano Santiago. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. 2 ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1968.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: Prosa. São Paulo: Cultrix, 1983.

MOISÉS, Massaud. Modernismo. In: **História da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1985. v. 5.

MOISÉS, Massaud. O ensaio. In.: MASSAUD, Moisés. **A criação literária:** Prosa II. 17ª ed. São Paulo: Cultrix, 1967.

MONEGAL, Emir R.. **Uma poética da leitura**. Trad. Irlemar Chiampi. São Paulo: Perspectiva, 1980.

MONTAIGNE, Michel de. **Ensaios**: da amizade e outros textos. Trad. Simões, Julia da Rosa. Porto Alegre: RS: L&PM, 2017.

NEEDEL, Jeffrey D. ***Belle époque* tropical**: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada**: história, teoria e crítica. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

PAULINO, Graça; WALTY, Maria Ivete. **Intertextualidades**. Belo Horizonte: Ed, Lê, 4ª ed. 1998.

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil**: entre o povo e a nação. São Paulo: Ática, 1990.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Texto, crítica, escritura.** 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PROUST, Marcel. **Sobre a Leitura**. Trad. Carlos Vogt. 2. ed., Campinas, SP: Pontes, 1991.

RAMA, Angel. **A cidade das Letras**. São Paulo: Brasiliense. 1985

ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: CANDIDO, Antonio *et al*. **A personagem de ficção**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 9-49.

RUBIÃO, Murilo. **O Pirotécnico Zacarias**. 11. ed. São Paulo: Ática. 1986.

SAMUEL, Rogel. Arte e sociedade In.: SAMUEL, Rogel. (Org) **Manual de Teoria Literária**. Petropólis: Vozes, 1985.

SANT'ANNA, Afonso Romano. **Paródia, Paráfrase e Cia**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1991.

SANTIAGO, Silviano. **A vida como literatura**: *O amanuense Belmiro*. Belo-Horizonte: UFMG, 2006.

SANTOS, Luis Alberto e OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais**: introdução à teoria da literatura. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**. Cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo/Belo Horizonte: Companhia das Letras/Editora da UFMG, 2007.

SCHWARZ, Roberto. **Que horas são?** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SOUZA, Eneida Maria. Cyro dos Anjos: A verdade está na rua Erê. In: MARQUES, Reinaldo, SOUZA; Eneida Maria (Org.). **Modernidades alternativas na América Latina**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 56-69.

SOUZA, Eneida Maria; SCHMIDT, Paulo; MIRANDA, Wander Melo. **Imagens da modernidade**. Belo Horizonte: CEL/UFMG, 1996.

SOUZA, Eneida Maria de. Notas sobre a crítica biográfica. In.: **Literatura e Estudos Culturais**. (Org.) PEREIRA, Maria Antonieta; REIS, Eliana Lourenço de L. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

SOUZA, Eneida Maria. A biografia: um bem de arquivo. In: **Janelas indiscretas**: ensaios de crítica biográfica. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011. p. 39-49.

SOUZA, Roberto Acízelo de. A formação de um pesquisador em literatura: proposição de um itinerário. In.: LUCAS, Elcio; Oliveira, Ilca Vieira de. (Org.) **Literatura e Criação Literária**: ensaios críticos. Montes Claros, MG: Unimontes, 2014. p. 285-300.

TACCA, Oscar. **As vozes do romance**. Coimbra: Almedina, 1983.

VIRNO, Paolo. **El recuerdo Del presente**. Buenos Aires: Paidós, 2003.

WATT, Ian. **A ascensão do romance**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da Literatura**. 4. ed. Lisboa: Publicações Europa-América, [s.d.].

ZILBERMAN, Regina. Estética da Recepção e História da Literatura. São Paulo: Ática, 1989.

BIBLIOGRAFIA ESTUDADA

ABL. Academia Brasileira de Letras. **Biografia**: Cyro dos Anjos. 5. ed., Rio de Janeiro: ABL, 2009. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/cyro-dos-anjos/biografia>. Acesso em: 14 fev. 2018.

ADONIAS FILHO. Dois romances que voltam. (1958) BRANDILEONE, Ana Paula F. Nobile. **As leituras de *O amanuense Belmiro***: da crítica jornalística à crítica universitária. São Paulo: Annablume, 2010. p. 230-231.

ANDRADE, Carlos Drummond. Notícias literárias. In: BRANDILEONE, Ana Paula F. Nobile. **As leituras de *O amanuense Belmiro***: da crítica jornalística à crítica universitária. São Paulo: Annablume, 2010. p. 220-221.

ANDRADE, Mário de. Psicologia em análise. (29 de novembro de 1939 - O Estado de S. Paulo). In: BRANDILEONE, Ana Paula F. Nobile. **As leituras de *O amanuense Belmiro***: da crítica jornalística à crítica universitária. São Paulo: Annablume, 2010. p. 196-200.

ANJOS, Cyro dos. **A criação literária**. Salvador: Publicações da Universidade da Bahia, 1959.

ANJOS, Cyro dos. **A criação literária**. Rio de Janeiro: Série Ouro, 1967.

ANJOS, Cyro dos. **A menina do sobrado**. Belo Horizonte: Garnier, 1994c.

ANJOS, Cyro dos. **Abdias**. Belo Horizonte: Garnier, 1994a.

ANJOS, Cyro dos. **Correspondência** enviada de Lisboa em 20/09/1954. In.: Fundação Casa de Rui Barbosa. Consulta em 20/09/2017.

ANJOS, Cyro dos. **Montanha**. Belo Horizonte: Garnier, 1994b.

ANJOS, Cyro dos. **O amanuense Belmiro**. São Paulo: Globo, 2006.

AUTRAN, Christina. Cyro dos Anjos: o repouso da imortalidade. In: BRANDILEONE, Ana Paula F. Nobile. **As leituras *de O amanuense Belmiro***: da crítica jornalística à crítica universitária. São Paulo: Annablume, 2010. p. 234-238.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. Trad. Galvão, Maria Ermantina. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARTHES, Roland. Escrever a leitura e Da leitura. In: BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Obras escolhidas I**: magia e técnica, arte e política. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder**: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio *et al.* **A personagem de ficção**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 51-80.

CANDIDO, Antonio. À sombra do amanuense. Folha da Manhã, São Paulo, [s.d.]. [s.p.]. In: FÁVERO, Afonso Henrique. **A prosa lírica de Cyro dos Anjos**. Dissertação de mestrado. São Paulo. USP. 1991.

CANDIDO, Antonio. Cyro dos Anjos. **Suplemento Literário**. Belo Horizonte, ago. 2006.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo-Horizonte: Editora UFMG, 1999.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária**: uma introdução. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999.

ECO, Umberto. Leitor-modelo. In: ECO, Umberto. **Leitor in fábula**. São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 35-46.

FERREIRA, Maria Rosilva Santos. **Memórias de Cyro dos Anjos**: vida e obra. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

FERREIRA, Geraldo da Aparecida. **Entre a memória e a autobiografia**: narrativas de Cyro dos Anjos e de Darcy Ribeiro. Tese de doutorado. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

FRIEIRO, Eduardo. **A ilusão literária**. 3 ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-memória, 1983.

FRIEIRO, Eduardo. O amanuense Belmiro. In: NOBILE, Ana Paula Franco. **A percepção crítica de *O Amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos (1937)**. São Paulo: Annablume, 2005. p. 121-126.

GOOGLE Imagens. **Fotos de Cyro dos Anjos**, 2018. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?tbm=isch&q=fotos+de+cyro+dos+anjos&chips=q:cyro+dos+anjos,online_chips:família,online_chips:amanuense+belmiro,online>. Acesso em: 16 fev. 2018.

GUIMARÃES, Raquel. **Rastros da leitura, trilhas da escrita**: o leitor em Pedro Nava e Graciliano Ramos. São Paulo: R.G., 2012.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Trad. Cruz, Ricardo. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

ISER, Wolgang. O Jogo. In. **Teoria da ficção**: indagações à obra de Wolgang Iser. (Org.) In: ROCHA, João Cezar de Castro. Trad. Vilar, Bluma Waddington; Rocha, João Cezar de Castro. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In.: **A literatura e o leitor**. JAUSS, Hans Robert et al. Trad. Lima, Luiz Costa. Rio de Jeniro: Paz e Terra, 1979.

JENNY, Laurent. A estratégia da forma. In.: **Poétique**. Coimbra: Livraria Almedina, 1979. p. 05-43.

IVO, Lêdo. A moça e o prosador (1956). In: BRANDILEONE, Ana Paula F. Nobile. **As leituras de *O amanuense Belmiro***: da crítica jornalística à crítica universitária. São Paulo: Annablume, 2010. p. 222-225.

LEMOS, Pinheiro de. *O amanuense Belmiro*, Cyro dos Anjos: os amigos do livro (1937). In: NOBILE, Ana Paula Franco. **A percepção crítica de *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos (1937)**. São Paulo: Annablume, 2005.

MACIEL, Gualter Gontijo. Ciro dos Anjos e *O amanuense Belmiro*. (1944). In: BRANDILEONE, Ana Paula F. Nobile. **As leituras de *O amanuense Belmiro***: da crítica jornalística à crítica universitária. São Paulo: Annablume, 2010. p. 209-213.

MARQUES, Ivan. **Cenas de um modernismo de província**: Drummond e outros rapazes de Belo Horizonte. São Paulo: Ed. 34, 2011.

MARQUES, Reinaldo. A escrita autobiográfica em Cyro dos Anjos. In: MARQUES, Reinaldo. **Suplemento Literário**, n. 1293, p. 18-21, ago. 2006.

MARQUES, Reinaldo. O arquivamento do escritor. In: MIRANDA, Wander Melo; SOUZA, Eneida Maria de (Org.). **Arquivos literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 141-156.

MARQUES, Reinaldo. O arquivo literário e as imagens do escritor. In: **O Arquivo do presente**: arquivo, gênero e discurso. Editora UFMG, Belo Horizonte, 2012. p. 59-88.

MIRANDA, Wander Melo; SAID, Roberto (Org.). **Cyro & Drummond**: correspondência de Cyro dos Anjos e Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Globo, 2012.

NOBILE, Ana Paula Franco. A percepção crítica de *O Amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos (1937). São Paulo: Annablume, 2005.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. A criação do texto literário. In: **Flores da escrivaninha**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 100-110.

PIGLIA, Ricardo. **O último Leitor**. Trad. Jahn, Heloisa. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RICCIARDI, Giovanni. **Biografia e criação literária**: entrevistas com escritores mineiros (1986). Ouro Preto: Editora UFOP, 2008. v. III. p. 127-141.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Riberio Costa. Os intelectuais da Rua da Bahia. In: **Tempos de Capanema**. 2 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.

SCHWARZ, Roberto. Sobre *O amanuense Belmiro*. In: **O pai de família**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 09-28.

SENNA, Homero. **República das letras***.* 3ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

SOUZA, Eneida Maria de. Cyro dos Anjos: A verdade está na rua Erê. In: MARQUES, Reinaldo, SOUZA; Eneida Maria de (Org.). **Modernidades alternativas na América Latina**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 56-69.

SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. O que resta nos arquivos literários. In: **Crítica e coleção**. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2011. p. 192-203.

WALTY, Ivete; PAULINO, Graça. Leitura literária: enunciação e encenação. In: MARI, Hugo *et al.* (Org.). **Ensaios sobre literatura**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2005. p. 138-154.

WERNECK, Humberto. **O desatino da rapaziada**: jornalistas e escritores em Minas Gerais. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SOBRE A AUTORA

GEUVANA VIEIRA DE OLIVEIRA MAIA

Doutora em Letras - Literaturas de Língua Portuguesa na PUC Minas em 2018; Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG - 2011; Pós-Graduação em Literatura Luso Brasileira em 2006; e graduação em Letras-Português pela Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes em 2004.

Professora no curso de graduação de Letras Português, da Universidade Estadual de Montes Claros, com experiência na área de Letras, com ênfase em Português Instrumental, Língua Portuguesa, Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa, Literaturas Africanas, Teoria da Literatura, Estágios Supervisionado e orientações de TCC. Atuou como coordenadora o Subprojeto Interdisdiplinar do PIBID de Letras de 2014 a 2020. É pesquisadora de Cyro dos Anjos, escritor mineiro, com o trabalho de dissertação de mestrado e a tese de doutorado.

9 786553 813632